

Michela da Rocha Iop

**TRAJETÓRIAS DE JOVENS EM PROCESSO  
DE ESCOLHA PELA VIDA RELIGIOSA**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-Graduação da Universidade  
Federal de Santa Catarina para a  
obtenção do Grau de Mestre em  
Psicologia

Orientador: Prof. <sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dulce Helena  
Penna Soares

Florianópolis

2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Iop, Michela da Rocha

Trajetórias de jovens em processo de escolha pela vida religiosa / Michela da Rocha Iop ; orientadora, Dulce Helena Penna Soares - Florianópolis, SC, 2013.

151 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

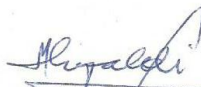
1. Psicologia. 2. trajetórias. 3. processos de escolha. 4. vida religiosa. I. Soares, Dulce Helena Penna. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

*Michela da Rocha Iop*

*Trajetórias de jovens em processo de escolha pela vida religiosa*

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de março de 2013.



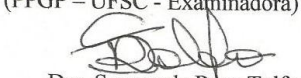
Dra. Maria Aparecida Crepaldi  
(Coordenadora - PPGP/UFSC)




Dra. Dulce Helena Penna Soares  
(PPGP - UFSC - Orientadora)



Dra. Edite Krawulski  
(PPGP - UFSC - Examinadora)



Dra. Suzana da Rosa Tolfo  
(PPGP - UFSC - Examinadora)



Dra. Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro  
(UFF - Examinadora)

Dra. Marilu Diez Lisboa  
(Instituto do Ser - Suplente)

Aos meus pais, Luiz Fernando e Mara,  
os quais sempre incentivaram, subsidiaram e  
apostaram em minhas trajetórias acadêmicas.  
Amo vocês, incondicionalmente!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força maior... Sem Ele esta conquista não seria possível;

Aos meus pais, pelo apoio e motivação na busca pelo mestrado, animando-me e encorajando-me quando o cansaço e as dificuldades apareceram;

À Monique, pela torcida, carinho e paciência em tantas escutas nos meus momentos de angústia. Amo você, minha querida irmã!

À Dulce, pela verdadeira doçura com que me orientou, mostrando-se amiga, parceira, confiante em mim e muito compreensiva em todas as etapas desta caminhada. Você é admirável, Dulce e, com você, aprendi além do que a universidade exige...aprendi um pouco mais sobre a vida;

Às professoras Edite, Marilu, Teresa e Suzana, por terem gentilmente aceitado participar deste importante momento de minha vida, trazendo contribuições enriquecedoras ao meu estudo e à minha formação profissional;

Ao Gabriel, pela compreensão e paciência comigo diante da dedicação que assumi aos estudos, além do incentivo e carinho quando me sentia fragilizada. Seu amor e respeito foram importantes para que eu concluísse esta etapa. Amo você!

À Eliz, amada amiga que escolhi para ser minha irmã, por nossas escutas e desabafos ao longo deste percurso que vivemos juntas. Que possamos estar unidas em outras conquistas!

À minha querida “dinda”, Maria Cristina, pela constante torcida ao meu sucesso e realizações profissionais;

Às colegas do mestrado, Thaysa e Giomara, por terem sido parceiras, atenciosas e possibilitando-me dividir as dúvidas e inseguranças deste momento. Desejo belos caminhos de sucesso a vocês!

À Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, representada pelo Frade Reitor, Frei Renato Pezenti, OFM, por autorizar a realização dessa pesquisa;

Aos jovens seminaristas desse estudo, por terem dedicado períodos de algumas noites, cansados depois de um longo dia com tantas tarefas, para compartilharem suas histórias de vida. A vocês, meus sinceros agradecimentos, e os votos de muitas alegrias ao longo de suas trajetórias.

*Antes do compromisso,  
há hesitação, a oportunidade de recuar,  
uma ineficácia permanente.  
Em todo ato de iniciativa (e de criação),  
há uma verdade elementar  
cujo desconhecimento destrói muitas ideias  
e planos esplêndidos.  
No momento em que nos comprometemos de fato, a  
Providência também age.  
Ocorre toda espécie de coisas para nos ajudar,  
coisas que de outro modo nunca ocorreriam.  
Toda uma cadeia de eventos emana da decisão,  
fazendo vir em nosso favor todo tipo  
de encontros, de incidentes  
e de apoio material imprevistos, que ninguém  
poderia sonhar que surgiriam em seu caminho.  
Começa tudo o que possas fazer,  
ou que sonhas poder fazer.  
A ousadia traz em si o gênio, o poder e a magia.*

Goethe

## RESUMO

IOP, Michela da Rocha. **TRAJETÓRIAS DE JOVENS EM PROCESSO DE ESCOLHA PELA VIDA RELIGIOSA**. 2013. 151 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Fundamentada nos preceitos da psicossociologia e da psicologia social, esta pesquisa teve como público alvo seminaristas da Ordem dos Frades Menores, a qual pertence à Igreja Católica Apostólica Romana. O objetivo norteador do estudo foi compreender as implicações das trajetórias destes jovens em seus processos de escolha pela vida religiosa. Os objetivos específicos pautaram-se em identificar as trajetórias dos jovens em questão, compreender seus processos de escolha pela vida religiosa, conhecer como estão vivenciando o processo de escolha atualmente e investigar seus projetos de futuro. A partir da perspectiva qualitativa, a coleta de informações foi realizada em duas etapas: na primeira utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada e, na segunda etapa, fez-se uso da técnica das trajetórias socioprofissionais. Este instrumento permite ao sujeito reconstruir seus percursos de vida destacando as vivências sociais e psicológicas por ele consideradas marcantes, priorizando os sentidos por ele atribuídos às situações de continuidades e rupturas em suas trajetórias. Foram investigados sete jovens entre 17 e 18 anos, inseridos em um seminário no estado de Santa Catarina, sendo provenientes deste estado, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. A análise das informações ocorreu por meio de núcleos de significação, os quais foram elaborados considerando os objetivos da pesquisa e os temas emergentes nas falas dos sujeitos durante a coleta de informações. Três núcleos foram identificados: revisitando o passado (com dois subnúcleos: entre o lar e a igreja e escolhendo dizer “sim”), vivendo o presente (também com subnúcleos: nova vida, novos pensares e as “pedras” do caminho) e projetando o futuro. O início das trajetórias de vida dos jovens foi marcado por forte presença familiar como mediadora dos sujeitos em sua iniciação religiosa, visto que desde cedo já participavam de atividades na igreja. Suas escolhas pelo ingresso no seminário foram incentivadas também pelo contexto familiar e por vivências sociais relacionadas ao espaço religioso. A forma como estão vivenciando o processo de escolha pela

vida religiosa é marcada por mudanças pessoais, reflexões e críticas às práticas e princípios institucionais. Além disso, enfrentam dificuldades no que concerne à convivência entre eles, falta de suas famílias, manejo da sexualidade, bem como experiências de crise vocacional e incertezas. Os projetos mencionados oscilam entre dúvidas quanto a seguir ou não na vida religiosa e a plena convicção sobre ser sacerdote. No caso dos que expuseram certeza em seguir na Ordem, pretendem trabalhar em prol da sociedade através de projetos, atuando nas comunidades, assim como aprofundar estudos em determinadas áreas. A partir dos achados de pesquisa, entende-se que as implicações das trajetórias dos jovens em seus processos de escolha pela vida religiosa são a forma como estão escolhendo viver hoje, fundamentados nas experiências e vivências familiares e sociais junto ao contexto religioso. Tais implicações reforçam a ideia de que processos de escolha que vivem atualmente não estão desarticulados dos percursos por eles realizados.

**Palavras-chave:** trajetórias, processos de escolha, vida religiosa.



## **ABSTRACT**

IOP, Michela da Rocha. **TRAJECTORIES OF YOUNG PEOPLE IN PROCESS OF CHOOSING RELIGIOUS LIFE**. 2013. 151 p. Dissertation (Psychology Dissertation) – Postgraduation Program in Psychology, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Founded on precepts of psychosociology and social psychology, this research had how target public seminarists of Order of Friars Minor, which belongs to Roman Apostolic Catholic Church. The guideline objective of the study was understand the implications of trajectories of these young people on their processes of choosing by religious life. The specifics objectives were identify the trajectories of the young people investigated, understand their processes of choosing by religious life, know how they are experiencing the process of choice currently and investigate their projects of future. From qualitative perspective, the collect of information was done in two moments: the first, using a semistructured interview guide and, the second, it was used the technique of socio-professional trajectory. This tool allows people rebuild the courses of their lives contrasting the social and psychological experiences that they considered outstanding, prioritizing the means assigned by them for the situations of continuities and ruptures in their trajectories. It were investigated seven young people between 17 and 18 years old, inserted in a seminary on Santa Catarina, from this state, Paraná, São Paulo and Rio de Janeiro. The analysis of the information occurred through core signification, which were done considering the research's objectives and the emerging themes from subject's speech during collect of information. Three cores were identified: revisiting the past (with two subnucleos: between home and church and choosing say yes), living the present (also with subnucleos: new life, new thoughts and stones in the way) and projecting the future. The beginning of young people's trajectories was marked by a strong familiar attendance mediating the subject on their religious initiation, since early they already used to participate in church activities. Their choices by entering the seminary were also encouraged by the family context and social experiences related to religious space. The way they're experiencing the process of choosing the religious life is marked by personal changes, reflections and criticism for practices and institutional principles. Furthermore, they face difficulties concerning the living

together between them, missing their families, the deal with sexuality, as well as vocational crisis experiences and uncertainties. The projects mentioned oscillate between doubts about follow or not the religious life and the full conviction about being a priest. In the case of those who exposed being right in follow the Order, these one intend to work for society through projects and activities in communities, besides the interest in deepen studies in certain areas. From the research findings, it's possible to understand that implications of trajectories of young people are the family and social experiences on religious context occurring from childhood of the them. These implications emphasize the idea that current choice processes of choice are not disarticulated of the paths they done.

**Key-words:** trajectories, processes of choice, religious life.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 INICIANDO A TRAJETÓRIA DE PESQUISA.....</b>	<b>17</b>
<b>3 MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>25</b>
3.1 O OLHAR ATENTO DA PSICOSSOCIOLOGIA.....	25
<b>3.1.1 Concepção de sujeito para a psicossociologia.....</b>	<b>27</b>
3.2 ESCOLHAS E O PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL.....	29
3.3 PROJETO: ALGUNS ENTENDIMENTOS.....	33
3.4 PENSANDO EM IDENTIDADE.....	36
<b>4. A VIDA RELIGIOSA NA ORDEM DOS FRADES MENORES (OFM).....</b>	<b>39</b>
4.1 O CRIADOR DA OFM: BREVE RELATO DA VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	39
4.2 A ORDEM FRANCISCANA.....	41
4.3 ETAPAS FORMATIVAS.....	42
<b>5 TRAJETO METODOLÓGICO.....</b>	<b>45</b>
5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DE PESQUISA.....	46
5.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	47
5.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE INFORMAÇÕES.....	48
5.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	51
<b>6 TRAJETÓRIAS DE VIDA: ARTICULANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO.....</b>	<b>54</b>
6.1 BREVE RELATO DAS TRAJETÓRIAS DOS SUJEITOS PESQUISADOS.....	58
6.2 VIVÊNCIAS, ESCOLHAS E PROJETOS: AS TRAJETÓRIAS DOS JOVENS EM PROCESSO DE ESCOLHA PELA VIDA RELIGIOSA.....	67
<b>6.2.1 Núcleo 1 – Revisitando o passado.....</b>	<b>68</b>
6.2.1.1 Entre o lar e a igreja.....	68
6.2.1.2 Escolhendo dizer “sim”.....	79
<b>6.2.2 Núcleo 2 – Vivendo o presente.....</b>	<b>90</b>
6.2.2.1 Nova vida, novos olhares, novos pensares.....	90
6.2.2.2 As “pedras” do caminho.....	100
<b>6.2.3 Núcleo 3 – Projetando o futuro.....</b>	<b>112</b>
<b>7 REFLEXÕES FINAIS.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>

<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>142</b>
APÊNDICE A – Tabela com teses consultadas.....	143
APÊNDICE B – Modelo da técnica da trajetória socioprofissional.....	145
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista.....	146
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	147
ANEXO A – Trajetórias socioprofissionais construídas por alguns pesquisados.....	148

## 1 APRESENTAÇÃO

*Temos carência profunda e necessidade urgente de  
a vida ser muito mais a realização de uma obra do que  
um fardo que se carrega no dia a dia.  
(Mario Sergio Cortella)*

A chegada ao mestrado e, conseqüentemente, a esta dissertação não foi casual, como acredito que nada seja na vida. Já na infância me via rodeada por livros, papéis e rabiscava algumas palavras, tendo sido presenteada com “O Pequeno Príncipe”, um dos meus livros preferidos, aos seis anos de idade. Certamente meus pais não esperavam que eu o lesse e o compreendesse na época, mas entendo que naquele momento já me deixavam um importante legado: a importância da leitura e do conhecimento. Por volta dos oito anos costumava escrever “historinhas” em folhas grandes de rascunho, em seguida dobrando-as no formato de um livro para, depois de grampeá-las, sentir-me a escritora com a mais importante nova obra produzida. O gosto pela escrita se estendeu em concursos de produção de poesia, no ensino fundamental, e de crônica, no ensino médio, sendo classificada em primeiro lugar em ambas as oportunidades.

Cresci longe da minha família extensa, encontrando-os praticamente duas vezes ao ano e, nas oportunidades em que estávamos juntos, histórias de meus antepassados eram contadas: soube da vinda da família Iop ao Brasil, a qual procedeu da região do Vêneto, na Itália, e se alocou no interior gaúcho; ouvia sobre as brincadeiras de meu pai e seus irmãos; relatos de como era a vida “naquela época”, entre tantas outras narrativas. Pelo pouco contato com avós e tios, a maior parte das histórias familiares me foi contada por meus pais. Minha família é católica, onde a maior expressão religiosa é proveniente do lado paterno, tendo havido nela dois padres (meus tios de quarta geração) e uma freira (tia de segunda geração). Minha avó paterna, hoje com 95 anos, trabalhou durante aproximadamente cinquenta deles dedicando-se à assistência social da Igreja Católica, considerada pelos que a conhecem como exemplo de fé e perseverança nas orações. A mesma função assistencial também foi exercida por minha mãe por aproximadamente dois anos e meio no período em que moramos no estado do Paraná e, atualmente, também é desempenhada por minha avó materna, na mesma cidade em que trabalhou a outra avó (Santa Maria- RS), mas em

paróquias diferentes. Do lado materno, soube que minha bisavó era assídua em orações, rezando diversas vezes ao dia, sempre devota. Meus pais também têm um percurso marcado por atuações junto à Igreja: na infância, meu pai foi coroinha; na juventude, minha mãe foi catequista. Depois de casados e já após um longo tempo morando no Paraná, passaram a fazer parte de diversos movimentos católicos, tais como cursilho, catequese, ministério da Eucaristia, conselho paroquial; atualmente, morando em Santa Catarina, mantêm envolvimento com a Igreja através da pastoral familiar, liturgia de missas, coordenação de ministros da Eucaristia e conselho paroquial. Fiz o meu percurso de catequese em uma igreja regida pela Ordem Franciscana, nela realizando minha Primeira Eucaristia e a Crisma. Minha irmã, seis anos mais nova, também participou de atividades religiosas através da função de coroinha e “franciscaninha” (ela e outras crianças vestidas de hábito franciscano, participavam das celebrações eucarísticas). Todos esses fatos aqui relatados já sinalizam amplamente o quanto minha história de vida se aproxima do tema desta pesquisa e, ainda para complementar, importa mencionar que minha mãe, no ano de 2002, professou votos e passou a compor a Ordem Franciscana Secular (OFS), uma das ramificações da Ordem Franciscana, a qual é composta por leigos que se identificam com os preceitos franciscanos.

A escolha pela Psicologia foi decorrente de consultas a guias de profissões, conversas entre amigas e o famoso “teste vocacional”, o qual foi oferecido pelo colégio e que resultou na seguinte fala por parte do psicólogo no momento da entrevista devolutiva: “aqui está sua psicologia”. Feliz pelo ingresso no curso e curiosa por conhecer a graduação e o contexto da universidade, aos poucos fui entendendo como realmente é a psicologia e me interessando por ela cada vez mais ao longo dos semestres. Descobri-me uma aluna interessada em pesquisas, tendo sido bolsista de iniciação científica junto ao projeto de uma professora, a qual me estimulou a buscar o mestrado por acreditar que eu “levava jeito” para isso. Importa mencionar que a “sina” franciscana não me abandonava: fiz minha graduação em Santa Maria, no Centro Universitário Franciscano...!

Após uma tentativa sem sucesso ao término da graduação e depois de realizar algumas especializações *latu sensu* e adquirir experiência profissional em algumas áreas, resolvi tentar novamente o ingresso no mestrado. A aprovação veio e com ela a certeza de estar dando um passo bastante importante em minha trajetória profissional e

que me levaria a lugares mais distantes. Além de ser um propósito pessoal, tinha clareza de que o mestrado também era um projeto dos meus pais para mim: embora tenha ficado muito mais nas entrelinhas, sabia que este era um dos “sonhos” deles!

No mesmo ano de ingresso no mestrado, fui convidada a trabalhar na formação de seminaristas da Ordem Franciscana, desenvolvendo com eles oficinas de formação humana. O convite se deu por indicação de uma amiga que já havia trabalhado com seminaristas e havia sido chamada para atuar novamente, porém na oportunidade não pôde assumir este compromisso e sugeriu meu nome ao Frade Reitor do seminário. Aceitei com alegria, entendendo a possibilidade de trabalhar com seminaristas como uma oportunidade interessante, já que o trabalho grupal sempre me entusiasmou, mas também fui acometida de insegurança e o receio de intervir com jovens “diferentes”. Entretanto, bastou o primeiro contato com a turma para que meus infundados (pre)conceitos fossem por água abaixo! Conheci jovens tão iguais e tão diferentes de quaisquer outros, assim como todos são. Descobri pessoas divertidas, inteligentes, alegres, dotadas de tantas habilidades distintas, carinhosas e apaixonadas por São Francisco de Assis. Já nos primeiros encontros, sentiam-se à vontade (talvez com necessidade) para contar suas histórias de vida, suas origens, as alegrias e tristezas que traziam consigo. Saía de lá sempre com vontade de voltar e entender um pouco mais sobre cada um deles, sensação geradora de uma importante ideia em uma quarta-feira à noite, ao deitar-me para dormir. Apreensiva pela demanda de definir tema e problema de pesquisa no primeiro semestre do mestrado e mobilizada pelas histórias pessoais relatadas pelos seminaristas, entendi que aliar estes dois aspectos “resolveria” ambas as inquietações.

Embora já soubesse que “jovens e escolha profissional” não estava mais nas intenções de assuntos a ser orientados pela professora Dulce, assim que pude, compartilhei com ela minha ideia de pesquisar a escolha de jovens pela vida religiosa. Após fazer algumas perguntas sobre o que me levou a pensar nesta questão para pesquisa, Dulce aceitou a proposta deste estudo de forma acolhedora, cativada pelo tema. Sua aceitação foi decorrente de identificar-se com o assunto por ter tido vivência religiosa na infância e juventude, além de admitir um carinho especial por São Francisco de Assis.

Apesar de todos os dilemas e adversidades enfrentados ao longo dos dois anos de elaboração desta dissertação, transitar pelas trajetórias

de vida dos seminaristas aqui pesquisados foi uma tarefa muito agradável e gratificante.



## 2 INICIANDO A TRAJETÓRIA DE PESQUISA

*O que vale na vida não é o ponto de partida  
e sim a caminhada. Caminhando e semeando,  
no fim terás o que colher.*  
(Cora Coralina)

As escolhas são imprescindíveis no cotidiano de qualquer pessoa. Escolher é um ato realizado desde muito cedo na vida, incluindo aqueles referentes a aspectos simples, como optar pelo objeto para brincar ou pela roupa para vestir. Na medida em que cresce, o ser humano se depara com escolhas mais complexas, as quais podem trazer consequências significativas em sua vida. Escolher sempre remete à ideia de exclusividade, de perda, pois, ao fazer uma opção, abdica-se de várias outras. Em algumas situações, a renúncia implícita na escolha torna esta ação mais árdua, principalmente quando algumas decisões muito delicadas e transformadoras precisam ser tomadas em momentos de transições no ciclo vital, como na adolescência. Assim, há escolhas que se tornam mais importantes nesta fase, como, por exemplo, a escolha profissional.

Ao pensar sua escolha profissional, muitos jovens sentem-se inseguros, temerosos, sem clareza acerca de seus reais anseios e, também, sobre os fatores influentes nessa tomada de decisão. De fato, a opção profissional não é algo fortuito, porquanto o homem que faz a escolha não pode ser afastado de seu contexto, o qual o determina e por ele é determinado. Aguiar, Bock e Ozella (2009) destacam a melhor escolha como aquela feita quando o jovem tem conhecimento de si, porém percebendo-se como um sujeito histórico e social, em transformação. Nesse sentido, é indispensável estar ciente acerca dos diversos fatores políticos, socioeconômicos, familiares e psicológicos, os quais, em algum grau, interferem na opção profissional de um jovem (SOARES, 2002).

Considerando a importância de atentar para as experiências vividas como sendo influentes na escolha profissional, conhecer os caminhos trilhados ao longo da vida dos sujeitos torna-se um meio rico para compreender as opções efetivadas. Um recurso auxiliador no amplo acesso aos percursos realizados pelos sujeitos é a técnica da trajetória socioprofissional, a qual foi utilizada primeiramente na França e que

consiste em possibilitar articulações entre os fatores sociais que compõem e podem influenciar as histórias individuais. Assim, diante da questão da escolha profissional, a técnica ajuda a investigar se tal opção está relacionada às trajetórias socioprofissionais do sujeito (SOARES; SESTREN, 2007). Ao realizá-la, propõe-se ao indivíduo desconstruir sua história para reconstruí-la e compreendê-la, a partir da junção das histórias individuais e sociais por ele vividas. Ao analisar as trajetórias é possível uma compreensão acerca do quanto as experiências de vida contribuem ou não para as escolhas relacionadas ao âmbito social, econômico, afetivo e profissional do sujeito. E, às reflexões aqui referidas acerca do ato de escolher e da função das trajetórias socioprofissionais para a compreensão das relações entre histórias de vida e escolhas, soma-se, ainda, um caso em especial no que tange à escolha: aquela pela vida religiosa.

De acordo com documento que consta no site do Vaticano, denominado “Decreto *Perfectae Caritatis* – Sobre a conveniente renovação da vida religiosa” (2013), publicado no ano de 1965, pelo Papa Paulo VI, existem algumas exigências imprescindíveis para a vivência da vida religiosa. Neste decreto consta que, independente da congregação a ser seguida, os sujeitos que optam pela vida religiosa precisam doar a si mesmos, renunciando às exigências mundanas e dedicando-se exclusivamente a Deus. Espera-se a prática de virtudes, em especial a humildade, obediência, fortaleza e a castidade, despojamentos nos quais Jesus Cristo também praticou. Espera-se, também, o cultivo da oração, o tempo para meditação e leitura da Bíblia Sagrada, além de que sempre “amem fraternalmente os membros de Cristo, reverenciem e amem com espírito filial os seus pastores, vivam e sintam mais e mais com a Igreja e dediquem-se totalmente à sua missão” (DECRETO...2013).

Dentre as várias congregações possíveis de ser escolhidas por quem quer seguir a vida religiosa, uma delas é a Ordem dos Frades Menores (OFM) (também conhecida por Ordem dos Franciscanos ou Ordem Franciscana), a qual pertence à Igreja Católica Apostólica Romana e é a congregação religiosa fundada por São Francisco de Assis. Esta se iniciou na Itália no século XII e chegou ao Brasil com a entrada dos portugueses no país, no ano de 1500, através de Frei<sup>1</sup> Henrique de Coimbra, o qual orientava a caravana dos missionários e

---

<sup>1</sup> Corresponde também à nomenclatura “frade”, diz respeito ao religioso pertencente à Ordem criada por São Francisco de Assis.

celebrou aqui a primeira missa. A partir da entrada deste representante da Ordem Franciscana, gradativamente outros freis foram chegando à terra brasileira, atuando predominantemente na catequização dos índios e construção de igrejas.

Ao longo dos anos, a presença franciscana foi se tornando mais forte no país, até que, segundo Daher (2012), em 15 de julho de 1675 o Papa Clemente X criou a Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, sendo esta uma espécie de “sede” da Ordem Franciscana, fazendo-se presente, atualmente, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Dados obtidos até 31 de dezembro de 2010 contabilizaram a presença dos franciscanos em 110 países, estando distribuídos da seguinte forma: 1000 na África e Oriente Médio; 3413 na América Latina; 1461 na América do Norte; 1301 na Ásia-Oceania; 4507 na Europa ocidental e 2465 na Europa oriental. Até esta data tinha-se o total de 14.247 homens compondo a Ordem em todo o mundo, dentre os mais diversos graus da vida religiosa (desde as etapas formativas, até os graus de padre ou bispo, por exemplo), sendo que no Brasil, mais especificamente, até 08 de junho de 2011, eram 388 componentes (A fraternidade..., 2012).

No que se refere à forma de os jovens se aproximarem da Ordem Franciscana, Kulkamp (2012) expõe que esta é mediada pelo Serviço de Animação Vocacional (SAV), o qual se faz presente nas diferentes fraternidades<sup>2</sup> da Província. Este serviço atua na sensibilização desse público para conhecer o propósito de vida franciscana e, assim, acolher os que se interessarem por ela. A atuação do SAV ocorre, principalmente, nas ocasiões em que as fraternidades organizam encontros de oração com a comunidade, missões populares, festas religiosas da Ordem, entre outros eventos que possam despertar a atenção de jovens para a vida franciscana. Este trabalho é efetuado por um frei que é designado Animador Vocacional pelo Ministro Provincial<sup>3</sup>, através de acompanhamento e preparação dos interessados em fazer a formação para o ingresso na Ordem Franciscana.

Para melhor desenvolver esta etapa, a Província Franciscana possui casas em alguns lugares do Brasil nas quais os jovens permanecem durante um período acompanhados de frades orientadores,

---

<sup>2</sup> Forma como são denominados os locais onde vivem os frades.

<sup>3</sup> É o superior dentro da Ordem dos Frades Menores.

buscando conhecer melhor a si mesmos e os preceitos da Ordem Franciscana. Este período é considerado um momento de discernimento e pode acontecer de duas formas: caso o jovem já tenha concluído o ensino médio, é encaminhado para as Fraternidades de Acolhimento Vocacional (FAVs), onde fica, num primeiro momento, durante cinco meses, em uma fraternidade com outros poucos jovens e, em um segundo momento, é direcionado para outro local, reunindo-se com todos os demais que estiveram em outras casas, ocorrendo ao longo de quatro meses.

No caso de jovens que ainda não concluíram o ensino médio, estes são direcionados para um seminário<sup>4</sup>, no estado de Santa Catarina, onde vivenciam o mesmo propósito de discernimento e conhecimento da Ordem Franciscana, além de cumprirem o currículo escolar do ensino médio como os alunos de outras escolas. Ao atingirem o 3.º ano são considerados pertencentes à etapa denominada Aspirantado, visto que, ao mesmo tempo em que frequentam a última fase do ensino médio, incluem-se como aspirantes à etapa posterior, o Postulantado, esta a primeira etapa da formação inicial na Ordem Franciscana (KÜLKAMP, 2012).

O seminário catarinense acima referido foi onde a pesquisadora atuou ao longo do ano de 2011, conforme já explicitado na apresentação desta dissertação. O trabalho foi desenvolvido com os alunos do 2.º e 3.º anos, semanalmente, e tendo cada encontro uma hora e meia de duração. Minha vivência profissional esteve diretamente relacionada à concepção trazida, sabiamente, por Minayo, a qual menciona que “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (2011, p.16); ou seja, instigada por compreender as trajetórias daqueles alunos antes do ingresso no seminário e como ocorreu tal opção, decidiu-se tornar estas inquietudes o foco de estudo no mestrado. Assim, as trajetórias socioprofissionais destes jovens que vivenciam um processo de escolha pela vida religiosa, especificamente na Ordem Franciscana, é o tema da pesquisa que me propus a realizar.

A opção por este estudo também é explicada pelo fato de a psicologia raramente se ocupar em pesquisar este público. Tal

---

<sup>4</sup> Seminário é o nome dado, na Igreja Católica e em algumas Igrejas Protestantes aos centros de formação dos seus ministros sagrados: subdiáconos, diáconos e presbíteros, comumente chamados padres ou pastores nas Igrejas Evangélicas.

constatação se deu com base no acesso aos bancos de dados eletrônicos onde, buscando teses, dissertações e artigos, poucas produções acadêmicas foram encontradas relacionadas especificamente ao tema a que se dedicou esta pesquisa, embora tenham sido encontrados trabalhos em número um pouco maior referente a outros temas (laicidade e política, modelo psicológico de desenvolvimento religioso, subjetividade de seminaristas, estudo psicossocial de seminário católico, aspectos psicológicos da vocação religiosa).

Foram feitas pesquisas nos dias 28 de setembro e 26 de outubro de 2011 nas bases de dados Index Psi Revistas Técnico-Científicas, Index Psi TESES, LILACS, SciELO, Portal Revistas USP e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Utilizaram-se como descritores palavras relacionadas ao tema, sendo elas: *escolha religiosa*; *seminarista*; *seminaristas*; *vida religiosa*; *sacerdote*; *padre*; *vocação religiosa*; e a combinação *psicologia e vocação religiosa*.

Com a expressão *escolha religiosa* foi encontrada uma tese cuja temática (CAMARGO, 2003) era muito próxima a desta pesquisa, abordando a questão das vicissitudes da escolha religiosa, com ênfase para a identidade de pastores presbiterianos e, também, dois artigos, sendo que um deles apresenta um modelo psicológico de desenvolvimento religioso e outro aborda religião, laicidade e período político (Era Vargas) (AMATUZZI, 2000; HUFF JUNIOR, 2008).

Ao utilizar a palavra *seminarista* houve a menção a uma tese e um artigo, ambos do mesmo autor, versando sobre a produção da subjetividade dentro de um seminário católico e, ao colocar esta palavra no plural, foram identificados mais 29 estudos, entre artigos, duas teses e uma dissertação. No entanto, seis deles não tinham nenhuma proximidade com o tema aqui pesquisado e os demais eram repetições dos estudos com a palavra no singular, além de outras pesquisas de certo autor cujos trabalhos apareciam novamente (retomando o foco na subjetividade de seminaristas, estudo psicossocial de seminário católico). Juntamente destes, foram identificados dois trabalhos escritos nas décadas de 1950 e 1960, enfatizando perfil e exame psicológico de candidatos ao seminário religioso.

Ao pesquisar a expressão *vida religiosa* foram apontados 61 artigos, os quais, predominantemente, tratavam das relações entre doença/saúde e religião (papel da fé diante de doenças/ morte), questões relativas à bioética, como também interface entre História e Religião.

Neste mesmo termo 23 teses foram mencionadas e, assim como os artigos, enfatizavam relação saúde/doença e religiosidade e estudos antropológicos relacionados à religião.

Utilizou-se o vocábulo *sacerdote* (sinônimo de padre), trazendo maciçamente estudos na área médica (visto que uma das pesquisadoras recorrentes nas pesquisas desta área possuía sobrenome "Sacerdote"). Houve muitos trabalhos sobre História e Religião, e duas teses um pouco mais ligadas à pesquisa que aqui apresento, expressando a questão da identidade do sacerdote católico (KIYAN, 2005; PAULA, 2006).

Ao digitar *padre* foram identificados estudos relacionados à paternidade, fazendo referência à palavra pai, em espanhol. Apenas um artigo dizia respeito à palavra no sentido procurado, tratando da história de Padre Cícero.

O termo *vocação religiosa* gerou 11 artigos, um deles apontando o viés da psicanálise nesta vocação, 6 eram artigos das décadas de 1950 e 1970, os quais versavam acerca dos aspectos e exames psicológicos de seminaristas, 2 traziam a vocação religiosa feminina (um através do olhar antropológico e outro quanto às diferenças de gênero entre vocacionados à vida religiosa), 1 tratava da produção em periódicos e livros da interface Psicologia e Religião no Brasil e o último dizia respeito a missionários e filantropia. Encontrou-se uma tese acerca da vocação religiosa a partir de uma compreensão sociológica, comparando-se moças e rapazes quanto a esta questão (FERNANDES, 2004).

E, finalmente, a combinação *psicologia e vocação religiosa* resultou em 3 artigos, dos quais dois se repetiam quanto à abordagem psicanalítica da vocação religiosa e a produção científica brasileira na relação Psicologia e Religião (NOÉ, 2010; PAIVA, 2009) e o terceiro era um artigo de 1961 comentando os aspectos psicológicos da vocação religiosa e sacerdotal (KOLCK, 1961). A única tese encontrada era a mesma resultante da busca por *escolha religiosa* (CAMARGO, 2003).

As referências das teses que mais tiveram proximidade com minha pesquisa estão em um quadro no APÊNDICE A, onde constam seus autores e ano. O que há nelas de parecido com meu estudo está no fato de abordarem a vida religiosa como sendo a escolha dos sujeitos pesquisados, e a questão de, entre outros propósitos, se debruçarem sobre a construção identitária das pessoas investigadas. Meu estudo diferirá destes nos seguintes aspectos: as categorias “projeto” e

“escolha” também serão exploradas (além de “identidade”); os sujeitos de pesquisa são jovens em processo de formação na vida religiosa; o pertencimento destes sujeitos à Ordem Franciscana; a utilização da técnica da trajetória socioprofissional como instrumento de coleta de dados; a fundamentação teórica pautada na psicossociologia e psicologia social.

Além dos motivos já apontados como justificativas para este estudo, outra argumentação para sua relevância leva em conta as relações estabelecidas entre o sujeito contemporâneo e a atual sociedade.

Partindo das concepções de Bauman (2001), a modernidade apresenta características como liquidez, efemeridade, instantaneidade, além de vínculos, escolhas e (des)compromissos facilmente desfeitos. Para o autor, tudo é passível de consumo e, da mesma forma, de ser descartado, buscando satisfazer desejos ao invés de necessidades, os quais são voláteis e rapidamente perdem seu sentido. As relações pessoais não passam de rápidos contatos, sem comprometimento mútuo, nem laços profundos, visto a dificuldade em conviver com a diferença e a incapacidade em viver com a pluralidade. Além disso, Kiyon (2005) ressalta a sexualidade sendo experimentada com liberdade jamais vista antes, assim como a facilidade com que o encontro de duas pessoas, onde aspectos sexuais estão envolvidos, pode levar à efetivação do ato em si.

E é dentro desta sociedade que os jovens dessa pesquisa estão fazendo suas escolhas pela vida religiosa, a qual detém compromissos, regras, votos (como, por exemplo, o de castidade), entre diversas outras condições totalmente contrárias à sociedade apontada por Bauman. Logo, torna-se relevante desenvolver um estudo sobre estes sujeitos, conhecendo suas trajetórias até o momento e seus processos de escolha por uma vida com tantos aspectos divergentes dos da líquida sociedade. Os entendimentos resultantes trarão elementos significativos para compreender as mudanças disseminadas pela modernidade contemporânea no que tange à escolha pela vida religiosa.

Considerando as exposições acima referidas como embasamentos para justificar este estudo, proponho a seguinte pergunta de pesquisa:

- *Quais as implicações das trajetórias de jovens em seus processos de escolha pela vida religiosa?*

O objetivo geral deste estudo foi compreender as implicações das trajetórias socioprofissionais de jovens em seus processos de escolha pela vida religiosa, enquanto os objetivos específicos buscaram:

- (a) Identificar as trajetórias socioprofissionais de jovens em processo de escolha pela vida religiosa;
- (b) Compreender o processo de escolha pela vida religiosa;
- (c) Conhecer como estão vivenciando o processo de escolha atualmente;
- (d) Investigar os projetos de futuro desses jovens.

Esta dissertação está estruturada da seguinte maneira:

**Apresentação:** espaço onde foram expostos fragmentos da trajetória da pesquisadora nos quais existiam relações com o tema desta pesquisa, buscando mostrar a implicação do pesquisador junto ao objeto de seu estudo.

**Introdução:** mostrou-se mais claramente o tema da pesquisa, a pergunta que a embasa, seus objetivos, justificativa e importância.

**Marco teórico:** apresenta uma explanação teórica sobre psicossociologia e as principais categorias da pesquisa, sendo elas: escolha, projeto e identidade. Mesmo servindo como fundamentos para as compreensões do estudo, estes assuntos não foram considerados suficientes para “conversar” com os achados de pesquisa, recorrendo-se a outras leituras para a análise das informações.

**A vida religiosa na Ordem dos Frades Menores (OFM):** este capítulo traz informações relativas à história de São Francisco de Assis, fundador da Ordem, e às etapas formativas para os seminaristas que nela ingressam.

**Trajetodo metodológico:** exposição do método utilizado no estudo.

**Trajetórias de vida: articulando passado, presente e futuro:** capítulo destinado à análise das informações coletadas na pesquisa através de reflexões e articulações teóricas.

**Reflexões finais:** explanação das ideias sintetizadoras do estudo, almejando responder à pergunta norteadora do mesmo, bem como apontamentos para novas pesquisas e possíveis práticas profissionais.



### 3 MARCO TEÓRICO

*Os que se encantam com a prática sem a ciência são  
como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola,  
nunca tendo certeza do seu destino.*  
(Leonardo da Vinci)

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos considerados relevantes para o melhor entendimento do tema estudado nessa pesquisa. Longe de esgotar estes assuntos, foram percorridas as contribuições teóricas da psicossociologia e das categorias escolha, projeto e identidade, as quais, articuladas, nos dão a possibilidade de compreender como os sujeitos se constituem ao longo de suas trajetórias de vida.

#### 3.1 O OLHAR ATENTO DA PSICOSSOCIOLOGIA

Tendo origem na França, a psicossociologia não pode ser denominada como uma disciplina, nem se enquadrando como mais uma corrente sociológica, mas insere-se no perfil de um “movimento científico” que visa debater o contemporâneo, suas mudanças e os processos de subjetivação. Esteve sempre presente nas abordagens que compreendem os fenômenos sociais como aspectos que só podem ser devidamente apreendidos quando se leva em consideração a forma como os indivíduos os vivenciam, assimilam e contribuem para sua produção. Este enfoque não possui teóricos fundadores que ditam bases dogmáticas a serem seguidas; contudo, reflexões e práticas são propostas, parecendo mais com um exercício artístico de pesquisa e construção de novos sentidos. Como lembra Clara Weisz (2011), “La Sociologia Clínica, se distancia, nuevamente y en esta oportunidad, de una visión jerárquica y elitizante del saber siendo afín a lo que Jacques Rhéaume denominara una ‘epistemologia pluralista’”(p.120). Tal concepção de epistemologia pluralista remete ao entendimento de que o saber pode se fazer presente de distintas formas, não sendo nenhuma delas mais importante ou mais explicativa que as outras, podendo todas ser devidamente consideradas.

Muito longe de fundamentar-se em uma única matriz epistemológica, esta abordagem pauta-se em muitas matrizes,

concedendo-lhe um caráter interdisciplinar, tendo em vista sua inscrição no movimento do pensamento complexo, proposto por Edgar Morin, o qual se opõe às concepções reducionistas e unidimensionais (TAKEUTI, 2004/2005). Integra conhecimentos da Antropologia, Sociologia, Psicanálise, entre outras áreas, apontando para a presença de uma característica muito importante: a interdisciplinaridade. Seu propósito é transcender o sectarismo vigente entre muitas abordagens teóricas, aproximando-as, sem esquecer suas diferenças, mas aproveitando as contribuições de cada uma na compreensão do objeto estudado. Sua pluralidade disciplinar, com fronteiras tênues, e abertura à aproximação dos que possam parecer distantes e diferentes mostra seu propósito em acessar a complexidade dos sujeitos e dos acontecimentos sociais e, mais do que isso, compreender a articulação entre ambos.

A importância de uma epistemologia multirreferencial que trate, ao mesmo tempo do individual, do grupal e do social, é decorrente da busca pela psicossociologia em compreender o homem, sua história, a partir da apreensão dos processos sociopsíquicos que fundamentam a existência humana. Sua premissa está pautada na importância do psicológico no social e sua recíproca, atingindo uma íntima articulação entre os âmbitos individual e coletivo.

Gaulejac (2004/2005), importante precursor desta abordagem, comenta que a psicossociologia

... procura apreender a história dos homens como momentos de ruptura, de continuidade e/ou de escolhas que se elaboram nos espaços incertos e que não são produto do livre arbítrio, nem consequência lógica de determinações estruturais, mas que são respostas que os indivíduos e os grupos produzem face às situações contraditórias (p.72).

Esta abordagem busca transpassar as dicotomias que foram sendo construídas desde o nascimento da Sociologia, rompendo com rixas teóricas e disciplinares, as quais caíam em oposições reducionistas entre social e psíquico e, ao contrário, almeja aproximar tais instâncias, considerando essa iminência como algo possível e necessário. Para tanto, Nasciutti (1996) ressalta que sociólogos não devem esquecer o contexto social, seus mecanismos e suas estruturas só são concebíveis por se estabelecerem em função dos determinantes psicológicos e da

vida individual, também cabendo aos psicólogos não desconsiderarem que a história de um indivíduo e sua vida psíquica se fundamentam com base em um contexto social pré-existente a ele, tendo parte na edificação de seus valores e modelos.

A partir desta perspectiva, considera-se que há uma complementaridade entre o psíquico e o social, sendo esta necessária e dinâmica. Fenômenos sociológicos são ao mesmo tempo fenômenos psicológicos, tendo em vista a inexistência de um sujeito sem ideologia, sem uma ordem simbólica que lhe perpassasse, assim como o universo psicológico só se torna acessível por meio dos significados e práticas sociais (GAULEJAC, 2009).

Assim, ao considerar de suma importância o olhar simultâneo ao psíquico e ao social, entende-se que o objeto de estudo psicossociologia é a articulação, seja qual for o contexto de análise. Almeja-se articular as relações estruturais, as contradições que estas produzem, as práticas concretas dos sujeitos e as respostas que cada um concede na intenção de construir-se (OLAZA, 2011).

As práticas da psicossociologia são sempre contextualizadas sócio-historicamente, inseridas no tempo e espaço do que se investiga. Com seus aportes metodológicos, esta abordagem se propõe a conceder ao sujeito analisar seus conflitos, seus determinismos e imaginar respostas e possíveis mudanças para o curso de suas vidas (ARAÚJO; GAULEJAC, 2011).

### **3.1.1 Concepção de sujeito para a psicossociologia**

A ênfase na articulação das instâncias psíquicas e sociais se faz presente na visão de sujeito que a Psicossociologia possui. Para esta abordagem, o sujeito não pode ser estudado apenas “de dentro”, como se tivesse apenas essência, e nem apenas “de fora”, por não ser um simples condicionamento de fatores. Também não o concebe como preso aos determinismos sociais, apenas reator às permanentes interações, mas como produto e produtor do social, capaz de intervir sobre aquilo que o determina. Sendo produto é definido pelo que está ao seu redor, contendo uma pluralidade em si; ao ser produtor, detém uma parcela de autonomia e originalidade, assumindo, mesmo que não saiba, um papel transformador na sociedade. É ator, sujeito em processo, aberto, em constante formação e transformação. Gaulejac (2004/2005) enfatiza que o sujeito é detentor de uma complexidade, sendo biopsicossocial, não

podendo ser reduzido a uma ou outra destas instâncias. E complementa que

ele é um ser humano em carne e osso, que possui um caráter, um físico, uma identidade, um status social, um estado civil, uma história familiar, modos de ser, de falar e de fazer; bem como alguém que tem projetos explícitos ou implícitos, crenças, desejos e fantasias. Convém, portanto, estudar o sujeito na sua totalidade, composição complexa e contraditória [...] (p.68).

Enriquez (2001) entende o sujeito como aquele que busca sair das reclusões social e psíquica para buscar o mundo e tentar transformá-lo. Esta transformação perpassa, inicialmente, o sujeito ter ciência e aceitar suas determinações para, então, a partir de suas vivências cotidianas e suas relações sociais, experimentar/dar o início a uma mudança (com base em algum problema), por mais simples que seja, em si e nos outros.

A Psicossociologia entende o sujeito como sendo abrangente, amplo, vasto, por trazer consigo muito mais do que conflitos psíquicos, heranças genéticas ou valores familiares. Sim, estes também o compõem em grande parcela, mas o sujeito contém muito mais. Grebert e Dangiollillo (2011) ressaltam que o sujeito da Psicossociologia é também sócio-histórico-político-cultural, construído e construtor destes âmbitos, sendo apenas ele capaz de significar ou ressignificar suas vivências.

Para Gaulejac (2004/2005), o sujeito se constitui na interseção entre os quatro registros abaixo:

- a) Âmbito cognitivo, onde o sujeito pensa, nomeia e acessa o mundo ao seu redor (sujeito reflexivo);
- b) Âmbito da lei, no qual o sujeito se defronta com as normas e regras (sujeito do direito);
- c) Âmbito inconsciente, perpassado por fantasias e pulsões (sujeito do desejo);
- d) Âmbito social, onde o sujeito se aproxima da cultura, das relações sociais, dos status (sujeito sócio-histórico).

A partir das proximidades, das contradições, complementaridades e influências entre os quatro pontos acima referidos é possível uma

compreensão mais genuína de quem é o sujeito, de como ele se constrói ao longo de sua vida. Fica visível o quanto o sujeito não é dado, pronto, acabado, mas se faz nas interfaces que o compõem, absorvendo aspectos sociais, históricos e psíquicos.

Vincent de Gaulejac (2011, p.32) explicita que os sujeitos, sob o viés da Psicossociologia, “...no son objetos inertes sino sujetos activos que pueden intervenir em la construcción de su existencia, su trayectoria, su identidade social y cambiar el curso de su historia”. Sendo ativo, o sujeito usa seu potencial para se construir em uma narrativa, a qual se faz através da articulação entre fenômenos objetivos e experiências subjetivas. Narrar-se é uma forma de se autorizar diante de sua própria vida e dos fatos nelas ocorridos. As histórias de vida, contadas por seus donos, trazem riquezas e detalhes que surpreendem o ouvinte e o próprio narrador, visto que, ao trazer o passado para o presente, elaborações são feitas e novos sentidos são atribuídos à vida. A possibilidade de se relacionar de forma diferente com o que passou acaba interferindo no modo com que se pensará e viverá o futuro. O caráter atuante do sujeito fica explicitado nas transformações que podem ser feitas em sua vida no momento em que viaja para dentro de si e faz sua narrativa pessoal.

Diante dos determinismos psíquico, social, cultural, econômico, a compreensão de como o sujeito se movimenta, se constitui, como significa e ressignifica o que vive em meio a tantas determinações são propósitos da psicossociologia. Esta abordagem reconhece que é em meio a tantos determinismos e tantas contradições entre o social e o psicológico, que o sujeito, autor e ator de sua vida, faz as escolhas que o constituirão e lhe darão novos rumos.

### 3.2 ESCOLHAS E O PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL

Greenberg (2009, p.225) enuncia com ênfase “...não existe isso de viver sem escolhas”. Desde a infância o ser humano é convocado a fazer escolhas, seja optar por uma brincadeira ou o doce que deseja comer. Ainda nesta etapa, as escolhas não trazem consequências tão significativas para quem opta; contudo, ao passar dos anos, as opções vão assumindo graus de importância mais elevados, muitas vezes trazendo repercussões eloquentes para a vida.

Escolher sempre remete à ideia de renúncia, de exclusão, pois optar por algo exige abdicar de outras possibilidades, algo nem sempre

fácil de ser feito. Para Greenberg (2009, p.227) “a psicologia da escolha é a psicologia da ação”, tendo em vista que escolher conduz para o agir, atuar sobre algo, encaminhar ações para alguma direção, algum rumo. A escolha não autoriza que nada permaneça como estava e as mudanças provenientes podem exigir novas e constantes opções. Torna-se um ciclo, um circuito de ações gerando consequências, onde dificilmente se pode romper. E as escolhas feitas têm o caráter de apostas para o futuro, seja ele imediato ou a médio e longo prazo, sendo, então um risco, uma certa ousadia. Obviamente, quando as escolhas podem trazer repercussões decisivas para a vida, demandam-se maiores reflexões, análises, a fim de efetua-la ou não e mesmo a *não escolha* é uma escolha, pois da mesma forma trará alguma consequência, algo deixará de acontecer de certa maneira e não de outra.

Há circunstâncias em que as pessoas são impelidas a tomar decisões quando estas talvez ainda não estejam preparadas, nem desejando efetuar uma escolha, assim como existem situações em que fazem suas escolhas no seu tempo, no momento que lhe convém; o fato é que, em ambas as condições, a escolha é uma ação individual. Porém, ela nunca é uma atitude isolada, autônoma, considerando que se dá em um contexto que a envolve e, de alguma forma, a interpela. Toda escolha é permeada por determinismos, sejam de cunho psíquico, social, histórico, econômico ou familiar, por exemplo, cada um destes perpassando a decisão em algum grau. Essa condição remete ao fato de que o sujeito que escolhe é um ser psicológico, social e histórico, o qual compõe e é composto pela realidade a que pertence, não ficando imune ao que acontece ao seu redor. Nesse sentido, todos são livres para tomar suas decisões, mas nunca livres dos determinismos.

Aguiar (2006) ressalta que a assimilação do processo de escolha exige atentar para as intervenções sociais e históricas que fazem parte deste processo e observar como o sujeito se posiciona diante destas. A autora defende que o assunto da escolha só pode ser tratado nas interfaces entre o subjetivo, ideológico, social e histórico, visto que, embora sejam diferentes, são inseparáveis. Há sempre o peso, seja ele qual for, destes determinantes em qualquer escolha, sendo a melhor delas feita tendo-se clareza e a consciência das determinações existentes. Assim, a escolha direcionada para o âmbito profissional também assume estas características, exigindo intensa reflexão e informação dos que a fazem.

Lisboa (1995) destaca que a escolha profissional geralmente coincide com a entrada na adolescência, período em que são mobilizadas muitas emoções, medos, inseguranças, dúvidas, tendo em vista as mudanças físicas e biológicas vivenciadas. Diante desta complexidade, é necessário o jovem obter apoio das pessoas que compõem seu meio (família, escola), possibilitando que esteja psicologicamente preparado para pensar sua decisão profissional.

Krawulski (1998) ressalta que pensar esta escolha remete à questão do trabalho, categoria central e fundante das relações que se estabelecem na sociedade e, por isso, tomar a decisão profissional impele o jovem a ingressar em um contexto laboral em constante transformação, desafiador e, por vezes, paradoxal. Convém lembrar que esta tomada de decisão nem sempre existiu, tendo se tornado presente e assumido relevância a partir do estabelecimento do modo de produção capitalista, tendo em vista que a passagem do modelo feudalista para capitalista inaugura mudanças profundas e significativas na forma de produzir e reproduzir a vida humana (BOCK, 2002). Assim, escolher uma profissão exige pensar na importância do trabalho, o qual, conforme lembra Soares (2002), ocupa grande parte da vida humana, tornando esse momento de decisão bastante significativo por exigir que aconteça em convergência com interesses e necessidades pessoais. Para a autora

Uma pessoa exercendo sua profissão com motivação e prazer está se realizando pessoalmente, como também prestando um serviço de melhor qualidade à sociedade. Embora a escolha profissional seja de responsabilidade de cada um, as consequências da decisão têm inúmeras implicações sócias (p.104)

A escolha da profissão se processa por meio da relação dialética entre o sujeito e seu contexto sócio-histórico. Assim, ato de escolher tem como pano de fundo as interações e vivências estabelecidas com o social ao longo de toda sua história de vida. Considerando este sujeito como produto e produtor de seu meio, sua opção profissional é determinada pelas (im)possibilidades que lhe rodeiam, mas, sendo também autor e ator de sua vida, ele pode posicionar-se por qual caminho seguir, a partir de reflexões e da tomada de consciência de si e do que lhe atravessa socialmente (BOCK, 2002). Portanto, falar dos interesses, gostos,

preferências, habilidades de um jovem que escolhe, é remeter-se à sua historicidade e sua realidade social, pois sempre há implicações entre realidade subjetiva e objetiva.

Nesse processo de escolha profissional, Bock (2001) argumenta que este não se constrói apenas pela maturidade biopsicológica do sujeito, mas pela amplitude dos determinantes presentes nas escolhas. Olhar para a escolha da profissão como uma ação desconectada de um contexto social, cultural, social e econômico e levando em conta apenas aspectos de ordem psicobiológica é negligenciar o sujeito como um todo, tomando-o como um ser fragmentado. Também corroborando com a concepção de que o sujeito não pode ser dissociado do seu meio social, Soares (2002) elenca fatores intervenientes na escolha da profissão, sendo eles:

- Políticos: referem-se à política governamental diante de questões como educação e ingresso nos ensinos profissionalizante e superior;
- Econômicos: incluem o que tange ao mercado de trabalho, globalização, desemprego e empregabilidade, além das consequências do sistema capitalista no modo de vida das pessoas;
- Sociais: dizem respeito às divisões em classes sociais e a busca de ascensão social através do ensino superior, além das repercussões da globalização na cultura;
- Educacionais: incluem-se os aspectos referentes ao sistema brasileiro de ensino, seus problemas e limitações, o vestibular e as instituições de ensino superior;
- Familiares: tratam do papel e expectativas da família diante dos interesses pessoais, além dos valores e visões sobre as profissões que são repassadas no contexto familiar;
- Psicológicos: remetem aos interesses, motivações e habilidades do indivíduo, além do nível de compreensão e consciência que possui sobre os fatores determinantes.

Embora estes fatores estejam expostos separadamente para fins didáticos, a autora ressalta que é importante tentar compreendê-los de maneira inter-relacionada, pois todos se interpelam na questão da escolha. Sendo o sujeito que escolhe um ser multideterminado, suas escolhas terão, também, esta característica; assim, diante de tantos aspectos a serem considerados e analisados conjuntamente, a escolha profissional se torna algo complexo.



Considerando a realidade política, social e econômica, não se pode esquecer que as escolhas realizadas, também no âmbito profissional, estão perpassadas pelo sistema capitalista e pelas características complexas do atual mundo do trabalho. Portanto, ao pensar a opção por uma profissão, o quesito “retorno financeiro” pode muitas vezes ser colocado como base para esta escolha, repercutindo em uma decisão, às vezes, desvinculada do real interesse de quem escolhe. E quanto ao peso do mercado de trabalho nesta decisão pessoal, Krawulski et. al. (2000, p.87) enfatizam que “a decisão por uma profissão também esbarra nas limitações do mercado de trabalho; numa sociedade consumista, muitas vezes o indivíduo vê-se solitário e desamparado no processo de decidir entre o que ser, o que quer ter e o que há, na realidade para fazer”.

A escolha profissional (em outros tipos de escolha também) traz em si uma dimensão temporal, pois exige olhar para o passado reconhecendo as influências obtidas, quem fomos, encaminhando-se para a visão do presente e a projeção ao futuro, para quem se quer ser (SOARES, 2002). Esta temporalidade existente diante da escolha profissional nem sempre é reconhecida por quem escolhe, mas necessita ser refletida, pensada a fim de identificar em âmbito temporal os determinismos mencionados anteriormente. Bohoslavsky (1998, p.56) cita que “o momento de escolha da ocupação ou de estudos é o momento em que o adolescente deve elaborar, antecipadamente, este comportamento. O momento da escolha é um momento de ensaio antecipado deste comportamento futuro”. Assim, pensar em escolha, em tomada de decisão implica, necessariamente, atentar para a posteridade, para algo que está por vir, trazendo à tona a concepção de projeto (BOHOSLAVSKY, 1998; VELHO, 1999).

### 3.3 PROJETO: ALGUNS ENTENDIMENTOS

Korman Dib e Castro (2010) expõem que a expressão “projeto” passou a existir em meados do século XX e hoje ele é compreendido como intenção, objetivo, planejamento, pautando-se na forma como o sujeito se entrelaça com o tempo e com o devir. Caracterizado pela dinamicidade nele contido, o projeto toma corpo a partir do posicionamento do sujeito no mundo e de suas suscetibilidades em todas as experiências vividas. Nesse sentido, “o projeto acontece no plano do

vívido, resulta no/do sujeito, pois é sobre o projeto que o sujeito se constitui” (MAHEIRIE; PRETTO, 2007, p.458).

Assim como a escolha é detentora de um caráter temporal, o projeto também só pode ser pensado a partir desta perspectiva, considerando que só se olha com clareza para o futuro depois de ter mergulhado sobre o passado e atentado para o presente. Delory-Momberger (2006) ressalta que construir um projeto requer empurrar-se em direção à frente, edificando uma história possível (ou não) de ser consolidada. A chance de se concretizar traz consigo expectativas, probabilidades, incertezas, temores, não sendo possível ter pleno controle sobre o que é almejado.

Conceber projetos é algo que se faz cotidianamente, podendo representar a intenção de grandes perspectivas futuras, ou de meras combinações que não acarretarão muitas mudanças na vida. Podem ser projetos de atividades para um final de semana, compras para a casa ou, tomando outras proporções e impactos na vida, a projeção de realizar cursos, consolidar um relacionamento através do matrimônio ou mudar para outro país. França e Soares (2009) lembram que, sendo uma característica apenas do ser humano, estruturar projetos também pode se referir a viver o momento presente como diversos projetos, não somente estando enviesado para o futuro.

Convém debruçar-se sobre o responsável pela elaboração de projetos. Quem é o ser que projeta? Quem edifica possibilidades para o futuro? Afinal, quem é o sujeito do projeto? É um ser ativo diante do que pretende e sonha, detém ambições, almeja alguma coisa ainda encontrada no plano imaginário, em suas fantasias. Muitas vezes, elabora seus propósitos de maneira extremamente minuciosa, com riqueza em detalhes; em outras situações, constrói o porvir de modo solto e vago, despretenso e, quem sabe, com poucas expectativas sobre o futuro. Ninguém faz projetos com a mesma intensidade, nem sob as mesmas condições; contudo, o sujeito que projeta sempre é desejante e, ao ansiar por algo, deposita muito de si e concede novos sentidos à sua vida.

Por mais tendencioso que seja crer em projetos de cunho individual, estes jamais podem ser, visto que o sujeito que os elabora é um ser social, histórico, contextualizado e carrega consigo estas características ao pensar o futuro. Uvaldo e Silva (2010) lembram este aspecto mencionando que, ao estruturar um projeto, o sujeito escolhe determinados objetivos em detrimentos de outros, sendo as opções e

renúncias sempre feitas de forma contextualizada, na constante confrontação eu-exterior.

O projeto é elaborado na junção de objetividade e subjetividade, na articulação entre o individual e o social, sendo os dois eixos necessários e estruturantes para que este seja consolidado. Ao fazer seus projetos, o sujeito é, inevitavelmente, acompanhado de seus determinismos psíquicos, seus aspectos mais íntimos, denunciando o que carrega em seu mundo emocional, bem como o que gostaria de manter ou o que pretende fazer diferente, concedendo ao projeto uma possibilidade reparatória. Entretanto, por ser social e estar imerso em um contexto específico, o sujeito também revela em seus propósitos sua bagagem sócio-histórica. Para Velho (1999, p.33), o projeto é constituído “dentro de um contexto em que diferentes ‘mundos’ ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito”. Um projeto traz a representação de um momento histórico, de um contexto social, de experiências culturais obtidas, das emoções e sentimentos experimentados por quem o projetou.

Nenhum ser humano permanece igual ao longo de toda sua vida, atravessando constantes mudanças na forma de pensar, compreender e atuar na sociedade a que pertence. O fato de não ser o mesmo a todo instante faz com que o ser humano também não seja idêntico na elaboração de seus projetos, estando estes, então, sempre sujeitos a alterações. Velho (2003) coloca, também, a possibilidade de ocorrer o movimento oposto: as pessoas mudarem através de seus projetos. Isto oportuniza refletir que sempre a mudança de um ocasionará a do outro, funcionando de forma cíclica, dinâmica e dependente. Projetos não existem para serem estanques e totalmente determinados; ao contrário, são sempre passíveis de alterações, de mudanças, alterando-se conforme o momento pessoal, as situações sociais, as certezas ou a ausência destas, dando ao terreno dos projetos um cunho mutável.

A partir da reflexão acima, ao considerar que a mudança em um projeto refletirá no sujeito que o elabora, atinge-se a questão identitária deste último, enfaticamente abordada por Velho (2003, p.104): “o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade”. Compreendendo sob a mesma perspectiva, Leccardi (2005) comenta que o projeto de vida, representado pelo olhar ao futuro, é espaço para a construção de si, pois entende que, ao projetar *o que* será feito no futuro, também se faz a

projeção de *quem* se será, sinalizando a relação entre projeto e identidade.

### 3.4 PENSANDO EM IDENTIDADE

A compreensão de identidade é proveniente da ideia de que o homem é um ser histórico e social e, por conseguinte, seus modos de ser ocorrem nas relações estabelecidas ao longo de sua vida, nos contextos por onde transcorre. Ao nascer o sujeito já faz parte de um grupo, o primeiro a que pertence em sua vida: a família. Lá, assume identidades a partir das posições em que é situado, seja enquanto filho, irmão, neto e, gradativamente vai alcançando outros espaços, os quais vão lhe concedendo outras identidades. Assim, “...não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade. As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social” (CIAMPA, 2011, p.72). Sendo, então, a construção identitária feita a partir das posições assumidas pelo sujeito nas relações sociais, não se pode tratar identidade pessoal e identidade social como sendo diferentes, visto que o homem é ao mesmo tempo autor e personagem da história por ele feita e por ele vivida.

Ao falar em identidade, convém pensar tal conceito dentro de um momento de mudanças estruturais, as quais têm transformado as sociedades e os sujeitos nela contidos. Hall (2001) compreende o sujeito contemporâneo como sendo fragmentado e assumindo diversas e até contraditórias identidades, caracterizando um perfil muito diferente do que antes se reconhecia, onde este sujeito era estável e possuidor de uma identidade unificada. O autor menciona o fato de que o sujeito é permeado pelos sistemas culturais aos quais pertence, fazendo com que este assumas identidades diferentes, distanciando-se de um “eu” coerente. Corroborando com esta ideia que se opõe à unicidade identitária, Ciampa (1987) entende identidade como metamorfose, um processo em constante formação e transformação, sempre ocorrendo em determinadas condições sociais e históricas.

O homem não nasce pronto, nem fica pronto em certo momento de sua vida, mas permanece se construindo, se refazendo, em um eterno vir-a-ser. A ideia de vir-a-ser, aproxima-se da compreensão de Hall, citado por Woodward (2004), acerca de uma das concepções de identidade cultural, sendo compreendida como “tanto de ‘tornar-se’,

quanto de ‘ser’”. Considerando identidade nesse sentido, esta assume um caráter fluído, distante de uma rigidez ou fixação, denotando sua construção de forma processual e não linear.

Ainda mencionando Hall, Woodward (2004) ao conceber a forma instável e móvel da identidade, compreende-a como constituída a partir dos diferentes posicionamentos e papéis assumidos pelas pessoas. A autora explicita que “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (p.55), permitindo pensar os caminhos percorridos pelo sujeito e os pontos em que se localiza ao longo de seu percurso, como constituintes e influentes em sua construção identitária. Seguindo a mesma ideia de identidades enquanto posicionamentos dos sujeitos, Bernardes e Hoenisch (2003) acrescentam a compreensão destas enquanto posição em uma rede discursiva, em uma estrutura social e cultural que nunca está acabada, estando sempre por se fazer.

Nenhuma identidade se mantém idêntica, mesmo que o sujeito esteja sempre no mesmo país, estado, cidade, bairro ou rua, tendo em vista que não está imune às contingências ao seu redor. Mudanças econômicas, culturais, nas relações familiares ou, até, questões de ordem psicológica podem ocorrer, atravessando a vida do sujeito e, inevitavelmente, sua identidade. Esta sucessão de acontecimentos sempre articulam subjetividade e objetividade, construindo o sujeito e posicionando-o no mundo, no histórico e no social.

Em cada novo espaço onde é situado, o sujeito reconhece tudo e todos os que o circundam, construindo-se por meio das identificações estabelecidas. Esta visão sobre identidade é trazida por Santos (1996, p.135), o qual defende que “identidades são, pois, identificações em curso” e, dessa forma, são resultados efêmeros, passageiros. Ao entrar em contato com alguém recém-conhecido que lhe causou admiração, por exemplo, uma criança tende a identificar-se com esta pessoa, querendo, então, *ser como* ela. Sendo o sujeito relacional, é inevitável acontecerem novas identificações a partir dos contatos estabelecidos, reforçando a noção de identidade como algo nunca estanque, sendo sempre resultado de novas identificações. Assim, identidade considerada como produto de identificações, pode ser compreendida por ser uma unidade múltipla, com vários “eus”, diferentes, contraditórios, porém, constituindo uma singularidade.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, a identidade se dá a partir da diferença, do fato de o sujeito constituir-se através do outro que é

diferente dele, concepção explicitada por Woodward (2004, p. 39): “a identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença”. Partindo da importância da cultura na formação identitária, a autora entende que tudo o que é existe e se relativiza a partir do que não é, principalmente seguindo a lógica de oposições binárias estruturadas a partir de divisões ou classificações. A cultura delimita sistemas classificatórios, os quais visam organizar e dar sentidos ao contexto social para, então, demarcar o que é igual (que pode ser categorizado no mesmo grupo) e o que é diferente (o que não se assemelha). Logo, identidade e diferença são efeitos da cultura e, igualando-se e diferenciando-se, o sujeito vai se construindo, dando novas formas à sua identidade, sempre múltipla e transitória.

A explanação teórica acima buscou trazer as principais noções sobre a psicossociologia, escolha, projeto e identidade, concedendo sustentação a esta pesquisa, a qual é norteadada pelo entendimento de que o sujeito é psíquico e social, produto e produtor de seu meio, escolhe, renuncia, elabora projetos e se reconstrói constantemente em diferentes identidades, nas continuidades e rupturas de sua vida. Após conhecer esses aportes, torna-se pertinente a aproximação do contexto a que pertencem os sujeitos que foram pesquisados. Para tanto, o capítulo seguinte trará um breve panorama da Ordem Franciscana, a qual se constitui como o contexto do processo de escolha dos jovens em questão.

## 4 A VIDA RELIGIOSA NA ORDEM DOS FRADES MENORES (OFM)

*Ninguém é suficientemente perfeito,  
que não possa aprender com o outro, e  
ninguém é totalmente destituído de valores  
que não possa ensinar algo ao seu irmão.*

(São Francisco de Assis)

### 4.1 O CRIADOR DA OFM: BREVE RELATO DA VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Em 1182 nasceu em Assis, na Itália, um jovem chamado Francisco, o qual se tornou muito importante mundialmente pelo testemunho de sua vida. Francisco era filho de família rica, sendo seu pai, Pedro Bernardone, um rico e próspero comerciante, que seguidamente viajava para a França, de onde trazia a maior parte de suas mercadorias.

Já cedo, Francisco aprendeu com o pai a arte do comércio, a qual exercia com inteligência e proveito. Era conhecido por sua alegria, apreço pelas músicas e festas e pelo fato de ter muito dinheiro, o qual o tornava popular entre seus companheiros. Adorava banquetes, noites de diversão e cantar serenatas para as damas de sua cidade. Em suma, Francisco era o líder da juventude de sua cidade.

Os jovens da época queriam se tornar famosos e intituados nobres e, para isso, participavam das guerras no intuito de obter prestígio e serem reconhecidos como heróis. Francisco, incentivado por seu pai e almejando nobreza, participou de uma batalha no ano de 1201. Nesta situação, foi preso, assim permanecendo longos e gelados meses, que lhe provocaram uma grave enfermidade. Após esta vivência, nunca mais foi o mesmo. Relatos trazem que Francisco sentia um vazio dentro de si, considerando que as festas, farras, bebedeiras e guerras não conseguiam mais preenchê-lo, mas não sabia bem o porquê, sendo tomado por inquietude e incerteza quanto ao rumo a dar à própria vida.

O que se sabe é que, após seu adoecimento e reflexões pelas quais Francisco passou, o jovem dedicou-se mais a orações e meditações, onde algumas atitudes mostravam um novo Francisco, tais como ter cedido a um amigo mais pobre os ricos trajes e a armadura

caríssima que havia preparado para si diante de outra batalha, bem como, em uma viagem feita a Roma, a troca de seus ricos trajes com os de um mendigo, fazendo, assim, sua primeira experiência de viver a pobreza.

Contudo, o que se considera dentro da Ordem Franciscana como o grande ato de conversão de Francisco foi em 1206, quando, passeando a cavalo pelas campinas de Assis, viu um leproso que sempre lhe parecera repugnante à vista e ao olfato, cuja presença sempre lhe havia causado invencível nojo. Teve vontade de fugir. Entretanto, resistindo ao asco, desceu do cavalo, aproximou-se daquele leproso, abraçou-o e deu-lhe um beijo de amizade.

A mudança de Francisco já causava muita vergonha para sua família, pois fazia coisas que eram desaprovadas por seu pai, como, por exemplo, pegar seu dinheiro, alimentos e mercadorias para dar aos necessitados e auxiliar na reconstrução da capela de São Damião. As atitudes de Francisco elevaram elevou a fúria de Pedro Bernardone, o qual decidiu recorrer ao Bispo, instaurando-se um julgamento como nunca aconteceu na história de outro santo. O palco do julgamento foi a própria Praça Comunal de Assis, bem à vista de todos. Bernardone exigiu que seu filho lhe devolvesse tudo quanto recebera dele. Francisco, sem vacilar um momento, despojou-se de tudo até ficar nu, jogou os trajes e o dinheiro aos pés de seu pai, e, conforme é contado nos relatos da vida do santo (SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1997), exclamou: "Até agora chamei de pai a Pedro Bernardone. Doravante não terei outro pai, senão o Pai Celeste". O Bispo o acolheu, envolvendo-o com seu manto. Daquele momento em diante, Francisco afastou-se de sua família e de seus amigos e entregou-se ao serviço dos leprosos, tratando de suas feridas e, também, à reconstrução das Capelas e Oratórios da cidade.

A partir deste momento, Francisco iniciou sua vida de pregador itinerante, mas não tinha o mínimo propósito de fazer comunidade e nem ter seguidores. No entanto, muitas pessoas passaram a compreender o sentido desta vida despojada e a serviço dos outros que Francisco se propôs a ter. Desse modo, em 1209, ele e seus seguidores (entre eles Clara, a qual depois se tornou Santa Clara de Assis) foram até Roma buscar do Papa a aprovação para este modo de vida que estavam tendo. O então Papa Inocêncio III concordou com os propósitos daquele grupo e assim, em 16 de abril de 1210, foi aprovada a primeira Ordem



Franciscana, na qual Francisco e seus seguidores viviam de forma pobre, alegre e fraterna, sempre no cuidado com os mais necessitados.

No ano de 1999, a revista norte-americana *Time* (GIUSEPPE, 2012) pesquisou entre seus leitores quem teria sido a personalidade do milênio e, dentre vários artistas, gênios e governantes citados, São Francisco de Assis foi eleito o “Homem do Milênio”. A peculiaridade deste Santo na história da humanidade está em seu jeito humilde, preocupado em promover a paz, o bem, o amor e atender aos socialmente mais necessitados, além de, em 1979, ter sido eleito pelo Papa João Paulo II como Patrono da Ecologia, tendo em vista sua constante busca pelo cuidado com a natureza (GIUSEPPE, 2012).

#### 4.2 A ORDEM FRANCISCANA

Como explicitado anteriormente, a partir da autorização do Papa Inocêncio III, a Ordem Franciscana tem seu início oficial. Atualmente, os frades que compõem esta Ordem possuem a nomenclatura OFM depois de seus nomes (a terminologia “Menores”, contida nesta sigla, relaciona-se ao propósito da Ordem de basear-se na minoridade, na humildade).

É importante ressaltar que esta Ordem iniciou-se como uma Ordem de Irmãos, pessoas que se propunham a viver conforme as ideias de São Francisco, não sendo uma Ordem Clerical, ou seja, composta ou voltada à formação de sacerdotes como outras existentes na época. O próprio Francisco e os frades não pretendiam ser sacerdotes. Contudo, desde os primórdios, alguns sacerdotes já formados ingressaram nesta Ordem porque queriam ser franciscanos (seguir o ideal de São Francisco de Assis). Àquela época, Santo Antônio ingressou também na Ordem, passou a ensinar Teologia aos frades, e alguns deles começaram a se ordenar sacerdotes. Ao longo do tempo, em decorrência da necessidade da Igreja, grande parte dos frades passou a optar pela Ordenação Presbiteral<sup>5</sup>. Atualmente, tanto os frades sacerdotes, quanto os não sacerdotes (denominados “Irmãos”), convivem nas fraternidades, possuem igualdade de condições de vida, apenas diferindo nas funções. A diferença das funções entre freis sacerdotes e não sacerdotes, diz respeito ao fato de que apenas os primeiros podem ministrar os Sacramentos da Igreja, sendo eles: Batismo, Comunhão, Crisma,

---

<sup>5</sup> É o ritual religioso em que acontece o sacramento da Ordem, ou seja, o sujeito torna-se um sacerdote.

Penitência, Matrimônio, União dos Enfermos e Ordem, sendo que demais funções podem ser feitas por ambos.

#### 4.3 ETAPAS FORMATIVAS NA ORDEM FRANCISCANA

Ao optar pelo ingresso à Ordem Franciscana os jovens realizam um percurso formativo com as seguintes etapas: Aspirantado, Postulantado, Noviciado, Profissão Temporária (cursos de Filosofia e Teologia). Abaixo, tais etapas estão brevemente explicitadas.

##### *Aspirantado:*

Período que os jovens podem vivenciar sob duas condições: já tendo concluído o Ensino Médio ou ainda cursando-o, quando estão no 3.º ano.

Nesta fase, cuja duração é de um ano, além da dedicação aos estudos escolares, os alunos iniciam a aproximação com a vida franciscana, sendo o propósito maior dessa e da fase seguinte conhecer este modo de vida e discernir se lhe interessa fazer parte da mesma.

##### *Postulantado*

Momento com a mesma duração e objetivos similares aos da fase precedente, onde se espera que os jovens preparem-se convenientemente para a etapa posterior, a partir de uma vivência ampla da vida franciscana. São avaliados por seus formadores, os quais decidem se os seminaristas efetivamente farão parte, ou não, da Ordem dos Frades Menores, enfatizando-se a formação nos âmbitos humano, cristão, psicológico e espiritual.

##### *Noviciado*

Etapa em que os jovens começam a vida efetiva na Ordem dos Frades Menores. Inicia-se com o Rito de Admissão, no qual recebem o hábito (veste franciscana) e o cingulo (corda amarrada na cintura por cima do hábito), momento este em que são chamados pela primeira vez de “Frei” (do latim frater, ou seja, irmão). O Noviciado é um momento cujo principal objetivo é possibilitar aos noviços conhecerem e experimentarem a forma de vida de São Francisco de Assis, prestando

maior atenção ao que realmente sentem com relação aos propósitos desta vida. Assim, ao longo de um ano, seguem-se os intuitos dos momentos anteriores, mas num caráter mais decisivo, exigindo maior profundidade no exercício da oração individual e com os outros frades, além da aprendizagem de trabalhos manuais, como confecção de velas, trabalho na padaria, nas hortas, granjas. Os jovens ficam no seminário em um regime de clausura, saindo, eventualmente, apenas para compromissos relacionados à Ordem, não podendo dar telefonemas, enviar cartas ou receber visitas, mais especificamente no primeiro semestre do ano. No semestre seguinte podem dar telefonemas ou enviar cartas algumas vezes no mês. Restringem-se mais à convivência com os outros frades e à dedicação aos estudos de textos e documentos da Ordem.

### *Profissão Temporária*

A profissão temporária acontece no final do Noviciado e é o momento em que os frades professam pela primeira vez os votos de pobreza, castidade e obediência, os quais são representados pelos três nós feitos no cingulo. É realizado em um ritual diante do Ministro Provincial, onde prometem cumprir tais votos, os quais são renovados anualmente até a Profissão Solene (a qual será explicitada na sequência). Para que ocorram tais renovações, são feitas avaliações por parte do próprio frade, verificando se quer continuar, como também por parte de seus formadores.

### *Filosofia e Teologia*

No período da Profissão Temporária, ocorre o ingresso nas formações acadêmicas de Filosofia e Teologia. Inicialmente, os jovens vão para o estado do Paraná e estudam Filosofia durante três anos e, na sequência, seguem para a Teologia, ao longo de quatro anos, no estado do Rio de Janeiro.

No terceiro ano do curso de Teologia é realizada a Profissão Solene, compreendida como o momento em que o frade faz seus votos perpétuos, ou seja, decide, em definitivo, ser um membro da Ordem dos Frades Menores. No início do quarto ano deste curso há uma decisão importante a ser tomada: decidir se quer ser ordenado sacerdote ou optar por ser “Irmão”. Caso a escolha seja por ser “Irmão”, o frade conclui

Teologia e é encaminhado para trabalhar em alguma fraternidade da Província Franciscana. Se pretender ser um sacerdote e se for aprovado pelos formadores para este propósito, o frade realiza a Ordenação Diaconal, onde se torna diácono<sup>6</sup> e, durante todo o último ano da Teologia, realiza uma espécie de estágio, atuando em Igrejas, comunidades, como um futuro sacerdote. Após concluída a graduação, ainda como diácono, aguarda durante um ano até sua Ordenação Presbiteral, tornando-se finalmente um sacerdote.

---

<sup>6</sup> Na Igreja Católica é o primeiro grau do Sacramento da Ordem, sendo ordenado para realizar algumas celebrações religiosas, batismos e abençoar casamentos, além de fazer homilias e pregações, sob orientação de um sacerdote.

## 5 TRAJETO METODOLÓGICO

*...certos pesquisados, sobretudo entre os mais carentes,  
parecem aproveitar essa situação como uma  
ocasião excepcional que lhes é oferecida para  
testemunhar, se fazer ouvir, levar sua experiência  
da esfera privada para a esfera pública;  
uma ocasião também de se explicar, no sentido mais completo do termo,  
isto é, de construir seu próprio ponto de vista  
sobre eles mesmos e sobre o mundo,  
e manifestar o ponto, no interior desse mundo,  
a partir do qual eles se veem a si mesmos e o mundo,  
e se tornam compreensíveis, justificados e  
para eles mesmos em primeiro lugar.  
(Pierre Bordieu)*

Considerando os objetivos desse estudo e suas bases teóricas, tornou-se indispensável a opção metodológica pela pesquisa qualitativa. Denzin e Lincoln (2006) entendem que

a palavra qualitativa implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação (p.23).

Indo ao encontro dos autores acima, Rey (2011) considera que os estudos qualitativos se orientam para buscar e explicar aspectos tidos como não acessíveis às experiências, estando estes presentes na complexidade e dinamicidade de inter-relações, sendo exemplos citados por Minayo (2011), os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Ao acessá-los, o pesquisador se apropria destes através de estudos realizados integralmente, não devendo ser fragmentados, visto que o conhecimento, neste enfoque, não é um mero

somatório de constatações obtidas pelo contato com o objeto de estudo. A pesquisa qualitativa é um processo construído de forma gradativa, e cada passo dado ao longo da investigação se entrelaça com a etapa anterior e com a subsequente, dando corpo e conteúdo ao conhecimento.

A interatividade entre pesquisador e pesquisado é característica marcante nos estudos qualitativos. Flick (2009, p.25), ao mencionar a comunicação do pesquisador como um componente nítido na produção do conhecimento, indo além de mera variável causadora de interferência no processo, considera que “a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa”. Assim, o pano de fundo da pesquisa qualitativa é a própria relação entre investigador e investigado, demonstrada não apenas na fala, mas nos sentidos do que é dito e no envolvimento de ambos. Dentro deste processo dialógico e aberto, seus participantes possuem papel ativo e, a partir de seus novos olhares e reflexões, constroem conhecimentos e não saem deste percurso sem serem transformados (REY, 2011).

## 5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em um seminário da Ordem dos Frades Menores, no estado de Santa Catarina. Este estabelecimento foi inaugurado em 01 de agosto de 1965, sendo que neste ano, atendia alunos de 5ª e 6ª série e em 1973, a Secretaria de Educação aprovou também o funcionamento da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Depois de concluído o Ensino Fundamental, o estudante era encaminhado para fazer o Ensino Médio em um seminário no estado de São Paulo. A partir de 2001, o seminário passou a se dedicar somente ao Aspirantado, acolhendo candidatos adultos e com o Ensino Médio Completo, experiência que vigorou até 2010. Em 2011 passou a receber os candidatos adolescentes, que chegam à instituição para cursar o Ensino Médio, contando no ano de 2012, com 22 alunos entre as três séries desta etapa escolar.

Este seminário, organizado como escola própria aos seminaristas que nele ingressam, tem como objetivos possibilitar aos jovens o discernimento quanto ao seu interesse para a vida religiosa, além do maior conhecimento de si mesmo e um Ensino Médio de qualidade. Para isso, fundamenta-se em um regimento interno pautado em planos de ação direcionados às dimensões humana, cristã e franciscana,

juntamente com atividades pertinentes à etapa em que se encontram, tais como oração, estudo, lazer, convivência, trabalhos domésticos e apostólicos (missões, campanhas vocacionais, visitas a asilos e a famílias para orações em conjunto). Almejando uma formação ampla e integral, também é oferecido aos jovens o aperfeiçoamento em diversas áreas como formação musical, línguas estrangeiras e clássicas (latim e grego), oratória, trabalhos manuais, formação religiosa, franciscana e humana (Psicologia), cantos, entre outras.

Convém mencionar que todas as atividades diárias ocorridas na instituição estão determinadas em um quadro de horários fixados nos murais do local, para que todos sigam corretamente os compromissos da casa.

## 5.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os sujeitos deste estudo foram jovens que, no momento da coleta de informações, cursavam o terceiro ano do Ensino Médio, período compreendido como Aspirantado, estando na instituição há aproximadamente três anos (desde que ingressaram no primeiro ano de Ensino Médio). Nesta fase, os alunos-seminaristas, ao mesmo tempo em que estão em conclusão da vida escolar, já se preparam para serem admitidos ao Postulantado da Província Franciscana, ou seja, para ingressarem na primeira etapa de formação sacerdotal. A opção por este público se deu justamente por vivenciarem uma etapa de transição em que escolhem (ou não) seguir a vida franciscana e tornar-se um frade e/ou sacerdote desta Ordem.

O propósito da pesquisa foi enunciado aos alunos do 3.º ano através de uma ampla explicação da pesquisadora quanto à trajetória no mestrado e o interesse no tema escolhido. Para deixá-los mais à vontade com a proposta e esclarecer suas dúvidas e curiosidades, foi levada a este encontro uma cópia do projeto desta pesquisa, a fim de que pudessem manuseá-la e ler sobre o que tivessem interesse. Com isso, oportunizou-se um “clima” de confiança e transparência, proporcionando aos jovens a certeza de que nada lhes estava sendo escondido e de que tudo podia lhes ser elucidado. Por ser um seminário, apenas jovens do sexo masculino compõem este local, sendo a turma composta por nove alunos, tornando-se este, então, o limite possível de sujeitos a participarem da pesquisa. Importa lembrar que “na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade

numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 2005, p.14); ou seja, o importante é a descrição densa, a imersão profunda no universo dos sujeitos em questão, a fim de compreender os fenômenos estudados. Já neste primeiro encontro com a turma solicitou-se a manifestação dos que teriam interesse em contribuir com o estudo, situação em que os sete alunos pesquisados aceitaram. Na mesma ocasião, fez-se um agendamento com as possíveis datas e horários em que teriam disponibilidade para dar início às coletas de informações, as quais foram repassadas ao frade reitor para obter seu consentimento.

### 5.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE INFORMAÇÕES

Para atingir os objetivos desta pesquisa foram utilizadas como técnicas de pesquisa a trajetória socioprofissional e a entrevista.

Queiroz (1988, p.29) define técnica como “todo procedimento ou conjunto de procedimentos, de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos”. A autora complementa que a técnica é um dispositivo de captação do real, não podendo ser confundida com o material dela obtido, ou seja, é apenas um instrumento para resgatar as informações desejadas.

A técnica da trajetória socioprofissional vem sendo utilizada por Soares e Sestren (2007) a partir de uma adaptação de um instrumento utilizado nos Seminários de Implicação e Pesquisa realizados na França por Vincent de Gaulejac (vide apêndice B). Tal procedimento possui como embasamento teórico a psicossociologia, e tem como objetivo investigar a articulação dos fatores sociológicos que fazem parte da constituição de cada indivíduo, possibilitando uma interação entre o psicológico e o social. Vincent de Gaulejac, ao criar esta técnica, destinou-a à compreensão das trajetórias socioprofissionais de trabalhadores e sua relação com as escolhas por eles feitas. Diante deste propósito, o autor objetivava, mais especificamente, investigar se tais sujeitos tinham clareza de seus projetos profissionais e sua relação com realização profissional, compreendendo como aqueles profissionais relacionavam os fatos socialmente relevantes em suas vidas com suas



trajetórias laborais, além de debruçar-se sobre a relação entre fatores sociais e escolhas profissionais (SOARES; SESTREN, 2007).

Soares e Sestren (2007) mencionam que Gaulejac, ao propor este procedimento, ressalta dois aspectos indissociáveis presentes nele: o descritivo, onde o sujeito dedica-se a narrar sua história e, o analítico, o qual possibilita ao pesquisado refletir, juntamente com o pesquisador, acerca de sua trajetória de vida. Dessa forma, almejamos que o sujeito desconstrua sua história, no sentido de debruçar-se sobre cada parte considerada por ele relevante para, então, reconstruí-la a partir de articulações e integrações entre aspectos sociais e pessoais. É fazer o resgate dos trajetos percorridos pelo sujeito durante suas vivências, levando em consideração sua inserção e deslocamento em certos contextos e momentos históricos, suas idas e vindas, continuidades e rupturas. Além de acessar as posições ocupadas pelo sujeito em determinados momentos e analisar psicologicamente e socialmente suas experiências, a técnica permite aproximar-se de como vai se constituindo a identidade deste, a partir dos sentidos por ele atribuídos a cada momento histórico, social e pessoal vivenciado (VERIGUINE, et. al., 2010).

Quanto à entrevista, Szymansky (2000) ressalta que esta vem sendo utilizada nas pesquisas qualitativas para o estudo de significados subjetivos e, enquanto interação entre entrevistado e entrevistador, inevitavelmente; ela é sempre uma intervenção. A autora comenta que, por frequentemente referir-se à vida do entrevistado, a entrevista pode se tornar um espaço de olhar para si, um momento de reflexão geral sobre a vida.

A entrevista possui o caráter de assegurar que as informações obtidas alcancem uma profundidade maior do que se poderia conseguir através de um instrumento com questões fechadas e, por isso, não se processa em uma via de mão única e também não é conduzida na rigidez de um questionário. Além disso, este recurso não deve ser apropriado de forma mecânica pelo entrevistador na coleta de informações, mas utilizado como maneira de construir sociologicamente seu objeto de estudo (ZAGO, 2003). O roteiro da entrevista (presente no Apêndice C), previamente elaborado pela pesquisadora, serviu para nortear os assuntos investigados, sendo flexível e aberto a outras perguntas que emergiram ao longo da conversa.

No que se refere à ordem do uso dos instrumentos nessa pesquisa, inicialmente, foram feitas as entrevistas semiestruturadas com os jovens

e, posteriormente, realizou-se o contato com as trajetórias por eles construídas. Após o projeto de pesquisa ter sido aprovado pelo Comitê de Ética, partiu-se para o contato com o Frade Reitor da instituição, solicitando sua permissão para agendamentos de possíveis horários com cada pesquisado no propósito de dar início às coletas de informações. Tendo em vista os vários compromissos dos jovens no cotidiano do seminário, conversou-se com cada um a fim de ajustar o melhor dia da semana para os contatos, os quais tiveram que acontecer sempre à noite. Assim, fez-se um cronograma de encontros para todos os jovens, o qual foi analisado pelo Frade Reitor, a fim de que este avaliasse se traria algum prejuízo a eles. Tendo sido o cronograma autorizado, iniciaram-se às coletas de informações, as quais aconteceram dentro do próprio seminário, em uma pequena sala distanciada das salas de aula e locais onde havia maior circulação de pessoas, evitando barulhos e interrupções. Em ambos os momentos, os procedimentos foram gravados e transcritos para posterior análise das informações obtidas.

As coletas através das entrevistas semiestruturadas tiveram duração média de uma hora com cada jovem. Mesmo com a autorização e a clareza de que as conversas seriam gravadas, notou-se que alguns pesquisados estavam bastante nervosos, repercutindo em respostas curtas, sintéticas, o que exigiu da pesquisadora requisitar, diversas vezes, que aprofundassem os assuntos em questão. Ao término da primeira etapa de coletas, eram entregues aos jovens o modelo da técnica da trajetória socioprofissional (conforme consta no apêndice B) e uma cartolina, situação em que se explicava ao sujeito como construir sua trajetória de vida, sugerindo que a fizessem na cartolina que lhes havia sido entregues. A consigna fornecida foi a de que construíssem uma “árvore genealógica profissional”, incluindo os pais e avós maternos e paternos, identificando suas profissões, níveis de instrução, aspirações profissionais (o que gostariam de ter sido e por algum motivo não puderam ser), status (posição social conferida pelo exercício de determinada profissão) e atividades realizadas no lazer ou ócio. Posteriormente, (na mesma folha e na sequência da “árvore”) solicitou-se que os sujeitos efetuassem o mapeamento de seu próprio percurso, fazendo uma linha horizontal, na qual colocariam na parte superior os momentos considerados mais relevantes em sua história de vida nos âmbitos escolares/ profissionais e, na parte inferior, os acontecimentos familiares e sociais. E, finalmente, solicitou-se delinearem uma projeção para os próximos 5 e 10 anos de sua vida, mencionando como

pretendem que estejam suas vidas, o que estarão fazendo, a qual foi colocada no final da linha horizontal. Enfatizou-se que a exposição de suas trajetórias fosse da forma mais detalhada possível, a fim de obter maior riqueza de informações. Esclareciam-se as dúvidas existentes e retomava-se a data já agendada para o próximo contato, no qual se conversaria acerca da técnica efetuada.

No segundo momento, por ser uma situação de narrativa da história de vida, a duração média de conversa com cada sujeito foi de uma hora e meia. Percebeu-se que os jovens que estiveram mais tímidos na primeira entrevista já estavam mais à vontade com o fato de estarem sendo gravados. Foi a oportunidade de relembrares etapas marcantes de suas vidas, além de rememorarem pessoas e acontecimentos bastante significativos. Em cada anotação feita nas trajetórias, a pesquisadora solicitava explicações sobre o evento marcado, perguntando detalhes no intuito de melhor entender o que representava o fato para o jovem (algumas trajetórias estão expostas no anexo A). Ao término da segunda etapa de coleta de informações, retomaram-se as questões éticas, em especial de sigilo, e o fato de que teriam acesso ao resultado deste estudo. A pesquisadora agradeceu a cada um deles pela disponibilidade de tempo e, principalmente, por compartilharem aspectos às vezes doloridos e particulares de suas histórias de vida. Os jovens mostraram-se felizes em poder contribuir e alguns agradeceram a oportunidade, por considerarem um momento de reflexão acerca de suas vidas.

Importante mencionar que todas as ocasiões com os jovens deste estudo foram pautadas em procedimentos éticos, conforme Resolução nº 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), buscando preservar o anonimato dos sujeitos pesquisados, bem como sua integridade, mantendo-os informados e esclarecidos acerca dos objetivos da presente pesquisa. Assim que o Comitê de Ética aprovou o projeto, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos jovens seminaristas e pelo Frade Reitor do seminário, considerado responsável por eles (visto que alguns eram menores). Neste termo constaram todas as informações relativas aos preceitos éticos que nortearam este estudo (exposto no Apêndice D).

#### 5.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Em uma perspectiva qualitativa, Gomes (2011) ressalta que a análise e interpretação das informações não têm como propósito contar

opiniões ou pessoas, contudo se prontifica a explorar a junção de opiniões e representações sobre o tema pesquisado. Além disso, o autor acrescenta que nesta perspectiva, caminha-se para o que é homogêneo e para o que se distingue em um determinado contexto social.

Nessa pesquisa, os dados obtidos foram analisados à luz dos Núcleos de Significação, propostos e utilizados por Aguiar e Ozella (2006). Segundo os autores, tal análise se estrutura através da passagem por três etapas, sendo elas: pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação.

Tendo em mãos a transcrição do material gravado, realizam-se várias leituras “flutuantes”, a fim de que o pesquisador aproxime-se do conteúdo obtido. Com base nestas leituras iniciais, passa-se à marcação e organização dos chamados pré-indicadores, estes escolhidos a partir dos temas que mais frequentemente aparecem nas falas dos entrevistados, também pela ênfase emocional dada a alguns assuntos, ou, até mesmo, pelas contradições manifestadas pelo sujeito pesquisado. Aguiar e Ozella (2006) enfatizam que na seleção dos pré-indicadores é imprescindível ter como base os objetivos do estudo em questão, fazendo a escolha por temáticas relativas a este propósito. Depois de selecionados os pré-indicadores, parte-se para a aglutinação dos mesmos, seja pela complementaridade, semelhanças ou pela contraposição. Busca-se reduzir a diversidade de assuntos, direcionando-se para a construção dos núcleos de significação. Compete ao pesquisador nesse momento retomar as entrevistas transcritas e selecionar trechos que representem os indicadores por ele elaborados. Finalmente, os núcleos de significação são construídos através da articulação dos indicadores obtidos, esperando-se um número menor de núcleos, visto que o almejado são grupos que sintetizem os indicadores. A criação dos núcleos almeja a organização das informações, a apropriação dos conteúdos trazidos pelos sujeitos de pesquisa, fazendo-se de forma a não fragmentar o discurso, nem romper as relações existentes nas falas do pesquisado. Os núcleos produzidos “devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p.231).

Após as três etapas acima referidas, inicia-se a análise dos núcleos, começando intranúcleo e passando para internúcleos, procedimentos reveladores de semelhanças e contradições e que, assim, demonstraram os movimentos do pesquisado. O momento de construção

dos núcleos já pode ser caracterizado como período inicial de análise das informações, visto que o pesquisador acessa na fala dos sujeitos aspectos mobilizadores para si e que falam dos pesquisados em questão. Aguiar e Ozella (2006) também comentam que a nomeação dos núcleos pode ocorrer a partir da escolha por uma ou mais expressões utilizadas pelos próprios sujeitos investigados e que o nome concedido ao núcleo já possui um caráter analítico e interpretativo por parte do pesquisador.

O processo realizado até atingir os três núcleos apresentados no próximo capítulo iniciou-se com a listagem dos temas emergente das transcrições, após ler pelo menos três vezes cada uma delas. Em seguida, as temáticas que se aproximavam foram aglutinadas em grupos. Tal etapa não foi considerada fácil, pois houve dúvidas em colocar certos assuntos em determinados conjuntos, os quais também caberiam em outros, o que demonstra a interpenetração entre eles. Tornou-se necessário refletir sobre um critério a ser seguido para melhor aglutinar os temas, optando-se, então, pela temporalidade. Este critério foi determinado por entendê-lo componente das trajetórias de vida destes jovens, as quais foram importantes fontes das informações coletadas para a pesquisa, organizando os assuntos a partir do fato de se encontrarem no passado, presente ou futuro dos pesquisados. Mesmo enquadrando-os pela temporalidade, notou-se que dentro de um mesmo núcleo ainda havia necessidade de melhor direcionar certos temas, recorrendo-se, então, para a fragmentação em subnúcleos, caso ocorrido no primeiro e segundo núcleos. As nomenclaturas atribuídas partiram exatamente do caráter temporal dos núcleos, dos significados neles contidos e de expressões utilizadas pelos jovens.

Em consideração aos sujeitos estudados e cumprindo os preceitos éticos, após a defesa desta dissertação será oferecida uma palestra aos participantes deste estudo e aos frades responsáveis. Os jovens deste estudo, que optarem por seguir na instituição, já estarão em outra cidade e, com isso, será solicitado aos frades escolherem o local que entenderem mais conveniente para a realização deste encontro. Na ocasião, a pesquisadora se colocará à disposição para responder a qualquer dúvida dos participantes e a conversar individualmente com os que solicitarem.

## **6 TRAJETÓRIAS DE VIDA: ARTICULANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO**

*A vida só pode ser compreendida, olhando-se para trás;  
mas só pode ser vivida, olhando-se para frente.*  
(Soren Kierkegaard)

Neste capítulo são expostos os resultados obtidos através das entrevistas com os sete sujeitos, ressaltando que todas as reflexões feitas e a seguir compartilhadas assumem relevância para compreender as implicações das trajetórias socioprofissionais dos seminaristas em seus processos de escolha pela vida religiosa, objetivo que norteia a pesquisa.

O quadro a seguir apresentado traz uma síntese dos sete pesquisados, caracterizados por nomes fictícios, apontando suas idades, profissão dos pais, pessoas admiradas e tidas como referências para os jovens, além de atividades sociais realizadas e projetos mencionados por eles.

# INFORMAÇÕES RESUMIDAS SOBRE OS SEMINARISTAS PESQUISADOS

PARTICIPANTE, IDADE	PROFISSÃO DO PAI	PROFISSÃO DA MÃE	PESSOAS/ FAMILIARES ADMIRADOS E/OU PARTICIPANTES NA IGREJA	ATIVIDADES VOLTADAS AO SOCIAL	PROJETOS
Fábio, 18 - RJ	Graduado em Direito, trabalha na Receita Federal	(biológico) Economista	- Admiração pela mãe, por ser referência moral e quanto pessoa. - Admiração por Frei cuja características mais marcantes para Giovanni eram zelo e santidade. - Admiração por uma seu sobrinho amoroso que o acolheu na Igreja quando começou como noviço. - Pais, de religiões diferentes, sempre muito religiosos.	- Participou de um grupo na escola para debater e refletir questões sociais.	- Seguir na Ordem Franciscana para, futuramente, atuar na formação dos futuros seminaristas, além de requisitar a instituição outra graduação (em Letras); - Caso a Ordem decida pela interrupção de seu percurso na vida religiosa, fazer o curso de Letras e locustaria.
Giovanni, 17 - SC	Funcionário Público (da prefeitura de sua cidade)	Dona de casa	- Admiração por Frei cuja características mais marcantes para Giovanni eram zelo e santidade. - Admiração por uma seu sobrinho amoroso que o acolheu na Igreja quando começou como noviço. - Pais, de religiões diferentes, sempre muito religiosos.	- Ajuda nas missas como coroinha e também for catequista.	Seguir na Ordem Franciscana, fazer sua Ordinação Presbiteral e, enquanto padre, atuar em paróquia, servindo à comunidade, levando-a a Deus.

Gaúthermo, 17 - SC	Motorista (na Prefeitura)	Técnica em enfermagem (na prefeitura)	Admiração pela mãe, pela humildade e doçura das pessoas; - Admiração pelo <u>seu</u> <u>profeto</u> da cidade, humilde e dedicado ao povo. - To da família muito religiosa.	- Participou de um grupo escolar dedicado ao meio ambiente, ajudou em Obras Missionárias da Igreja Católica.	- Seguir na Ordem Franciscana, fazer a Ordenação Sacerdotal e trabalhar junto ao povo, ajudando-os e trazendo-os para a Igreja. - Pretende requisitar à Província Franciscana a realização de Doutorado em Teologia Dogmática, a fim de melhor instruir os leigos.
João, 18 - SC	Foi agricultor e hoje é funcionário de empresa alimentícia	Era agricultor e hoje é empregado doméstico	- Admira o avô materno, pois ajudava na igreja da comunidade a que pertencia. - Mãe sempre lhe ensinou e incentivou rezar.	- Ajudava a cantar e dar início a oração do terço na igreja e em festas religiosas de sua comunidade.	Indefinição: pensa em ser padre franciscano, mas também gosta sair do semitirino, fazer faculdade, casar e ter filhos
Márcio, 18 - SC	Agricultor	Agricultura/ dona de casa	- Avós (maternos e paternos) e os pais sempre participantes da igreja da comunidade; ajudavam nas festas religiosas	- Ajudava nas festas religiosas de sua comunidade	Indefinição: os pensa em seguir a vida franciscana, os pensa em sair e cursar alguma faculdade, constituir família.
Maurício, 17 - PR	Agricultor	Merendeira	- Admira a <u>mãe</u> , a qual em sua catequese, aproximou-o da Igreja	- Fazia leituras nas missas e nas festas da sua igreja.	Diz não ter pensado ainda no futuro. Ao falar não traz muito certeza, mas fala da possibilidade de seguir na vida religiosa.



Tadeu, 17 - SP	Comerciante	Comerciante	<p>- Admiração pela avó e bisavô maternas, ambas muito religiosas e participativas na igreja da comunidade a que pertenciam;</p> <p>- Admiração, também, pelo <u>padre</u> de sua comunidade, o qual tem, para Tadeu, "o dom da palavra".</p> <p>- Família muito religiosa, sempre atuante na igreja.</p>	<p>- Participou em um grupo na escola dedicado à cidadania e qualidade de vida.</p> <p>- Ajudou na igreja como coroinha, leitor e cantor nas missas, além de ter sido catequista.</p>	<p>- Concluir a formação na Ordem, fazer a Ordenação Presbiteral, requisitar à Província Franciscana estudo de canto gregoriano em Roma;</p> <p>- Após o estudo, na volta ao Brasil, pretende fundar um Instituto de Música Sacra no país e ensinar música;</p> <p>- Almeja fazer shows beneficentes em sua cidade natal.</p>
----------------	-------------	-------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## 6.1 BREVE RELATO DAS TRAJETÓRIAS DOS SUJEITOS

Buscando responder ao objetivo específico de identificar as trajetórias socioprofissionais dos jovens seminaristas, a seguir serão apresentadas sínteses sobre as trajetórias de vida dos pesquisados, a fim de melhor compreender quem são eles e suas experiências até chegar ao momento atual, onde vivenciam o processo de escolha pela vida religiosa.

### FÁBIO

Fábio tem 18 anos e é natural do estado do Rio de Janeiro. Tem um irmão de 9 anos, por parte de pai e mãe e dois apenas por parte de mãe (do primeiro casamento dela), sendo que um deles tem 25 anos e é analista de sistemas e o outro tem 24 e é engenheiro de gases e combustíveis. Seu pai é formado em Direito e trabalha na Receita Federal e sua mãe, já falecida, era economista. Seus avós maternos e paternos também já faleceram, trazendo para a trajetória de vida de Fábio uma sequência de perdas (avós e mãe). Contou que teve uma “vida itinerante” em função das constantes trocas de emprego de sua mãe, sendo as mudanças ocorridas dentro da mesma cidade, mas que exigiam trocas de colégios. No âmbito escolar, o jovem contou que sempre teve facilidade por gostar de estudar, apenas com certa dificuldade nas matérias exatas. Ao apresentar graficamente sua trajetória socioprofissional, fica nítido que sua história é dividida entre o antes e o depois da morte de sua mãe, evento que mudou o rumo de sua vida, bem como suas relações familiares. Fábio fez uma narrativa ampla do cotidiano com a doença da mãe (câncer), expondo ter sido ele quem, durante bastante tempo, ministrava a medicação dela a cada 2 horas, além de acompanhá-la em consultas e exames médicos. Expôs, também, a dificuldade de vê-la tendo sua imagem alterada, visto que era uma mulher ativa, vaidosa e bonita, que chamava a atenção quando chegava a algum lugar. O jovem conta que foi havendo um “*esfriamento*” no relacionamento com seu pai já no início da doença de sua mãe e que se intensificou durante a enfermidade e após a morte dela, o que acarretou em ir morar com a tia materna. Segundo ele, o pai foi muito omissivo na doença da mãe e, com voz embargada, disse que não queria voltar a morar com ele na casa onde sua mãe tinha vivido, afirmando “*eu não ia*

*me sentir bem naquela casa, né, que ele não me proporcionaria um acolhimento, né, como deveria, como eu achava que deveria, na verdade...*” Para ele, após a perda da mãe, sua família se fragmentou muito, *“cada um foi pra um lado, cada um tinha um horário, tinha uma vida”*. Inclusive, comentou que passou a ter uma vida social mais ativa após a morte da mãe, porque antes só vivia para cuidar dela e do irmão mais novo. Menciona como atividades sociais o início dos cursos de inglês e de informática, o pertencimento a um grupo na escola que debatia assuntos sociais e a participação na igreja, auxiliando nas festas e solenidades. A decisão pelo ingresso foi explicada por Fábio sendo decorrente de um acompanhamento vocacional que fazia com freis da Ordem Franciscana quando estava no último ano do ensino fundamental, ano seguinte à perda da mãe, experiência que lhe proporcionou conhecer a Ordem, sentindo-se interessado em nela ingressar, entendendo que seria para ele uma *“experiência ousada”*, *“uma resposta pra mim mesmo”*. Comentou que, antes de decidir entrar para o seminário, pensou em seguir Medicina ou Biomedicina, em decorrência das vivências próximas destas áreas durante a enfermidade da mãe.

## GIOVANI

Giovani tem 17 anos e é natural de uma cidade de porte médio do estado de Santa Catarina. Tem um irmão mais velho, de 23 anos e um menor, com 14. Seu pai é funcionário público da prefeitura de sua cidade e sua mãe é dona de casa e considera sua família bastante religiosa, a qual é luterana do lado paterno e católica do lado materno. Tem apenas a avó paterna ainda viva, sendo esta, antigamente, muito ativa na parte social da Igreja Luterana; seu avô paterno também pertencia a esta igreja e atuava como liderança, bem como sua avó materna, a qual era assídua nos movimentos religiosos da Igreja Católica. No mesmo ano em que nasceu, também nasceram 5 primas, com as quais teve mais contato durante a infância por serem da mesma idade. Por volta dos 6 e 7 anos, gostava de brincar de celebrar missa, momento em que vestia uma roupa de formatura da pré-escola, tocava um sininho de sua mãe e chamava quem estava ao seu redor para sentar nas cadeirinhas de brinquedo e assistir “sua missa”. Expôs que sempre gostou de estudar e colocou como um sucesso em sua vida escolar o fato de nunca ter recebido advertências, nem ter ficado em recuperação.

Giovani comentou sobre um “trauma” (por ele assim denominado) entre 5 e 6 anos, quando tinha um série de medos e não se alimentava mais, passando por acompanhamento com psicóloga, fonoaudióloga e também auxílio de uma mulher que rezava por ele, considerando a união destas três pessoas como responsáveis por sua cura. No quesito perdas, Giovani falou da morte de sua bisavó e, com mais ênfase, apontou o falecimento de sua avó materna, com quem tinha muita proximidade e um carinho muito grande, considerada para ele a maior perda de sua vida. Giovani contou sobre um período de impacto em sua família quando seu pai perdeu o emprego e sua mãe fazia muitas orações para Nossa Senhora a fim de pedir a graça de obter outro trabalho. Certo tempo depois, o pai foi aprovado em concurso público e atribuiu sua aprovação às orações feitas a Nossa Senhora, o que lhe fez converter-se para a Igreja Católica. Antes de ingressar ao seminário, divide sua vida em dois momentos: quando não gostava das “coisas de Igreja” (vivências, atividades neste contexto) e quando passou a gostar. Na primeira etapa, frequentava escolinha dominical da Igreja Luterana no domingo de manhã e, à noite, participava da missa na Igreja Católica, mas sem realmente gostar porque não considerava algo apropriado para criança, afirmando que só *“depois de um tempo, assim, foi nascendo esse desejo de participar”*. Quando iniciou esta participação mais efetiva, suas atividades sociais eram na Igreja Católica, junto com senhoras que trabalhavam como sacristãs na Igreja, cuidando de todos os utensílios e materiais utilizados para as celebrações e, também, sendo catequista de crianças iniciantes. Sua decisão por ingressar no seminário aconteceu a partir de uma vivência de inquietude, onde passou a refletir sobre a possibilidade de ser padre. No intuito de procurar ajuda de um sacerdote para orientá-lo quanto às suas dúvidas, acabou conhecendo um frei da Ordem Franciscana que lhe sugeriu conviver mais proximamente das atividades da igreja nesta Ordem a fim de identificar, dentro de si, se o espaço e a vida religiosa, lhe despertavam interesse. Giovani foi descobrindo que era aquilo que gostaria para si, ansioso por concluir logo o ensino fundamental para poder ingressar no seminário. O jovem considera ter sido “chamado” por Deus para ser um religioso e, ao ser questionado sobre como seria este “chamado”, Giovani compara ao momento em que um casal se conhece, acreditando que ambos sintam algo especial um pelo outro, um “clima”, acrescentando que o “chamado” provém de uma ânsia, uma vontade muito forte de experimentar a vida sacerdotal. Considera, então, que as experiências na

igreja, agregadas ao “chamado” foram decisivas para o seu ingresso no seminário.

## GUILHERME

Guilherme tem 17 anos e é nascido em uma família humilde, muito religiosa e tradicionalista do interior de Santa Catarina. Viveu até os 3 anos no meio rural. Seus pais são funcionários da prefeitura, sendo o pai motorista e a mãe técnica em enfermagem. Tem um irmão mais velho, de 27 anos, formado em Ciências Contábeis e presidente do frigorífico de seu sogro, na mesma cidade em que moram seus pais. Não comentou sobre seus avós, apenas ressaltou a presença de sua avó materna, pessoa por quem foi criado grande parte de sua infância, tendo em vista que seus pais sempre trabalharam fora. Narra que sua infância foi muito feliz, nunca gostou de ficar trancado e, por esta razão, brincava fora de casa, debaixo das árvores. Seu pai sofreu com alcoolismo durante 2 anos, os quais ele pouco lembra. Sabe apenas do que a mãe e o irmão contam, lembrando com clareza do dia em que pai bebeu demais e teve que ir para o hospital, situação em que este ouviu o ultimato do médico para que parasse de beber se não quisesse morrer logo. Depois disso seu pai nunca mais bebeu. Em sua trajetória escolar sempre foi bom aluno, dedicando-se ao máximo a tudo que lhe era proposto. Afirma que sua única dificuldade era com matemática, a qual, até hoje, é uma matéria que não lhe atrai, exaltando que seu *“perfil é muito mais humano, mais social, político”*. Guilherme confirma seu perfil mais social através das várias atuações na cidade em que nasceu. Participava de um grupo de defensores ambientais criado na escola e que mobilizava todo o município. Foi muito ativo neste grupo, sendo secretário e presidente em duas gestões. Também participou de obras missionárias da Igreja Católica, dando ensinamentos para crianças que ainda não estavam em idade para fazer catequese. Na igreja de sua comunidade participava ativamente auxiliando na liturgia, fazendo leituras, entrando com a Bíblia nas celebrações ou apresentando teatros. Assume que sempre gostou de ajudar às pessoas e preocupação intensa com o social, tendo a influência do primeiro prefeito de sua cidade, um senhor que muito admirava pela humildade, honestidade e cuidado com a população. Inclusive, o jovem expôs que, antes de conhecer a Ordem Franciscana e por inspiração deste senhor, um grande sonho seu seria ser prefeito de sua cidade. Ao narrar sua trajetória socioprofissional, explica

sua decisão pelo ingresso no seminário tendo sido decorrente de um grande momento em sua vida: o acompanhamento e toda a preparação da Ordenação de um frei, sendo este seu primeiro contato com a Ordem Franciscana. Assim como Giovanni, alega ter sido “chamado” para a vida religiosa através desta Ordenação, entendendo que Deus oportunizou tal momento para lhe mostrar o caminho do sacerdócio.

## JOÃO

Nascido em um município do interior do Rio Grande do Sul, João tem 18 anos e possui um irmão de 29 anos (que chegou a frequentar seminário) e uma irmã de 26. Sua família vivia na zona rural, estando hoje os pais separados, sendo que o pai foi agricultor a vida inteira, mas atualmente é funcionário em uma empresa do ramo alimentício; a mãe, enquanto casada, era agricultora e atualmente é empregada doméstica. Não chegou a conhecer o avô paterno e a avó paterna, com quem tinha pouco contato, faleceu no ano de 2012. Já os avós maternos ainda são vivos e, para João, são muito importantes em sua vida. Considera ter sido criado por eles até os 5 anos, quando os pais trabalhavam o dia todo na agricultura e não tinham como cuidá-lo. Morou com eles durante o período inicial da separação dos pais, quando sua mãe foi para outra cidade buscar emprego para, posteriormente, levar João junto dela. Na companhia e por incentivo do avô, gostava de pescar, caçar e inventar brinquedos com materiais que encontrasse, pois sua família não tinha muito dinheiro para comprar brinquedos. Comentou da infância sofrida por conta dos maus tratos do pai e das brigas entre ele e sua mãe, culminando, muitas vezes, em agressões a ela. Seu irmão sempre ficava neutro, não se posicionava diante da relação entre os pais, mas ele e a irmã defendiam a mãe. Tanto que, na fala dele, o pai gostava menos deles, pois acreditava que eram os responsáveis pelo fato de a mãe ter optado por separar-se. Sua irmã resolveu sair de casa por não conseguir conviver com o pai, indo para a cidade onde, mais tarde, a mãe também seguiria. Ao falar das brigas e agressões que viu entre os pais e maus tratos vivenciados por ele e pelos irmãos, João mostrou claramente a dor que carrega consigo, mesmo que já tenha passado e que procure disfarçar sempre com um sorriso no rosto. Mas quando falava disso, sua voz sempre embargava, seu olhar caía e uma profunda tristeza estampava sua face. João também falou da preocupação com a sobrinha, filha de sua irmã, a quem tem um profundo carinho e cuidou dela

durante muito tempo antes de entrar para o seminário. No percurso escolar, o jovem comenta que sua vida é dividida em momentos: quando ainda morava no RS era o aluno mediano e quando se mudou para SC, evoluiu muito nos estudos, tendo ótimo desempenho. Conta que se envolveu mais em atividades que a escola oferecia, entre elas, aula de dança, apresentando-se na modalidade *street dance*. Quanto às atividades sociais quando morava no RS, ajudava a puxar os cantos e o terço na igreja de sua comunidade, além de fazer leituras nas missas. Estava sempre muito disposto a ajudar. Para ele, auxiliar na comunidade, era uma forma de ser útil, já que seu pai dizia para ele e seus irmãos que eram inúteis. Ajudava nas festas da comunidade, vendia rifas, seguindo o modelo de atuação do avô. A mudança para o estado de SC parecia ser para ele e sua mãe a chance de ter vida nova, podendo viver com mais tranquilidade. Sua mãe queria, sem ter o ex-marido ao seu lado, buscar trabalho e guardar dinheiro para os estudos futuros de João. Contudo, o pai do seminarista resolveu ir atrás deles, pedindo para reatar o relacionamento e tentarem viver bem, o que foi aceito por sua mãe. A tentativa não teve êxito e o casal continuou brigando, discutindo e agredindo-se, inclusive certa vez na frente da sobrinha de João, situação a qual ele desaprovou profundamente. João explica sua decisão pelo ingresso no seminário estando relacionada à situação de sua vida na oitava série, período em que soube da mudança de sua irmã para Goiânia no ano seguinte. Entendendo que ficaria longe da sobrinha amada e no fogo cruzado entre os pais, João se fez a seguinte proposta: *“vamos tentar uma coisa nova, vamos sair daqui, vamos procurar uma outra possibilidade de vida”*, optando, então, por ingressar ao seminário.

## MÁRCIO

Márcio tem 18 anos e nasceu no interior do estado de Santa Catarina. Viveu sempre na zona rural com seus pais agricultores, sua irmã dez anos mais nova e seus avós paternos. Seus pais são lideranças na igreja da comunidade a que pertencem, assim como foram seus avós maternos e paternos. Márcio enfatiza que sempre foi muito apegado à sua família e que, antes do ingresso no seminário, sempre ajudava o pai a cuidar das vacas e porcos que criam, apesar de assumir não gostar muito das atividades rurais. Ao narrar sua história de vida, menciona que durante 6 meses seus pais tentaram uma melhoria de vida e foram

morar em outra cidade. Ele ficou com os avós em casa, mas disse que foi um período difícil, pela saudade. Como não conseguiram se adaptar em outra cidade, os pais voltaram e seguiram a vida na agricultura. Quanto às vivências escolares, mudou de instituição algumas vezes, pois a que frequentava no interior foi fechada, indo estudar na cidade e vivenciando certo preconceito por parte de colegas que o criticavam por ser do meio rural. Afirma não ter sido “*comportadinho*”, já tendo assinado advertências, além de ter reprovado na sexta série, momento que considera como fracasso em sua trajetória escolar. Sua grande paixão é o futebol, considerando-se fanático por seu time de coração. Participava de escolinha de futebol em sua cidade, e em vários campeonatos em sua região, tendo sido campeão em alguns deles. Seu pai foi jogador de futebol e alguns familiares também jogaram, chegando a serem chamados para times profissionais. Suas participações sociais estavam em uma turma de jovens que se reunia para arrecadar dinheiro no intuito de promover bailes ou viagens a locais próximos de sua cidade, e em um grupo na escola, orientado por um sacerdote da Ordem Franciscana, o qual fazia encontros semanais abordando a vida de São Francisco de Assis. Alega que a decisão pelo ingresso no seminário partiu do interesse despertado pela Ordem através dos encontros na escola e da motivação de um primo que contou sua experiência quando frequentou o seminário franciscano.

## MAURÍCIO

Maurício tem 17 anos e nasceu em uma cidade do interior do Paraná. Morou sempre na zona rural com seu pai, que é agricultor, sua mãe, merendeira em escola e o irmão um ano mais novo. Seus avós paternos já são falecidos, mas mencionou que o avô era ativo na comunidade a que pertencia, presidindo festas da igreja, enquanto sua avó era dona de casa. Seus avós maternos são vivos, ambos não estudaram, sendo a avó dona de casa e a ocupação do avô não foi mencionada. Conta que sempre teve uma vivência muito próxima de seus familiares, visto que todos moravam muito perto e menciona como momentos marcantes em sua vida as reuniões de família, em festividades como Natal e Ano Novo e festas surpresa de aniversário. Até entrar para o seminário, costumava ajudar o pai em algumas atividades agrícolas e a mãe com serviços domésticos. Ao tratar de suas experiências escolares, expõe que não era tão comportado quanto é hoje



e fala de uma suspensão de três dias que recebeu na escola antes do ingresso ao seminário. Referindo-se ao estudo no momento atual, disse que não se dá bem com os estudos e assume que estuda por obrigação. Sua mãe foi a grande incentivadora de sua participação litúrgica na igreja, inclusive tendo sido ela sua catequista, sugerindo, também, que o filho pensasse na possibilidade de ser seminarista. Ao contar sua trajetória de vida, o jovem demonstra ter vivido uma vida humilde, com poucas experiências em viagens, afirmando que a primeira e a segunda feitas foram para cidades do estado de Santa Catarina a fim de vivenciar os encontros vocacionais (momentos em que os jovens têm a oportunidade de conhecer o dia a dia em um seminário, a fim de decidirem se querem nele ingressar) e a terceira, e mais longa, foi em passeio da escola ao parque temático Beto Carrero World. Assim, ao falar da viagem para a cidade em que iniciaria seu percurso no seminário, Maurício sinalizou a dificuldade em se afastar da família e ter que viajar sozinho para tão longe. Explica seu ingresso no seminário em função de uma vontade de conhecer a vida naquele contexto, a qual foi incitada pela mãe e pelo frei que lhe sugeriu fazer os encontros vocacionais.

## TADEU

Tadeu tem 17 anos e nasceu em uma cidade de porte médio no interior de São Paulo, sendo seus pais comerciantes e sua irmã tem 13 anos. Ressalta que sua família, principalmente do lado materno, sempre foi muito envolvida nos movimentos da Igreja Católica e destaca a grande proximidade com os pais de sua mãe. Conta, também, que sua bisavó materna foi um mulher muito influente na igreja de sua comunidade, sendo conhecida por todos como “dona da igreja”, aquela que abria e fechava o local, providenciava toalhas para o altar, roupas para o padre, sendo uma verdadeira líder na comunidade. Assim como a bisavó, sua avó materna seguiu um rumo parecido, sendo hoje atuante na igreja como ministra da Eucaristia, e frequentadora diária nas missas matinais.

Desde muito pequeno já teve várias atividades, visto que sua mãe optou por mantê-lo sempre ocupado pelo fato de seus pais trabalharem fora. Sua família tinha um grupo musical e seu contato com a música e outras manifestações artísticas sempre foram intensas em sua vida, sendo que aos dois anos de idade já ingressou em um conservatório

musical, permanecendo lá durante doze anos, até entrar para o seminário. Além das constantes atividades na igreja, Tadeu também atuou na sociedade através de um grupo escolar dedicado a práticas de qualidade de vida e cidadania. Neste grupo, o jovem ajudava o professor de música de crianças de séries iniciais, fazia trabalhos com bombeiros, entre outras demandas em prol da sociedade. Enfatiza que sempre gostou de ajudar, de dedicar-se ao que é social e humano e, por isso, participar de diversas atividades sempre lhe trouxe alegria. Além do conservatório, grupo de coroinhas e o de qualidade e cidadania, Tadeu também fazia natação e inglês. Conciliava tudo com os estudos da escola e percorria a cidade toda, sozinho, para ir a todos os lugares que precisava. Segundo ele, cresceu com muita independência e autonomia, incentivado e ensinado, principalmente, por sua avó materna.

Sua vida escolar foi marcada por bom desempenho e maior dificuldade com as disciplinas exatas, afirmando detestá-las. Mas era dedicado e gostava muito de atividades artísticas, participando em várias apresentações com danças, usando as mais diversas fantasias, representando para ele momentos de muita satisfação. Com relação ao seu gosto por música, Tadeu salienta as apresentações em que, sozinho, cantou salmos em igrejas lotadas e que, apesar do nervosismo e insegurança, passou com muito louvor pela situação.

Ao narrar sua trajetória socioprofissional, o jovem traz o período difícil em que a bisavó materna passou em tratamento de um câncer no ovário. Falou, também, da perda do seu avô materno, no ano de 2010, de forma abrupta, visto que descobriu um câncer em janeiro deste ano e em abril veio a óbito.

Argumenta que sua decisão por ingressar no seminário foi decorrente das experiências dentro do contexto da igreja e da participação familiar neste espaço, as quais lhe fizeram pensar, já há bastante tempo, em escolher a vida religiosa. Este desejo foi intensificado após o acompanhamento vocacional experimentado ao longo de quinze dias dentro do seminário da Ordem Franciscana, oportunidade em que teve certeza sobre a intenção de ser um religioso.

## 6.2 VIVÊNCIAS, ESCOLHAS E PROJETOS: AS TRAJETÓRIAS DOS JOVENS EM PROCESSO DE ESCOLHA PELA VIDA RELIGIOSA

Buscando explorar os assuntos mais mencionados pelos jovens, foram identificados três núcleos de significação, os quais permitiram alcançar o passado, o presente e o futuro dos pesquisados, denotando, então a dimensão temporal de suas trajetórias. A fim de melhor organizar e aproximar as temáticas, o primeiro e o segundo núcleos foram subdivididos. O quadro mostrado a seguir permite uma visão geral dos núcleos e subnúcleos.

### NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO E TEMAS DESTACADOS

NÚCLEOS	SUBNÚCLEOS	TEMAS
Revisitando o passado	Entre o lar e a igreja	Presença marcante de suas famílias em suas infâncias; Vivências sociais dentro e fora da igreja; Pessoas admiradas pelos jovens.
	Escolhendo dizer “sim”	Contato com a Ordem Franciscana; Decisão pelo ingresso no seminário.
Vivendo o presente	Nova vida, novos pensares	Mudanças pessoais sentidas pelos jovens após ingresso no seminário; Novas concepções e opiniões construídas a partir da entrada na instituição religiosa
	As “pedras” do caminho	Dificuldades apontadas pelos jovens ao longo de seus processos de escolha pela vida religiosa.
Projetando o futuro	---	Projetos de vida dos pesquisados

Em algumas falas dos jovens, utilizadas a seguir, observar-se-á erros gramaticais, os quais serão mantidos a fim de buscar total fidelidade às gravações e transcrições, respeitando a expressão de cada pesquisado.

### 6.2.1 Núcleo 1 – Revisitando o passado

Este núcleo aborda questões relacionadas à vida dos jovens antes de ingressarem ao seminário, trazendo, no primeiro subnúcleo, as vivências de maior proximidade que tiveram com a igreja, participações sociais e pessoas por eles admiradas. Já, no segundo subnúcleo, será exposto como ocorreram o contato com a Ordem Franciscana e a opção pelo ingresso no seminário.

#### 6.2.1.1 Entre o lar e a igreja

No que se refere às vivências de proximidade com a igreja, observa-se que praticamente todos os jovens mencionaram terem tido contato com o ambiente religioso desde a infância, principalmente por mediação da família. Alguns jovens enfatizaram a forte religiosidade de seus familiares e o fato de os seguirem neste aspecto:

*...minha família, uma família bem religiosa, nos reunimos sempre pra rezar o Terço na capelinha, tudo mais, uma família bem religiosa (Guilherme).*

*Eu fui criado pela minha avó e pelo meu avô maternos. Então a família da minha mãe toda, é uma atividade muito intensa na paróquia, sabe. Eles participam ainda do movimento da Renovação Carismática, tanto que era uma coisa que eu participava também, junto com eles (Tadeu).*

Os trechos relatados acima mostram famílias atuantes na igreja, desde os avós até os netos, caracterizando a religião e seus preceitos como um valor importante dentro destas famílias, o qual vem sendo transmitido ao longo das gerações. Assim como Tadeu parece ter se comprometido com este valor herdado de sua família, o trecho abaixo também mostra um jovem que assumiu o que lhe foi ensinado em casa, pela mãe:

*eu era um cotoquinho de criança, mal e mal e sabia o que eu estava fazendo, né. Mas era aquela coisa, eu gostava de cantar, eu gostava de ver os cantos na missa e como não tinha ninguém que puxava, digamos assim, eu me achava incumbido de puxar, mesmo que não puxasse bem, mas, eu cantava. E sempre o meio em casa foi da mãe incentivar a cantar, a rezar, puxar o terço. Primeira vez que eu puxei o terço foi na capela, na comunidade nossa, e isso até hoje é marcante pra mim, que eu tinha acho uns 6, 7 anos de idade e eu puxava o terço (João).*

Nota-se que o incentivo materno foi relevante para que João participasse de orações e cantos na igreja, o impulsionando a tomar iniciativa quanto a “puxar” cantos (mesmo que não fosse da melhor maneira) e também o terço, fato inclusive considerado algo marcante em sua vida. Ao falar que gostava do que fazia dentro da igreja, pode-se pensar na importância que o estímulo familiar assumiu na infância deste jovem, despertando apreço e vontade em realizar as atividades desenvolvidas na igreja.

Giovani tinha uma peculiaridade em relação aos demais: seus pais eram de religiões diferentes, os quais o levavam a participar de dois espaços religiosos distintos.

*meu pai e toda família dele eram luteranos e a minha mãe, católica. Então, no domingo eu acordava cedo e às 9h eu ia na escolinha dominical da Igreja Luterana e à noite tinha missa...(Giovani).*

A partir do incentivo e participação dos familiares no contexto religioso, estes jovens, alguns mais cedo, outros mais tarde, também logo iniciaram suas atuações na igreja. Maurício expôs ter enfrentado sua timidez para falar em público e iniciou sua participação nas leituras em missas de sua comunidade, ressaltando a intervenção da mãe para que isso ocorresse.

*Eu tinha vergonha, eu tenho até hoje, não sou muito chegado a falar em público, mas a mãe me convidou pra mim ir fazer uma leitura, né, e eu fui gostando, como aquilo lá funcionava, fui gostando, daí até que me convidaram pra entrar no grupo, né, pra participar. Daí comecei a participar, comecei a ter reuniões, assim, na cidade, junto com eles, fui gostando, fui ficando, até a hora de vir pro seminário (Maurício).*

Outro jovem mencionou sua primeira participação na igreja já aos quatro anos quando entrou para o grupo dos coroinhas, por interferência de sua avó e comenta que, posteriormente, foi assumindo vários outros compromissos religiosos, os quais ocupavam muitas noites de sua semana.

*eu tinha 4 anos de idade, então não tinha muita clareza nem do que era aquilo....4 anos de idade e fui colocado pela minha avó. [...] E no começo, também, nem sabia direito o que eu tava fazendo, mas depois comecei a pegar gosto e foi ... [...] ...na terça à noite tinha catequese, que eu era catequista, na segunda eu tinha reunião de liturgia ou tinha ensaio do grupo de cantos, na quarta eu tinha o grupo de coroinhas que eu era coordenador (Tadeu).*

Apesar de participar de celebrações em duas religiões, Giovanni disse que até certo momento de sua vida não gostava muito das atividades religiosas. Mas, depois que passou a gostar, tornou-se ativo na Igreja Católica, inclusive datando o início dessa atuação que foi como coroinha.

*Então no dia 24 que foi a missa da véspera de Natal foi, assim, o dia oficial do início, né, onde eu fui servir o altar pela primeira vez. Então, talvez, uma data específica pra esse início da participação efetiva foi na véspera do Natal de 2007 (Giovani).*

Para Giovanni, um grande marco em sua vida foi ter realizado o sacramento do Crisma, o qual lhe era exigido para que conseguisse ser catequista, um grande sonho seu.

*Então eu lembro que eu falei com a coordenadora da catequese se para dar catequese precisava já ter feito o Crisma e ela me disse que sim, por causa da iniciação cristã e que daí eu já seria maduro, né. [...] Catequese foi a tão esperada data que chegou de eu poder...não dar catequese, porque eles dizem que não pode se intitular professor, né, então a gente partilha da fé, a fé que eu tenho, fé das crianças. E aí, em 2009, finalmente, eu pude entrar pra equipe de catequese da minha paróquia e foi uma alegria muito grande (Giovani).*

A atuação como catequista também ocorreu com Guilherme, jovem que se descreveu sempre muito comprometido com a Igreja.

*Então nos dávamos uma mini-catequese pra crianças que não tinham ainda idade pra entrar na catequese. Então tínhamos os encontros, uma cartilha onde eles participavam, nos fim de cada 2 ou 3 encontros nós fazíamos um piquenique, como era proposto, assim, cada um trazia um alimento, nós partilhávamos. Então era um modo de que as crianças também participassem da Igreja (Guilherme).*

O jovem acima comentou sempre ter gostado muito das atividades litúrgicas na igreja, iniciadas já na infância e reconhece a expansão de sua participação na Igreja Católica ao fazer parte de uma entidade vinculada a esta instituição:

*Na liturgia eu ajudava, fazia leitura, entrava com a Bíblia, fazia teatro também... [...] participava da Infância Missionária, que é uma obra da POM, Pontifícia Obras Missionárias, da Igreja, onde eles visam que os jovens evangelizem outros jovens, ou até como é o lema, “Criança ajudando e evangelizando criança”. Então é uma obra que tenta com que a juventude, os jovens, as crianças, tenham uma vivência mais missionária [...] pra despertar novas vocações (Guilherme).*

Através dessas informações iniciais sobre a vida dos pesquisados antes do ingresso ao seminário, salientam-se dois aspectos: a presença e o “peso” familiar nos primeiros contatos e vínculos dos pesquisados com o universo religioso, ainda na tenra infância; a intensa participação e envolvimento dos jovens em atividades da Igreja Católica. O fato de serem provenientes de famílias religiosas, praticantes e atuantes nas igrejas de suas comunidades, oportunizou aos sujeitos um contínuo vínculo com a religião, tornando-a algo habitual em suas infâncias. A família pode ser considerada o primeiro grupo social a que um sujeito pertence, sendo ela a mediadora das primeiras relações do indivíduo com a sociedade, possibilitando a aquisição das normas e valores de determinado contexto. Assim, a família atua como agente da socialização, processo conceituado por Berger e Luckmann (2003, p.175) como “a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” e compreendido pelos autores em duas etapas: primária e secundária. A primária é a socialização inicial experimentada ainda na infância, por meio da qual a criança se torna membro da sociedade, adquirindo as primeiras capacidades sociais, enquanto a secundária diz respeito a qualquer processo posterior que inclua um sujeito já socializado em outros contextos de sua sociedade. A importância do processo socializador está

em facilitar ao indivíduo a interiorização do contexto que o circunda como realidade concreta, permitindo a compreensão de outros sujeitos e a apreensão do mundo provido de sentido. No caso dos jovens desta pesquisa, a intercessão de suas famílias para que convivessem no ambiente sacro foi relevante na internalização dos valores religiosos e na manutenção do contato com a igreja. Quando incentiva determinados comportamentos e atitudes e reprime outros, a família adquire uma influência significativa nas trajetórias de vida dos filhos, os quais terão as marcas familiares sempre presentes (SOARES, 2002).

O estímulo para que desde cedo os jovens tivessem contato com o contexto religioso pode ser pensado como a manifestação do desejo destes familiares de que seus filhos e netos seguissem e se interessassem, assim como eles, pela religião. Esta possibilidade vai ao encontro do que Soares (1997) traz acerca do projeto dos pais para seus filhos, neste caso, se estendendo também de avós para netos. Para a autora, os pais constroem projetos para o futuro dos filhos, almejando que estes representem o que lhes foi projetado, propondo-lhes objetivos e metas na vida. Espera-se que os filhos/netos sigam um ideal proposto pelos ascendentes até como forma de pagar uma dívida familiar inconsciente ou realizar um sonho que outrora não pode ser concretizado. Sobre a transmissão geracional, a psicossociologia traz a expressão “romance familiar”, referindo-se às histórias familiares repassadas ao longo das gerações, por meio das quais são relatados os eventos ocorridos, bem como os projetos feitos para os futuros componentes da família. Para Carreteiro e Freire (2006), as transmissões não ocorrem em momentos específicos, mas ao longo de toda trajetória de vida dos membros familiares, interferindo em dois tipos de heranças: a herança familiar, situando o sujeito como filho e membro da família e, a herança social, posicionando o sujeito enquanto um ser social, um cidadão. Importa compreender estas heranças através destas duas perspectivas, tendo em vista que estão sempre articuladas, delineadas por movimentações psíquicas e sociais. Nesse sentido, as histórias familiares das gerações ascendentes terão interferência na propagação de valores e princípios, como nos projetos e expectativas depositados nas descendentes. Ilustrando o que foi exposto, pode-se mencionar o caso de um dos sujeitos desta pesquisa ao declarar ter feito uma descoberta importante quando construiu sua trajetória socioprofissional. Ao consultar seus pais para obter algumas informações, sua mãe lhe contou que o grande sonho de sua avó materna, com a qual tinha muita



proximidade, era vê-lo padre e que cumprirá o projeto que lhe foi destinado, conforme o trecho abaixo:

*...eu fiquei sabendo que o sonho da minha vó era me ver padre. Quando eu fiquei sabendo disso eu fiquei muito, muito... não sei se eu fiquei triste, sabe, fiquei emocionado e fiquei com muita saudade dela. Mas daí eu pensei assim, então eu vou ser frei, eu vou ser padre porque é uma opção minha, um chamado de Deus, mas também por ela, né, porque eu queria ver ela feliz aqui junto comigo. Já que eu não posso ver ela aqui, vou fazer ela feliz lá onde ela tá. Então, agora também por ela, eu vou, né, talvez no dia que eu tiver me ordenando eu vou dizer assim 'vó, eu ofereço hoje pra ti isso que tá acontecendo' (Giovani).*

O fato de terem participado e se envolvido em atividades no contexto religioso permitiu aos pesquisados experimentarem papéis relacionados à vida na igreja, vivências componentes de suas trajetórias de vida e que, por terem sido narradas nesta pesquisa, parecem deter um sentido importante para cada um deles. O sujeito, ao desempenhar um papel, adentra outro mundo social e, ao interiorizar este papel, transforma tal mundo em algo subjetivamente real para ele (Berger e Luckmann, 2003). Logo, entende-se que os papéis assumidos pelos jovens, desde a infância, nas vivências na igreja, autorizaram que o “mundo religioso” se constituísse real em suas subjetividades. A experimentação e transformação destes papéis em realidade para os jovens podem ser exemplificadas na fala de um deles quando narra uma de suas brincadeiras na infância:

*eu brincava de celebrar missa, mas isso quando era bem pequenininho, lá que eu tinha uns 6, 7 anos. A minha mãe tinha um sininho, que ela guardava, assim, um sininho normal, e eu tocava aquele sininho e aí chamava todo mundo tinha que sentar lá nas cadeirinhas e eu com uma roupinha que eu tinha da minha formatura de pré, ficava falando lá como se eu estivesse celebrando uma missa. E aí eu sempre dizia que queria ser padre, tudo (Giovani).*

Importa expor a pesquisa feita por Fernandes (2010) na qual também foi encontrada a informação de participações na igreja antes do ingresso na vida religiosa, nesse caso, freiras. Segundo a autora, 15 das 19 pesquisadas declararam ter tido convivências com padres, religiosas, além da atuação em comunidades a que pertenciam. De acordo com as pesquisadas, foi este convívio social prévio que lhes despertou o desejo

por ingressar em conventos, considerando a admiração pelos religiosos que conheceram e pelo trabalho social e comprometido por eles realizados, fomentando nestas jovens a vontade de fazer o mesmo.

Retomando o presente estudo, além da atuação nas igrejas de suas comunidades, alguns jovens demonstraram olhar crítico e atuação em outros âmbitos da sociedade, denotando preocupação social. Um deles comenta sua participação em um grupo na escola:

*...grupo vinculado à escola, então nós tínhamos uns grupos de estudo, mas não era bem grupo de estudo, era como se fosse um grêmio onde a gente sempre tava junto, discutindo algumas questões, com o auxílio de alguns professores e tal, e nós formulávamos protestos, refletíamos (Fábio).*

Tadeu e Guilherme deixaram explícito em suas falas o quanto para eles é importante ajudar a sociedade, justificando suas participações em outros contextos para além da Igreja.

*a minha participação tanto na Igreja, quanto na escola, tanto na sociedade, era bem forte, assim, sempre gostei de ajudar os outros, assim. Então quando não tava na Igreja, né, ou tava em alguma obra social que eu gostava muito de ajudar, sempre fui assim (Guilherme).*

*E eu também me envolvia na escola, algumas vezes, à tarde, nós tínhamos o encontro do grupo do CQV. CQV é um grupo que nós tínhamos que a sigla significa “cidadania, qualidade de vida”, então nós tínhamos trabalhos sociais, voltados à prática da cidadania [...] Então, às vezes, nós nos uníamos aos bombeiros pra fazer um trabalho, então tudo muito voltado à cidadania, tudo muito voltado ao social, que é o que gosto, entendeu, ao social e ao humano (Tadeu).*

Guilherme narra ter sido secretário e presidente em duas gestões em um grupo de proteção ambiental em sua cidade, no qual buscavam conscientizar a população acerca dos cuidados com o meio ambiente. Para ele foi um momento importante, de crescimento e responsabilidade social. Além disso, o jovem também menciona o gosto pela política, participando em comícios de partidos que apreciava, fazendo bandeirinhas e entregando panfletos.

Na sequência, as falas dos jovens parecem reiterar o interesse e preocupação com a sociedade, por meio de argumentações que trazem convicção:

*eu acredito que uma pessoa, pra ela participar da sociedade, ela tem que ajudar. Se é uma pessoa que só trabalha pra si, que só ganha dinheiro pra si, que vive só pra si, eu acredito que essa pessoa não conta no número da população [...] Eu acredito que a pessoa tem que participar do meio social, tem que aparecer, de algum jeito. Seja bom pros outros também, tem que ajudar de uma forma os outros, porque nós não vivemos só pra nós, mas pros outros também (Guilherme).*

*E era uma coisa que eu sempre gostei, né, tudo que envolvesse o social [...] tudo o que é missionário, tudo que tem um cunho missionário, tem um cunho social, não é? Porque nós vamos direto àqueles que precisam (Tadeu).*

A participação como catequistas, leitores e coroinhas nas missas, assim como as atuações em grupos sociais na escola, ou fora dela, comprometidos com cidadania e qualidade de vida, sinalizam uma característica marcante entre este público pesquisado: a preocupação social e o desejo de ser útil à sociedade. Este fato chama a atenção tendo em vista ser incomum observar crianças e pré-adolescentes envolvidos em questões sociais ou políticas, principalmente com tanto afinco e consciência acerca da importância em pensar na sociedade. O caráter altruísta destes jovens, já enquanto crianças, demonstra que o ensinamento da Lei de Deus “amar ao próximo como a si mesmo” era colocado em prática por eles, muito provavelmente também por decorrência do estímulo de pessoas presentes na vida desses jovens, na maioria dos casos, seus familiares.

Quanto à referência familiar, Maurício foi um dos que comentou o forte papel materno em sua proximidade com a religião católica:

*Minha mãe falava em casa como era. Que nem, ela era minha catequista, né [...] Ela já ia me ensinando tudo, que nem o que significava cada coisa, cada oração, o que quer dizer, né, ensinava as orações [...] Que nem, quando ela tinha um tempo livre, que não tava fazendo serviço, assim, na casa, ela falava, quando eu também tava de várdea por lá, ela falava ‘vamos ver algumas coisas’, assim, da catequese, alguma coisa já, coisa da Igreja (Maurício).*

Da mesma forma que Maurício, Guilherme fala de sua mãe e a compara à Maria, mãe de Jesus, ao falar de seu caráter altruísta.

*minha mãe trabalhou sempre na questão social [...] Eu admiro muito a minha mãe [...] não por ser minha mãe, mas acredito que ela é muito importante pra minha cidade, eu acredito [...] Mas eu sinto que ela também tem uma atitude humilde, de doação do serviço. Eu vejo que minha mãe é uma verdadeira Maria dos nossos tempos, que sempre doou da vida dela, sempre pra ajudar os outros (Guilherme).*

Além da família, observou-se que outras pessoas também representaram figuras de admiração para alguns pesquisados, sendo que o jovem acima referido também cita o ex-prefeito de sua cidade como uma pessoa em quem se espelhava. Segundo Guilherme, este senhor, já falecido, era humilde e teve uma vida dedicada ao povo, aos mais necessitados. Inclusive, em outro momento, comenta que até decidir ingressar ao seminário, desejava ser prefeito em sua cidade, seguindo o modelo deste senhor a quem tanto admirava.

*uma pessoa, na questão da política, que foi muito importante, tanto no município, tanto pra mim também, uma pessoa que eu gostava muito, já falecido, que foi o primeiro prefeito da minha cidade [...] era uma pessoa, acredito que nunca roubou, que era uma pessoa muito simples, até um pouco pobre. Nós víamos que ele trabalhava porque gostava da população mesmo [...] eu gostava muito disso, que ele fazia pra ajudar. As placas que têm na cidade, maioria são obras dele. Então uma pessoa que doou muito de sua vida, vida toda como político. Eu vejo que foi uma pessoa que não fez por fazer, fez porque ele gostava, porque queria a melhoria do povo também [...] Então eu queria muito ser prefeito da minha cidade, tinha esse sonho [...] que eu tinha que ajudar o meu povo, a minha cidade, construir obras (Guilherme).*

No caso de João, sua vontade de ajudar na comunidade e a maneira de se aproximar das pessoas foi baseada na figura do avô materno que, segundo o jovem, sempre foi muito ativo e disposto a contribuir com a igreja a que pertencem.

*e eu peguei muito também do meu avô. Eu ia com ele na comunidade, e ele chegava brincando com todo mundo e eu acabava associando também 'ah, vamos chegar brincando também' [...] Ele é daquele mão-de-obra, homem mão-de-obra, se tem serviço, ele tá no meio, não importa se ele tá com dor nas costas, se ele tá com dor de cabeça, mas*

*ele tá no meio [...] E a comunidade lá, quando ele chegou, a comunidade não tinha igreja, era um barraco e tinha uma imagem de Nossa Senhora dentro [...] aumentaram a churrasqueira, fizeram capela, fizeram... e foram com 4 anos que o meu avô ajudou a cuidar da comunidade. E ele que fez crescer, digamos assim, a comunidade e eu tava junto, eu acompanhei isso (João).*

Já Tadeu, além da frequente menção à avó materna como figura presente em sua proximidade com a religião, citou também sua bisavó materna, a qual era muito conhecida na comunidade a que pertencia.

*bisavó, já falecida, ela...falavam que **ela era a dona da Igreja** [...] ela...como eu falei, por causa de sua participação na igreja, e ela era uma mulher de uma sabedoria incomensurável [...] ela era coordenadora de diversas coisas e tal na paróquia, ela tava no meio do povo. Então, às vezes ela era ministra da Eucaristia na celebração, mas quando não era ela, também tava no meio do povo. E ela era sempre assim: ela chegava na igreja e eu já tava esperando ela. Aí ele me pegava e ‘vamos filho, vamos comigo’. Aí eu ia, ela andava a igreja toda cumprimentando, perguntando da família. Então eu admirava ela por causa disso, por causa da proximidade dela com as outras pessoas. E sempre foi uma mulher muito comunicativa também (Tadeu).*

Não somente a avó e bisavó, mas Tadeu inclui a admiração por um novo padre que chegou à sua paróquia alguns anos antes de seu ingresso ao seminário.

*padre novo na minha paróquia [...] Ele tem o dom da palavra. E assim ele fala muito simples, muito simples. Então ele vai fazer o sermão dele, o sermão dele é muito simples, mas uma coisa muito profunda, sabe. Então tu vê que tem uma densidade, tem estudo, que tem pesquisa, que tem esforço em cima, sabe. E ele também é um ótimo líder, um ótimo pastor (Tadeu).*

Os seminaristas desta pesquisa demonstraram significativa consideração a algumas pessoas de suas vidas, conforme exposto acima, permitindo pensá-las enquanto figuras importantes na edificação identitária dos jovens.

O processo de identificar-se com o outro é compreendido por Coutinho, Krawulski e Soares (2007) a partir de duas dimensões: individual, contribuindo na construção de si e da autoestima; social, referente ao desempenho de papéis assumidos nas relações estabelecidas

e aos grupos a que pertence. Para as autoras, a cada contato com novas pessoas, o sujeito ressignifica sua construção identitária através de novos processos identificatórios, mantendo certa continuidade apesar das constantes rupturas relacionais e reconhecendo a si mesmo no decorrer de sua trajetória. Esta concepção permite pensar as trajetórias identitárias dos jovens pesquisados sendo elaboradas a partir das proximidades e distanciamentos destas pessoas por eles mencionadas como significativas em suas vidas, ora identificando-se com uma, ora com outra, mas sempre se reconstruindo.

Conforme Silva (2004), a perspectiva dos Estudos Culturais concebe a identidade como uma construção relacional, necessitando de identidades externas para se constituir, opondo-se a concepção de identidade como algo natural, pronto e estanque. Ao atravessar novos espaços, conhecer e se relacionar com novas pessoas, o sujeito carrega um tanto deles e deixa um pouco de si, modificando-se, reconstruindo-se, assumindo novas identidades em cada ir e vir. A compreensão de que a identidade é construída nas relações sociais também é defendida por Dubar (2005), concebendo-a através da articulação entre processos biográficos (identidade para si - o que o indivíduo pensa de si) e os processos relacionais (identidade para o outro – quem eu sou para o outro). Nessa perspectiva, o sujeito nunca se constitui isoladamente: além da definição de si mesmo, precisa da apreciação dos outros, tornando a identidade, para o autor, “um produto de sucessivas socializações” (p.V).

No caso dos jovens deste estudo, as relações estabelecidas ao longo de suas trajetórias com as pessoas por eles tomadas como referências, possibilitaram constituir-se através da forma como acreditavam ser vistas por tais pessoas e como se viam na relação com elas. Para exemplificar esta condição, pode-se pensar o caso de Tadeu, o qual desde muito pequeno já ajudava na igreja como coroinha. Diante dos fiéis componentes daquela igreja, Tadeu provavelmente já era visto como um bom menino, solícito aos rituais religiosos, comprometido e envolvido com a comunidade; logo, a partir desta concepção, o menino foi construindo sua identidade, entendendo-se como alguém que podia ser útil na igreja.

Este subnúcleo mostrou que o período anterior ao ingresso, à decisão pelo seminário e o conhecimento da Ordem Franciscana já era marcado pela **proximidade com o espaço religioso**: todos os jovens,

com maior ou menor intensidade, já participavam da Igreja, sendo um contexto conhecido e habitual para eles. A **presença familiar** como mediadora desta proximidade foi praticamente unânime entre os pesquisados, além de pessoas de fora da família, as quais também faziam parte de suas vidas, e representavam referências para os jovens, tanto no âmbito espiritual quanto social. Ficou evidente, também, a disposição e o interesse em **ajudar e contribuir socialmente**, denotando aos pesquisados um perfil altruísta e de dedicação ao coletivo.

#### 6.2.1.2 Escolhendo dizer “sim”

A partir das primeiras vivências no contexto religioso e da presença de pessoas que serviram como exemplos para os jovens, estes foram percorrendo suas trajetórias de vida até culminarem com a decisão pelo ingresso no seminário. Convém considerar que esta escolha se deu atrelada à outra: a opção feita pela Ordem Franciscana e não por outra congregação. Embora estes eventos pareçam ter acontecido simultaneamente na vida dos jovens, a seguir, serão apresentados separadamente para melhor compreensão.

Existem diversos institutos religiosos em todo o país, diferindo uns dos outros pela congregação a que pertencem; ou seja, não se escolhe a cidade onde estudar, por exemplo, mas sim a congregação de que se pretende fazer parte. Dependendo da etapa formativa em que ingressam e a congregação escolhida, os jovens, muitas vezes, precisam sair da região onde moram para cumprir o percurso de formação, sendo este o caso de alguns dos pesquisados, os quais são provenientes da região sudeste do Brasil.

E por que os jovens desse estudo escolheram a Ordem Franciscana? Como conheceram esta Ordem?

Para dois jovens, o fato de pertencerem a paróquias conduzidas pelos franciscanos favoreceu a opção por esta Ordem. Um deles nunca havia tido contato com a Ordem Franciscana, mas na nova cidade em que morou durante dois anos, antes de ingressar no seminário, a paróquia local era desta congregação.

*Eu acho que era só porque eu... eu decidi entrar nos franciscanos, né, só por causa, só conhecia essa e os freis da minha paróquia são dessa.. Daí eu acho que é por isso, não conheci outra pra ver, era o que tava mais na mente (Maurício).*

*foram dois anos que eu conheci os franciscanos, né (João).*

No caso de outro pesquisado, um primo que havia sido seminarista na Ordem Franciscana lhe contou um pouco sobre como o seminário nesta congregação.

*foi pelo meu primo estudar aqui e eu já cheguei aqui, eu não sabia tudo, mas sabia o básico mais ou menos como que era (Márcio).*

O jovem também comenta sobre o contato que teve com um frei, o qual fazia atividades na escola e difundia o carisma franciscano, além de sua paróquia pertencer a esta Ordem, como no caso de Maurício e João.

*...um frade vinha e... um grupo de jovens aí era assim, reunia todos, daí falava, fazia gincana sobre Bíblia, gincanas bíblicas, essas atividades, ele explicava, passava vídeo, explicava sobre a Igreja, sobre Francisco. Era uma vez por mês, na escola [...] E eu acho também o frei me influenciou, os frades lá da minha paróquia me influenciaram porque não tem padre de outra Ordem, é os franciscanos. Daí eu acho que isso também influencia (Márcio).*

Para Fábio, a proximidade com a Ordem Franciscana ocorreu após a morte de sua mãe, sendo este contato gradativamente mais interessante ao jovem.

*Eu, como estava ajudando na comunidade, e os frades têm um trabalho de pastoral nessas comunidades, nessa cidade. E um desses frades, um dia, perguntou se eu não gostaria de conhecer a vida deles, né [...] Então, daí, eu fui lá e almocei com eles, né, passei uma manhã, entre dez e duas da tarde e desde então, assim, eu gostei muito. No primeiro contato, assim, eu já fiquei muito, assim, gostei bastante, me identifiquei mesmo. E daí eu disse que queria voltar mais vezes (Fábio).*

Fábio comentou que seu interesse o levou a estar mais vezes no convento dos frades até chegar o momento em que se iniciou o acompanhamento vocacional. Este é caracterizado como um contato mais frequente e aprofundado com a Ordem, seja através de participações em uma paróquia franciscana, ou com encontros junto de jovens já pertencentes ao seminário franciscano. Nesse momento, onde



o jovem sinaliza interesse em adentrar neste contexto, os frades entram em contato com a família, pedindo autorização (no caso de serem menores) e explicando como são as vivências no seminário.

*Aí quando eu disse que queria voltar mais vezes, aí que se houve um trabalho mais intenso. Daí alguns frades foram na minha casa conversar comigo, conversar com os meus pais. Aí depois eu passei a fazer um acompanhamento vocacional com eles, nesse outro convento onde eles estão. Então aos domingos, uma vez por mês, eu ia lá e ficava com eles, e almoçava, e a gente conversava, e tinha um encontro de formação, também, pra saber o que eu estava vendo, então era de formação franciscana que falava de São Francisco, da vida dele e tal. As primeiras coisas que aprendi foi lá, então era nesse sentido, assim (Fábio).*

O jovem acrescentou não saber da existência de diversas congregações e as diferenças entre elas e afirma que, mesmo assim, após conhecer a Ordem Franciscana, não teve interesse em ter informações sobre nenhuma outra, justificando o por quê.

*quando eu optei por ser... por conhecer a Ordem Franciscana, eu não sabia que existia outras, entre aspas [...] Mas, depois que eu ingressei na Ordem, eu já tava com São Francisco tanto na veia, assim como a gente costuma dizer, São Francisco já tava tão encarnado, assim, entre aspas, né, no bom sentido, porque pra mim falta muito ainda, mas São Francisco já representava pra mim tanto um ideal, que eu vejo desnecessário olhar para outro carisma. Sem desrespeitar os outros, né, mas pra mim, o que responde as minhas necessidades pessoais e as respostas ...e as necessidades que eu quero suprir para a sociedade, é São Francisco. Então, por isso a Ordem Franciscana e não outra (Fábio).*

Para outros dois jovens a leitura de livros sobre a vida de São Francisco fez parte de suas vidas, embora em momentos diferentes para cada um deles. Tadeu expôs que, na infância, sua bisavó materna costumava lhe presentear com caixas de livros e, em uma das vezes, ganhou o primeiro livro sobre um santo: “Francisco, irmão sempre alegre”.

*O primeiro livro que eu ganhei, meu, não sendo de conto infantil...Minha bisavó, ela era assim, ela me dava sempre, todo mês, ela me dava aquelas caixinhas, sabe, aqueles box, com diversos livros de*

*contos infantis e diversos livros de contos bíblicos porque minha bisavó era católica fervorosa [...] Mas o primeiro livro que eu ganhei que não era de contos infantis, eu tinha o que...uns 8 anos de idade, foi 'Francisco, irmão sempre alegre', do Fr. Jorge Hartmann, né. E eu li, eu li e me encantei. Sabe, diferente, diferente na história, porque eu sempre ouvia falar de santo, um santo muito sério, um santo...e 'Francisco, irmão sempre alegre' quer trazer exatamente isso, que Francisco não era um santo sério, Francisco era um santo extremamente dinâmico (Tadeu).*

Embora o livro tenha lhe possibilitado conhecer um pouco de São Francisco, a proximidade com a Ordem fundada por este santo ocorreu ao término de seu ensino fundamental, por meio de um colega que soube da existência do seminário franciscano e da possibilidade de fazer um breve acompanhamento vocacional a fim de decidir pelo ingresso na instituição. Assim, o conhecimento mais esclarecido sobre a Ordem se deu durante os quinze dias de tal acompanhamento, situação amplamente incentivada por sua avó materna, a qual, segundo o jovem, “sentia” ser muito importante a Tadeu experimentar tal contato com a Ordem, além de entender que o ingresso ao seminário seria relevante para seu neto.

Giovani também leu livros sobre São Francisco de Assis, mas estes lhe foram dados por um frei no período em que este lhe ensinava sobre a Ordem Franciscana.

*esse frei me deu dois livrinhos e ele pediu que eu lesse e aí eu li os dois e era assim, uma coisa apaixonante a vida de São Francisco, que até então eu desconhecia, só conhecia Francisco como o homem dos animaizinhos e nada mais do que isso. E aí quando eu comecei a conhecer a vida dele, que tipo de santo ele foi, que tipo de ser humano ele foi, principalmente, né, eu me apaixonei por ele. E aí eu decidi pela Ordem Franciscana pela paixão por São Francisco e pela vida dele (Giovani).*

O contato com este frei aconteceu de forma não planejada pelo jovem. Este vivia um momento de inquietude, sem saber o que sentia ao certo quanto à vida religiosa. Começava a pensar na possibilidade de seguir esta vida, mas não tinha certeza. Foi quando decidiu, juntamente com sua mãe, conversar com um padre da comunidade a que pertencia, a qual não era da Ordem Franciscana, para pedir esclarecimentos. Porém, no caminho para a casa paroquial, ele e a mãe resolveram entrar em um

convento franciscano, o qual nunca tinha frequentado e lá acabou tendo com um frei a conversa que teria com o outro padre.

*nós estávamos indo conversar lá na paróquia, junto com o padre. Mas a gente passou pelo convento dos freis, mas a gente não conhecia essa diferença. E a minha mãe disse: vamos entrar aqui pra ver, né, falar com o frei, com o padre. E nós entramos e ele estava lá. E aí, conversamos e tudo e ele disse: ‘participe da Igreja pra você saber se você quer ser franciscano, se você quer ser padre, o que você quer ser, qual o futuro que você quer seguir’. Então não foi ele que disse: ‘seja franciscano’, ele disse assim: ‘acompanhe a vida aqui, acompanhe a vida dos padres e aí você vai ver aquilo...’. Ele disse assim, eu lembro como ele falou certo: ‘Deus vai colocar no teu coração aquilo que é pra você seguir’. Ele falou assim, com essas palavras (Giovani).*

E compreendeu essa “mudança de rumo” da seguinte forma:

*foi um acaso mesmo, uma coincidência, não sei, algo maior, né. Porque eu tava indo e a gente passou na frente da Igreja, porque é caminho, né [...] Pra chegar lá na Igreja dos padres, eu tinha que passar na frente do convento. E aí eu acho que foi Deus, foi São Francisco, ou não sei, foi a vida, que fez com que eu entrasse lá (Giovani).*

Outra forma inesperada de contato com a Ordem Franciscana se deu com Guilherme, ocorrendo através de uma Ordenação Presbiteral que aconteceu na comunidade a qual o jovem pertencia. Nas semanas que antecedem a ordenação, os frades costumam fazer missões nas casas, escolas e igreja locais a fim de mostrar à comunidade o trabalho vocacional dos franciscanos e motivar a todos para participarem da ordenação. E foi neste momento em que Guilherme se aproximou da Ordem, participando ativamente dos dias de missões, inclusive faltando aula para estar nestas ocasiões.

*Eu comecei a ajudar nos dias das missões, fui nas escolas, fui nas casas junto com os missionários [...] E achei muito interessante essa vivência com os frades, com os padres, com as irmãs, presentes com o povo que se organiza na comunidade [...] Então pra mim foi muito significativo a minha ajuda nas missões, deixei até de ir na escola alguns dias, pra ir nas casas, fazer bênçãos, ir nas escolas visitar os alunos e tudo mais. Entrei com a Palavra [Bíblia] no dia da Ordenação dele (Guilherme).*

E assim como para Giovanni, Guilherme também compreende este momento como algo místico, vindo de Deus para encaminhar sua vida.

*Acredito que tudo que acontece na nossa vida é dom de Deus ou é uma graça, um momento que Deus nos proporciona, tanto os momentos bons, como os momentos ruins. Então eu acredito que esse momento foi, principalmente, foi momento de benção na minha vida, foi momento de mudança. Que eu tava terminando a oitava série, bem no ano que iria entrar no ensino médio pra poder entrar no seminário e teve a Ordenação dele. Isso eu acredito que foi o dedo de Deus, ter colocado a Ordenação dele no mesmo ano, no final da minha oitava série (Guilherme).*

As formas de contato dos jovens com a Ordem Franciscana apontam para algo em comum: perpassaram as vivências sociais e os intermédios familiares. As participações nas igrejas conduzidas pelos franciscanos, em ordenações presbiterais da Ordem Franciscana, encontros e contatos com freis desta ordem, assim como a intervenção da família (primo que estudou no seminário, bisavó que deu livro de São Francisco de Assis e avó que “sentiu” ser importante o neto entrar para o seminário) parecem ter sido decisivos na escolha pela Ordem Franciscana.

O fato de terem conhecido e se identificado com a Ordem Franciscana não bastaria como motivo para ingressarem ao seminário religioso. Existem pessoas que também seguem o carisma franciscano, mas de forma leiga, compondo a chamada Ordem Franciscana Secular. Portanto, não necessariamente estes jovens, admiradores de São Francisco de Assis, precisariam escolher a vida religiosa para seguir os preceitos deste santo. Afinal, então, como decidiram pelo ingresso no seminário?

Para dois jovens, a opção por ingressar no seminário parece ter sido decorrente da “sugestão” de algumas pessoas, somada à proximidade e participação no contexto religioso, culminando com certa curiosidade em adentrar aquele espaço, a fim de “experimentá-lo”.

*Acho que foi duas ocasiões [...] eu fazia esses encontros com o Frei, [...] ele passava vídeo sobre Francisco e explicava sobre a vida. [...] ... eu quis conhecer também como era. E eu tive um primo que estudou em Agudos, né, daí ele me colocou também um pouco a par como que era no seminário... (Márcio).*

*veio a proposta [por parte de sua mãe] do seminário no meio, né, chamou mais forte, eu acho. Daí eu entrei também pra... eu sou meio curioso, daí eu não sabia o que que era, como era, que era. Daí eu entrei pra conhecer, conhecer um pouco, né, que se eu não gostar um dia, eu saio. (Maurício).*

Caso não escolhessem ir para o seminário, os dois jovens acima citados também mencionaram a possibilidade de entrar para a escola agrícola, seja por incentivo de colegas e familiares ou por desejo próprio.

*Só que quando eu dei a notícia no meu colégio que eu ia pro seminário, diziam “ah, você tá mentindo”, “ah, não vai pro seminário, vamos pro colégio agrícola juntos”, porque tinha uns amigos que foram [...] Minha tia não queria que eu viesse de jeito nenhum. Ela queria que eu fosse pra um colégio agrícola, não sei o que, meu tio também (Márcio).*

*a minha vizinha ficou sabendo, ela estudava comigo, daí ela veio me perguntar se era verdade, daí eu falei que era [que entraria para o seminário]. Já tinha, eu e ela e mais outro já tinha combinado pra entrar na escola rural, né, daí ia estudar junto (Maurício).*

Para outros dois jovens, a decisão parece ter sido proveniente da condição familiar em que se encontravam, visto que ambos vivenciavam mudanças e tensões em suas vidas, as quais os mobilizaram a buscar caminhos alternativos. Essa constatação é decorrente de duas condições: da compreensão ampla de suas trajetórias de vida, descontinuidade e rupturas pelos quais passavam e, também, da compreensão que um dos próprios jovens teve sobre essa decisão (o outro parece ter negado a relação entre sua decisão e seu contexto de vida).

*o seminário foi como uma experiência ousada de experimentar mesmo o que que é que eu quero, que tipo de pessoa eu vou ser, mas que tipo de carreira eu vou seguir, né. Então ingressar no seminário foi uma opção pessoal por ser frade, mas também por me conhecer, porque eu sabia muito bem que eu era livre e que podia sair a hora que eu quisesse e sou ainda, né [...] foi mais no segundo semestre de 2009, então, quando todo mundo na sala estava dizendo pra que colégio iria no ensino médio, né, e daí eu me via assim “tá, e pra onde vou, né?” E como eu já estava com aquele acompanhamento e tal e aquilo estava me chamando a atenção, meu coração batia mais forte por aquele lugar, eu falei assim “ah, então vamos!” (Fábio).*

*Foi bem de um dia pro outro, assim, sabe. Nós tínhamos chegado em casa de uma missa e eu: “mãe, quero ir pro seminário”. Ela não sabia o que dizer, né, daí eu já conversei com um do... daí depois desci na Paróquia, conversei com o Frei [frei de sua paróquia] que era animador vocacional [...] mas eu acho que chegou um ponto que eu disse “ah, vamos tentar uma coisa nova, vamos sair daqui, vamos procurar uma outra possibilidade de vida” (João).*

E, abaixo, João desabafa quanto à decisão:

*eu dei uma passo no escuro, né [...] A minha irmã, eu já sabia que ela iria embora pra Goiânia, e eu que cuidava da minha sobrinha, cuidei 2 anos dela [...] ela também é meu xodozinho de vida. Mas, foi uma coisa muito espontânea. Nós tínhamos acabado de se mudar, meus pais tavam se brigando e tava uma coisa assim, e tava .... como se fosse uma marmelada bem grande, uma bola de neve bem grande e chegou naquele ponto que eu, digamos assim, explodi. Pronto, quero ir pro seminário e vamos ver o que vai dar, né (João).*

Diferentemente de João, que deixou explícito ter sido sua decisão relacionada às tensões familiares, Fábio, cuja mãe havia falecido há pouco tempo, não compreende sua decisão como uma estratégia para não ficar “sobrando” na casa da tia (ou madrastra, como chama), já que tinha se desligado de seu pai e quase não tinha contato com seus irmãos. O grifo feito na fala deste jovem denuncia a forma como este parecia se sentir no momento em que decidiu pelo seminário: perdido, desorientado. A morte de sua mãe torna-se um divisor de águas em sua vida, o que fica claramente expresso na construção gráfica de sua trajetória socioprofissional (o jovem coloca um espaço vazio entre os anos de 2007 e 2008, período entre a descoberta e tratamento da doença, até a sua morte. Em seguida de 2008 ele escreve: “depois da morte de minha mãe” e dá prosseguimento à sua trajetória). Assim como João, que também vinha convivendo com os frades, ingressar no seminário franciscano lhe serviu como uma possibilidade diferente, rumos e ares novos para sua vida.

Já no caso de Guilherme, a decisão por ingressar no seminário aconteceu por meio de sua participação na Ordenação Sacerdotal de um frade franciscano, momento em que tomou contato com a Ordem Franciscana pela primeira vez, conforme explicitado anteriormente. O jovem expôs que seu envolvimento com toda a preparação, bem como o

acontecimento da Ordenação, fizeram com que se imaginasse no lugar da pessoa que estava sendo ordenada. E, a partir do questionamento de um amigo sobre entrar para o seminário, pensou que gostaria, sim, de ingressar neste espaço.

*Nos dias da Ordenação do Frei [frei que foi ordenado], vendo todo aquele povo que saiu das suas casas, tanto religiosos, padres, irmãs, os leigos também, que dedicaram e dedicam a sua vida pela Igreja, eu achei isso muito bonito, sabe [...] Eu me imaginava também “meu Deus, um dia eu vou estar aqui também”. Então foi um momento que...um amigo meu que tava participando das Ordenações [...] me perguntou se eu queria ir pro seminário e eu disse que sim, como Maria, seu sim (Guilherme).*

Como exposto anteriormente, o jovem havia comentado sobre seu desejo de ser prefeito de sua cidade. Entretanto, após a experiência da Ordenação, foi revendo esta ideia e percebendo que também poderia ajudar as pessoas sendo padre.

*E depois isso foi se desconstruindo aos poucos, vi que eu posso ajudar a sociedade de uma forma política estando na Igreja também, né, como sacerdote, como religioso, em qualquer outra atividade que eu exerça, eu vou ajudar de uma forma ou outra a sociedade, o município, não um específico, mas por todos que eu for passar um dia, né, atuando como padre, como religioso [...] Eu gosto muito, assim, de ajudar os outros, mesmo que seja de uma forma muito apagada, mas eu gosto sempre de ajudar [...] Então eu via, assim, precisa de gente que se doe mais pela Igreja. Acho que isso foi principalmente o que me motivou (Guilherme).*

Contrariamente aos outros jovens, cuja escolha por seguir a vida religiosa se deu praticamente meses antes do ingresso ao seminário, dois outros jovens já pensavam nesta possibilidade há mais tempo. Tadeu, conforme já foi mencionado, iniciou sua participação como coroinha aos quatro anos e percorrendo sua trajetória de vida pensou em seguir vários rumos, até culminar com a vontade de ser um religioso.

*quando eu era criança eu queria ser professor [...] Aí depois mudou, eu queria ser músico, porque eu tava no período que eu estava gostando mais do conservatório e eu falei “não, eu vou ser músico. Não, vou ser regente, vou ser flautista, vou ser cantor”, [...] Mas daí, depois, eu comecei a trabalhar na paróquia, comecei a ter um contato maior com esse padre, né, e por conseguinte, com os meninos do seminário [...] eu*

*comecei a pensar “será que eu não vou poder ajudar mais assim...? Será... se eu não posso ajudar mais seguindo esse caminho?” (Tadeu).*

Depois de ter amadurecido suas reflexões, o jovem descobriu que seu rumo estava relacionado à vida religiosa:

*Eu queria ser padre...na verdade nem ser padre, eu queria ser consagrado a Deus, de alguma forma. Encontrasse uma comunidade...ser padre seria uma consequência (Tadeu).*

Apesar de saber que desejava ter uma forma de vida próxima a Deus, ainda havia dúvidas sobre o caminho para efetivar tal escolha. Após contato com um amigo, que sugeriu a Tadeu o seminário franciscano, o jovem conversou com sua avó sobre esta possibilidade e ela lhe aconselhou o ingresso à instituição.

*Aí fui comentar com a minha avó, [...] Aí minha avó: ‘larga mão de ser bobo, vai... olha a oportunidade que está surgindo na sua vida. Você não vai ser bobo de largar, né, você não vai ser bobo de abandonar’ [...] ‘ah, vou pensar, então, vó’. Aí, a minha vó, ela sempre foi muito mística, sabe, então, eu comentei isso com ela, daí no outro dia ela veio e falou: ‘olha, eu senti que você tem que entrar. Eu não sei, eu não consigo explicar’, ela falou ‘eu não consigo explicar como, como eu senti, da onde eu senti, da onde que me veio, mas eu sinto que aí é o lugar mais certo pra você iniciar o seu espírito vocacional...’ (Tadeu).*

E o entusiasmo maior para ingressar ao seminário se deu ao descobrir as possibilidades que tal escolha lhe proporcionaria:

*eu fui conhecendo um pouco mais e descobri que os frades, aqui da Província da Imaculada Conceição, eles podem ser padres, professores e músicos. Eu falei ‘ai, que maravilha!’ Maravilha, juntou o útil com o agradável, a fome com a vontade de comer (Tadeu).*

Giovani, ao longo dos acompanhamentos vocacionais com o frei, foi percebendo-se diferente e até inadequado no convívio com seus colegas na escola, compreendendo que conseguiria se sentir melhor quando ingressasse ao seminário.

*... não conseguia me sentir incluído dentro das outras situações da vida, por exemplo. Na minha escola eu não me encaixava com ninguém,*



*porque uns, os meninos numa certa idade eles ficam, assim, muito bobos, eu acho, na escola. E aí eu não pensava daquele tipo [...] Teve até um momento em que, um dia eu cheguei pro frei, eu acho que eu tava na sétima série, eu disse: 'frei, eu me sinto, assim, tão sozinho, eu quero entrar pro seminário o quanto antes possível, porque lá eu acho que eu vou conseguir preencher essa ânsia, essa vontade de algo, né' [...] No primeiro ano nem tanto, no primeiro ano de acompanhamento, mas já no segundo, no terceiro, principalmente, eu só fiquei aguardando ter a idade pra poder entrar (Giovani).*

Neste momento da vida, o jovem já sabia o que queria para si e sabia que a única forma de efetivar sua vontade seria ingressando ao seminário.

*Então o que me estimulou a entrar pro seminário foi pensar assim: eu quero mesmo ser padre, sabe, ser frei, e eu não vou poder ser se eu não entrar. Então pra eu conseguir concluir o meu objetivo, eu preciso entrar. Então o que mais estimulou foi isso: eu quero ser padre, eu quero ser frei, então eu tenho que entrar lá, não posso ficar aqui fora que não vou ficar padre (Giovani).*

Para Aguiar (2006), os sujeitos escolhem a partir daquilo que os mobiliza, independente da forma como esta mobilização aconteça. No caso dos jovens deste estudo, a decisão pelo ingresso no seminário foi incitada por diversos motivos: curiosidade e estímulo de familiares, vontade de experimentar algo distinto das tensões e mudanças em suas vidas, bem como a identificação de alguns jovens com o que a vida religiosa possui e pode lhe proporcionar.

No momento em que se decidiram pelo seminário, os pesquisados abriram mão de outras possibilidades para suas vidas, algumas até mencionadas por eles durante as entrevistas. Entrar para o colégio agrícola, fazer faculdade de Medicina ou Biomedicina, ser professor, ser prefeito são algumas das possibilidades deixadas de lado caso realmente se mantenham decididos pela vida religiosa. Bohoslavsky (1998) entende que toda escolha implica recusar algo, renunciar a outras alternativas, exigindo ao sujeito elaborar lutos. O autor declara que, diante da escolha profissional, escolhe-se quem deixa de ser, que profissional abre-se mão de se tornar, além de outros objetos deixados pra trás, culminando com a ideia de conflitos e formas de resolvê-los fazendo parte de qualquer processo de escolha.

O presente subnúcleo expôs a maneira como os jovens conheceram e mantiveram os contatos iniciais com a Ordem Franciscana, bem como a forma como aconteceram suas decisões por experimentar a vida no seminário. Assim como retratou o primeiro subnúcleo, as informações contidas neste também tendem a apontar para a **família e o contexto social** novamente presentes nestes momentos da trajetória de vida dos sujeitos deste estudo.

## 6.2.2 Núcleo 2 - Vivendo o presente

Neste núcleo apresenta-se a forma como os jovens seminaristas estão vivendo o momento atual, dentro do seminário, o que permite compreender como estão vivenciando o processo de escolha pela vida religiosa. Para tanto, abordar-se-á, no primeiro subnúcleo, as mudanças pessoais percebidas, bem como as novas concepções e opiniões construídas a partir da entrada na instituição religiosa, enquanto no segundo subnúcleo serão expostas as dificuldades mencionadas pelos jovens no cotidiano do seminário.

### 6.2.2.1 Nova vida, novos olhares, novos pensares

O ingresso no seminário provocou mudanças na vida dos jovens, sendo estas muito além do fato de estarem vivendo longe de suas famílias, com outros jovens e em um sistema de regras e horários. As aulas, formações e a própria convivência com frades, com a comunidade e uns com os outros, os levaram a construir novas opiniões sobre si e sobre a vida no seminário. Esta instituição é marcada por um regime de internato, onde homens moram, estudam e trabalham por volta de oito anos de suas vidas, tempo que varia conforme a idade em que ingressam ou a congregação que escolhem.

Após quase três anos dentro da instituição, os jovens notaram-se diferentes, mais amadurecidos em comparação ao momento em que entraram no seminário, sendo esta uma constatação quase unânime entre eles. Acerca das mudanças pessoais, os jovens comentaram:

*a gente entra muito cru, porque eu entrei com 13 pra 14 anos, sempre de uma realidade vivida com os pais, sempre eles me deram tudo, fizeram tudo por mim. E agora eu tinha que fazer por mim também, né. Então eu acho que eu amadureci muito e ainda vou amadurecer muito conforme passar o tempo (Giovani).*

*eu amadureci muito, né, fiquei... reconheci algumas coisas que antes eu pensava assim 'nossa...'. Que nem a família, família é a família, né. Que nem aqui dentro, quando eu entrei, eu soube valorizar muito bem (Maurício).*

*a maturidade que eu criei aqui dentro, que a gente entra meio criança, meio jovem besta, não tô falando que todos são, mas alguns que são. Também a gente cria maturidade, aprende a levar as coisas a sério, aprende a fazer as coisas (Márcio).*

As instituições religiosas possuem uma série de regras e normas que organizam a vida dos jovens nestes locais. Inevitavelmente, a fim de buscarem adaptar-se ao que lhes é proposto, os seminaristas acabam mudando seu modo de ser, às vezes exigindo-lhes fazer coisas das quais não gostam ou não sabem. Alguns expuseram que as modificações pelas quais passaram foram decorrentes do novo contexto em que estão inseridos, o qual lhes exigiu serem diferentes.

*Eu até falo que no seminário estudo bastante: aqui eu paro pra estudar, antes eu não parava pra estudar. E essa foi uma mudança que ocorreu, bem grande na minha vida, porque antes eu nunca parei 2 horas direto pra ficar estudando, lendo a matéria, fazendo tarefa, e aqui a gente faz isso [...] Entrando aqui, eu tive que aprender, por exemplo, a trabalhar com a terra, coisa que eu nunca tinha feito e foi uma dificuldade, assim, bem grande, principalmente quando eu trabalhei. Trabalhei dois meses na horta, mas foi, assim, horrível, porque eu não sabia nada (Giovani).*

*Eu sempre fui uma pessoa de ficar falando, depois que entrei pro seminário eu comecei a ter um pouco mais disso, de não brigar muito, de não falar, de não ficar discutindo, ficar perdendo tempo discutindo (Tadeu).*

Houve os que mencionaram que suas mudanças foram nitidamente percebidas e apontadas pelos familiares.

*eu amadureci, digamos assim, no seminário. Eu era muito infantil e até mesmo minha mãe, primeiro ano que eu fui pra casa nas férias, no final do primeiro ano, ela disse: 'nossa João, você tá totalmente diferente, você não é mais o mesmo', tanto cresci em tamanho quando em mentalidade. E hoje lá em casa [...] eu não sou mais o nenê da casa,*

*mas, digamos assim, tomei alguém respeito, né, que eles me respeitam com uma maturidade maior, né (João).*

*eles dizem que eu mudei como se fosse da água pro vinho, por exemplo, porque eu era meio rebelde, assim, era um jovem normal, e agora, sei lá, tenho outra visão do mundo. Eu era bem nervoso, até agora sou mais calmo. Acho que eles perceberam isso, que houve uma mudança positiva (Márcio).*

Estar no seminário tem oportunizado aos jovens edificarem concepções quanto a ser um seminarista, algo que antes concebiam a partir de uma “visão de fora” e, agora, assumindo esta identidade, reformularam suas opiniões. A forma como compreendem o que é um seminarista é exposta abaixo:

*o seminarista é um sininho no mundo, é aquele que vai contra, às vezes, ao regime [...] E esse sininho é aquele que faz o barulho pra incomodar [...]ser uma pessoa melhor, ajudando, doando um pouco que eu sei, ajudando as outras pessoas, também, através dos projetos da Igreja [...] Acredito que ser seminarista é isso, ajudar os outros na Igreja. Fazer com que o projeto de Jesus Cristo não seja abalado por outras coisas. Acho que é isso: nossa missão é ajudar e ser sininho (Guilherme).*

*ser seminarista é ter, como eu disse antes, uma intimidade grande com Deus, ou procurar ter, né, porque a gente não é santo, e a gente não consegue, né. Mas procurar sempre ter uma intimidade com Deus, por mais que isso não aconteça, talvez, mas a gente tem que tentar (Giovani).*

*eu acho que o ser seminarista, principalmente na sociedade atual é isso, abraçar uma proposta, abraçar uma lógica que não cabe nas fôrmas do mundo atual, nas fôrmas da sociedade atual. Que nós sabemos que é uma sociedade efêmera, uma sociedade capitalista, uma sociedade consumista, uma sociedade em que o outro é o meu objeto de consumo e ele ainda é objeto descartável... consumo, abro a tampa do lixo e jogo ele fora. Então pra mim ser seminarista é exatamente isso (Tadeu).*

Alguns jovens também expuseram a visão que as pessoas leigas, em geral, parecem ter sobre os seminaristas.

*o fato de ser seminarista é uma responsabilidade a mais no que diz sentido ao campo espiritual, mesmo. As pessoas que estão lá fora, por*

*exemplo, elas pensam assim, se nós somos seminaristas a gente tem que ter uma carga espiritual, não sei se seria esse o termo pra se utilizar, maior [...] E eu não tô dizendo que isso aconteça, só tô dizendo que talvez seja uma responsabilidade maior, porque as pessoas confiam bastante na gente, e nas nossas orações, e acreditam que a gente tem essa vida, então, de oração, de mais intimidade com Deus (Giovani).*

*significa ser um exemplo, né, se eu for seminarista não vou poder fazer coisas que certos jovens fazem, como por exemplo, sair.... sair na rua avacalhando com as coisas, quebrando, assim, que nem muitos fazem. Isso não se espera de um seminarista... (Márcio).*

*a juventude de hoje vê os seminaristas como... como por exemplo uma caixinha. Sabe aquelas bonequinhas quando vem na prateleira, se você toca assim pode ter um vidrinho e quebra, o sapatinho cai, ou qualquer coisa assim. Bem, essas pessoas não acabam tocando na gente por isso (João).*

O trecho acima, dito por João, denuncia o que ele e outros jovens pensam e sentem sobre a dificuldade de ser um seminarista, sendo visto como um diferente diante da sociedade. Alguns pesquisados narraram experiências que tiveram ao voltarem para suas cidades e reencontrarem amigos e colegas, apontando como se sentiram estranhos diante de velhos conhecidos.

*parte das pessoas tem uma visão negativa sobre a gente. E até um fato que aconteceu quando eu fui, em umas das minhas férias, na minha escola, e que eu cheguei lá e fui, assim, bombardeado com questionamentos sobre os funcionários da escola sobre o porquê que eu tava no seminário. Alguns acham que a gente tá aqui porque a gente é gay, outros acham que a gente é idiota e não vai casar. Então as pessoas criticam muito, também. Enquanto umas confiam, as outras acabam com a gente (Giovani).*

*(ao falar dos amigos de sua cidade) ...eles não falavam mais as coisas que eles falavam quando nós estávamos juntos. A gente tem muito de falar besteira, coisas assim, mas eles não falavam mais isso. Eles iam falar, quem sabe alguma coisa, eu notava que muitas vezes quando a gente ia comer pizza, eles iam falar alguma coisa, eles olhavam pra mim, coisa assim, e mudavam o contexto da história.[...] E é uma coisa que eu acho muito ruim de ser seminarista hoje é isso de ser tratado com diferença. Eu acho que a gente é juventude normal, é igual (João).*

Os depoimentos de João e Giovani mostram o sentimento de inadequação por eles vivenciado diante de pessoas que foram próximas em suas vidas até o ingresso no seminário. As experiências acima expostas pelos jovens retratam discriminação e preconceito pelo fato de terem feito a escolha de serem seminaristas, permitindo pensar que a forma como tais pessoas os viram também seja a maneira como tantas outras pessoas concebem um seminarista. Assim como os jovens deste estudo mencionaram serem vistos estranhamente, sujeitos do estudo de Fernandes (2010) também apontaram esta questão, tendo a autora exposto que um de seus pesquisados foi chamado de E.T. (extraterrestre) por ter escolhido a vida religiosa.

Por outro lado, alguns deles entendem que ser seminarista acarreta também algumas “vantagens” na convivência social, ao comparar com os jovens que não estão no seminário.

*as pessoas passaram a me ver de uma forma diferente, ‘agora ele é seminarista’. Às vezes as pessoas até pensam que seminarista é quase padre ou mini padre, então tratam você de uma forma diferente, né. Assim até na minha família muitas coisas não deixavam eu fazer,...trabalhos...tudo é mais mordomia, sabe (Guilherme).*

*é, não sei se posso usar essa palavra, mas eu acho que status, talvez. Porque na comunidade tem a festa em julho, daí essa festa eu tô em casa e eu vou, né. Daí o Frei sempre me chama na frente e fala que esse é o seminarista tal. Daí eu escutei muito, assim, na festa de tarde, daí eu trabalho, faço algumas coisas lá, daí eu escuto as meninas, os piá falar ‘ó, esse é seminarista’, ficam cochichando e dá pra escutar, né (Maurício).*

*Também acho que o povo vê com outros olhos a gente, não que eu queira ficar me achando por isso, mas acho mais fácil pra chegar, por exemplo, falar com as pessoas, acho mais fácil sendo seminarista. Porque jovem, muitas pessoas tem preconceito com jovens. Jovens, por exemplo, são as pessoas que não querem nada com nada, que não querem nada com nada, essas coisas. Daí sendo seminarista elas te olham com outros olhos, daí é mais fácil mudar esse pensamento delas (Márcio).*

Tantos os relatos de preconceito quanto os de “status” em ser seminarista referem-se a uma mesma condição: diante dos olhares sociais, ser seminarista é ser alguém diferente. Independente da valoração positiva ou negativa dada a tal circunstância, o fato é que os

jovens em processo de escolha pela vida religiosa são vistos de forma distinta. Por mais que haja esforços em tentarem viver de maneira parecida com outros jovens, a compreensão de que são pessoas “estranhas” parece predominar e, inevitavelmente, carregam esta espécie de estigma ao longo de sua trajetória dentro do seminário.

Antes de entrarem para o seminário, os jovens conheceram São Francisco de Assis, sua história, seus valores e os propósitos de sua Ordem. Contudo, após fazerem parte da instituição franciscana, tiveram condições de aprofundar os conhecimentos sobre o santo e o significado de ser franciscano e, como construíram novas ideias sobre ser seminarista, também formaram novos entendimentos sobre ser franciscano. De modo geral, parecem entender que, sendo franciscanos, possuem a responsabilidade de propagar e praticar os preceitos de São Francisco de Assis, transformando e ajudando a sociedade a melhorar. Algumas falas retratam tais concepções:

*Acredito que ser franciscano é isso: estar na sociedade ajudando de qualquer forma, como eu já disse anteriormente. Ajudando tanto na Igreja, tanto nas escolas, pois temos Universidades, colégios e tudo mais. Acredito que isso também nos transforma. Porque São Francisco de Assis, entre aspas, fez um estrago, tanto na Igreja, tanto no mundo. Até foi declarado pelo Papa Joao Paulo II, no século passado, que ele seria o homem do milênio (Guilherme).*

*é uma responsabilidade muito grande, porque a gente tem que mostrar pro mundo esse homem que foi muito santo. Então carregar junto com o nome esse termo franciscano é tentar ser um pouquinho, uma miséria daquilo que foi São Francisco [...] Então ser franciscano é isso, é tentar ser um pouquinho do Francisco hoje em dia, tentar transformar a nossa realidade através do olhar desse homem que viveu há tanto tempo, mas que é muito atual pra nossa vida (Giovani).*

*o franciscano...ele tem essa responsabilidade, muito mais do que os outros. Não que os outros não tenham, mas eu acho que o franciscano ele tem essa responsabilidade muito maior porque Francisco foi isso, isso...em essência, ele foi diferente, Nós nos propomos a segui-lo, a tentar ser como ele [...]o franciscano, como seguidor de Francisco, ele tem essa responsabilidade de, por essência, trazer um novo vigor pra essa sociedade caída (Tadeu).*

Os trechos acima mencionados sobre ser seminarista e ser franciscano trazem à tona a questão identitária, retratando como se veem, como acreditam que devam ser e como as outras pessoas os veem. A identidade de seminarista e franciscano tem sido edificada a partir das relações que estabelecem entre si e com seus formadores, dentro do seminário, e com as pessoas fora deste espaço, sejam seus familiares ou não. De acordo com Raitz (2003), os sujeitos experimentam múltiplas identidades através das relações sociais estabelecidas, permitindo pensar em identidades diversas, mutáveis, conforme os contextos e vínculos estabelecidos, opondo-se à concepção de identidade como linear e unificada, a qual foi deixada no legado Iluminista.

Dentro do seminário, os jovens vão assumindo condutas de acordo com o funcionamento institucional e com o que deles é esperado, sendo vistos e reconhecidos dentro e fora daquele espaço em decorrência de tais ações. Esta concepção converge com o que Ciampa (1987, p.64) ressalta: “é pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo”; ou seja, ao realizarem atividades e exercerem funções consideradas características de um seminarista, passam assim a serem identificados. Embora ainda estejam em processo de formação, a fala de um dos jovens sobre serem vistos como padre ou “mini-padre” acarreta certa implicação na forma como suas identidades vão sendo constituídas. Logo, a questão do agir e fazer, apontada por Ciampa, agregada à maneira como são considerados socialmente, conduz a pensar o momento em que se encontram como um estágio inicial de desenvolvimento da identidade profissional. Esta é compreendida por Krawulski (2004) como decorrente da relação entre o ser humano e uma atividade laborativa, levando em consideração o contexto e as particularidades de tal atividade. Mesmo que futuramente alguns destes pesquisados não venham a ser sacerdotes, seus processos identitários atuais estão, em maiores ou menores níveis, articulados com a identidade deste profissional.

Nos trechos acima expostos, quando enunciam como são e como devem ser, enquanto seminaristas, compreensões do que não são e o que não devem ser vêm acopladas, o que pode ser exemplificado na fala de um dos jovens ao afirmar que não se espera de um seminarista sair nas ruas quebrando coisas, remetendo à relação entre identidade e diferença: uma não é o oposto da outra, mas dependem uma da outra, conforme apontam os Estudos Culturais. As opiniões trazidas sobre ser seminarista ou franciscano, carregam entendimentos socialmente



elaborados, seja dentro da própria Ordem Franciscana, em toda Igreja Católica ou na sociedade de um modo geral e, quanto a isso, Woodward (2004, p.17) lembra que “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. Assim, os jovens acabam por se constituir seminaristas e franciscanos também pelas concepções significadas socialmente, não apenas por aquilo que acreditam representar tais identidades.

Já na instituição religiosa, além das opiniões sobre as mudanças que perceberam em si, as concepções acerca de ser seminarista e franciscano, os jovens estruturaram reflexões e críticas sobre o que lhes chamavam a atenção por meio das vivências no seminário. Conforme Benelli (2002), a entrada no seminário é realizada de forma livre e espontânea por parte dos que fazem a escolha pela vida religiosa. Contudo, tendo ingressado na instituição, o seminarista está sujeito a todas as obrigações e coerções existentes, precisando obedecê-las se realmente quiser tornar-se um membro daquela congregação. Ao defrontar-se com esta realidade e com outras questões que vão emergindo ao longo da permanência, os jovens assumem opiniões e críticas sobre a vida institucional, reconhecendo e apontando dificuldades no percurso formativo.

Um dos jovens expôs um comentário quanto à demora, por partes dos freis, para conceder a resposta aos aspirantes sobre serem aceitos, ou não, para a etapa seguinte, o Postulantado. O procedimento ocorrido no Aspirantado, lembrando que é a etapa em que se encontram os jovens da pesquisa, é de requisitar, ou não, o prosseguimento na instituição para seguir ao Postulantado no ano seguinte. Para os que requisitam, o jovem acredita que a demora é muito grande para ser dada a resposta e explica o que observou no ano anterior, quando estava no segundo ano do ensino médio:

*é até uma crítica que eu vou colocar [...] ano passado eu lembro que na semana que nós tínhamos terminado as aulas, que estávamos, acho, nas recuperações finais, nem tem aula, só pra quem ficou de recuperação e pros outros que têm os trabalhos, assim, externos, e eu me lembro que o terceiro ano estava preparando... o dia anterior a sua formatura, o dia anterior a sua formatura é que eles foram chamados, um por um, em diferentes horários, pra saberem o veredito, se eles poderiam ingressar ou não. Eles tinham feito o pedido antes. Então, isso talvez seja uma crítica que eu tenha, né, uma crítica que eu faça (Fábio).*

Giovani também faz seu comentário sobre algo que parece não concordar sobre as regras institucionais. O jovem desaprova o pouco tempo que possuem para fazer uso da internet e lembra o momento tecnológico da sociedade, considerando incompatível estarem tão pouco tempo fazendo uso destes recursos.

*em que época que a gente tá, né, na época tecnológica! Então a gente precisava estar junto com isso também. Até pela cobrança dos professores, uma hora e meia de informática por semana é pouco se você pensar que você tem que fazer muita coisa, né (Giovani).*

Também trazendo suas críticas, João se posiciona sobre a discrepância observada entre o que é dito e o que é feito por parte da instituição. Ao escolherem a vida religiosa, três votos devem ser feitos pelos jovens: castidade, obediência e pobreza. O comentário do jovem diz respeito a este último voto, a partir do que vê dentro da Província Franciscana. O seminarista comentou:

*nós teremos que fazer os votos de castidade, obediência e pobreza [...] E em algumas pessoas a gente vê que, se colocam, digamos assim, contra esses votos, que foram feitos. O de pobreza é uma coisa que é muito colocado hoje, porque, como ser pobre no mundo de hoje? A gente vai ver favelas, coisa assim, tá, mas lá eles não têm estrutura, e hoje nós temos uma Província inteira que tá pelas nossas costas. O Frei [Reitor] sempre diz 'se vocês forem padres, frades, vocês nunca vão morrer de fome, vocês nunca vão passar fome, porque você pode ser o pior frade de todos, mas tua comida na mesa tu vai ter'. E... é muito complicado isso. Hoje, por exemplo, a parte pobreza é extremamente complicado. Nossa Província tem milhões de carros, muito chiques, tem milhões de casas muito chiques (João).*

Os votos religiosos foram pensados entre os séculos IX e XIII a partir de reflexões acerca dos grandes religiosos do passado, concluindo que entre as características destacadas entre eles e que sinalizavam o caminho mais próximo à vida mística e interiorizada, estavam a castidade, a obediência e a pobreza. No ano de 1202, mais precisamente, foi quando o então Papa Inocêncio III mencionou pela primeira vez os três votos em um documento oficial, os quais estão em vigor até hoje (BOFF, 1985). Atualmente, estes votos, mesmo indiretamente, têm sido problematizados, por exemplo, através de debates quanto à

possibilidade, ou não, dos sacerdotes constituírem família e adquirirem bens materiais (imóveis, carros) para uso pessoal.

Inevitavelmente, os seminaristas passam a refletir sobre estas polêmicas e também constroem suas críticas a partir do que vivem e observam no seminário, as quais denunciam a distância entre a Igreja Católica e as condições da sociedade contemporânea, bem como a existência de problemas dentro das instituições religiosas, embora muitas vezes sejam velados. O dia a dia no seminário permite ao jovem nele inserido atentar para as falas e ações de seus formadores; estes, embora sejam avaliadores dos candidatos à vida religiosa, também são por eles avaliados continuamente. Os comentários feitos pelos sujeitos deste estudo vão ao encontro do que outros jovens também problematizam dentro da vida religiosa, conforme aponta Fernandes (2011). A autora tem feito pesquisas permeando os temas modernidade, catolicismo, vida religiosa e, mais recentemente, juventude e religião, nas quais vem desenvolvendo análises importantes acerca destes assuntos. Segundo ela, rapazes e moças que já fizeram votos na vida religiosa estão colocando em questão suas formações atuais, considerando-as descontextualizadas das mudanças vigentes, muito centradas na manutenção de tradições religiosas de maneira incontestada, além de julgarem inadequado o uso do poder por parte de seus formadores.

Os assuntos abordados neste subnúcleo traduzem visões e opiniões dos jovens sobre si, sobre concepções do que é ser um seminarista e um franciscano, além das críticas por parte de alguns deles quanto ao que percebem ao seu redor e não concordam. Entendem o **papel do seminarista e do franciscano como pessoas comprometidas com o povo, engajadas na busca de uma sociedade melhor**, além de **sentirem-se mais próximos de Deus**. Levando em consideração as narrativas dos jovens acerca de suas inserções sociais após o ingresso ao seminário, constatou-se que suas **construções identitárias acontecem no e pelo social**. A articulação entre a maneira como se veem e como são vistos pela sociedade repercute nas trajetórias identitárias destes jovens. As críticas à instituição retratam **jovens atentos às condições da sociedade contemporânea e aos discursos que lhes são transmitidos**, sinalizando ausência de passividade diante do que aprendem, veem e ouvem.

### 6.2.2.2 As “pedras” do caminho

O momento presente dos jovens pesquisados tem sido marcado pela rotina, aulas, trabalhos e todas as outras experiências adquiridas dentro do seminário. Acessando o dia a dia destes seminaristas tornou-se possível compreender como estão vivenciando o processo de escolha pela vida religiosa, uns dos propósitos desta pesquisa.

Sobre o cotidiano no seminário, alguns jovens têm as seguintes opiniões:

*o dinamismo é tão diverso que às vezes o dia passa e você não vê, porque a gente tem muitas atividades, né, e até quando você não faz nada, você tá pensando um monte de coisa (Fábio).*

*cotidiano no seminário, assim, ele é muito regrado, mas ele é muito espontâneo, também. As coisas acontecem... muitas coisas acontecem na hora, espontâneos [...] Então o cotidiano seria assim, essa coisa com horários, com regras, mas que se torna muito espontâneo, que se torna assim... é...dinâmico (Giovani).*

*o dia a dia no seminário pra mim é muito gostoso [...] é um lugar onde predomina a alegria, entende. Tu entra no refeitório e às vezes tu fica tonto porque é um monte de gente falando ao mesmo tempo e tem os italianos no meio que falam alto e falando [...] mas uma coisa eu já percebi, uma coisa que no fundo, no meio dessas ...palavra, palavra, palavra, no meio desse palavrório a gente sempre escuta um “hahahaha”, entende (Tadeu).*

João parece explicitar de forma contraditória como vê o cotidiano no seminário, podendo sinalizar que, neste espaço, consegue sentir as duas possibilidades: ora muito variável, ora muito costumeiro:

*é... o menos variável o possível, entendeu. Variável por quê? Tem muitas coisas que acontecem, muitas, nossa, nunca tive lugar que tivessem tantas coisas assim. Por exemplo, tem missa hoje aqui, tem missa na matriz, tem que preparar um discurso pra semana que vem, tem três trabalhos pra fazer na aula, tem que apresentar tal coisa em slide, tem que fazer uma apresentação em gravação em dvd, nossa... (João)*

*A gente come na mesma hora, a gente estuda na mesma hora, a gente toma banho no mesmo momento, é uma coisa que a gente... o corpo da*

*gente... meu, já dizendo por mim, ele já se acostumou com isso. Eu acordo 6:20 da manhã porque meu corpo já tá dizendo isso. Eu tomo meu chimarrão porque meu corpo tá pedindo isso. Ou seja, se tornou uma rotina, digamos assim, o feijão com o arroz do dia a dia que a gente às vezes acaba tentando dar uma driblada pra modificar alguma coisa (João).*

Para Heller (1992), as relações entre os sujeitos são produzidas na vida cotidiana e é através dela que o indivíduo se insere na sociedade, dando seguimento as atividades e culturas já existentes. É também na cotidianidade que as escolhas são feitas, os valores são apreendidos, as comunicações são estabelecidas e, nisso tudo, o sujeito reconhece o “eu” e o “nós”, concebendo-se singular e plural. O seminário é, predominantemente, o espaço da vida cotidiana dos jovens deste estudo, tendo em vista ser o local onde estudam, dormem, alimentam-se, exercitam-se, interagem entre si e com os visitantes, não saindo deste espaço com tanta frequência, sendo, então, o cenário principal do momento presente da vida destes jovens.

A fala acima de João, soando contraditória, é compreensível por considerar que, na instituição, realizam diversas atividades diariamente e no mesmo horário (as quais estão dispostas nos murais do seminário), porém participam de eventos propostos pelos professores em sala de aula, datas comemorativas específicas do ano e da Ordem Franciscana (dia de São Francisco, dia de Santo Antônio), entre outras vivências, as quais permitem a quebra da rotina no local. Sobre o cotidiano institucional, Berger e Luckmann (2003, p.198) entendem que “a realidade da vida cotidiana mantém-se pelo fato de corporificar-se em rotinas, o que é a essência da institucionalização”. Os autores ainda afirmam que esta realidade na instituição é constantemente reiterada através das interações entre os sujeitos que dela fazem parte. Assim, o “feijão com arroz do dia a dia”, mencionado por João, representa o cotidiano destes jovens, por vezes um tanto maciço, deixando-os plenamente envolvidos e absorvidos pelas atividades e compromissos propostos no seminário.

Apesar de terem escolhido livremente ingressar no seminário, sabendo de todas as condições colocadas para a permanência neste local, as dificuldades também apareceram para os jovens desta pesquisa. Certas questões incomodaram a uns mais do que a outros, porém todos, em algum nível, expuseram situações adversas dentro da instituição. Os aspectos mais citados foram convivência, caracterizada por um jovem

como “choque de culturas”, distância da família, a sensação de estarem distanciados do que acontece na sociedade, além das exigências nos estudos e inerentes à etapa do Aspirantado, na qual se encontram.

Quanto à convivência, as brigas são mencionadas como algo frequente, apontada no trecho a seguir:

*Mas aqui a gente brinca, a gente ri, a gente fala, conta piada, briga... meu Deus, como a gente briga aqui. Eu brigo muito, sabe, demais da conta, e assim acho que é o dia a dia [...] E aqui no seminário tem uma coisa que é muito engraçada porque uma pessoa a gente pode gostar e desgostar e gostar muito num dia, no outro dia não, e no mesmo dia a mesma coisa. De manhã você gostar, ter uma briga ferrenha, de tarde você gostar menos, de noite você gostar mais. E você vai ter que engolir, quer você goste quer não (Fábio).*

A dificuldade de relacionamento entre os seminaristas representa um dos desafios que a vida religiosa, na Ordem Franciscana, lhes propõe: viver coletivamente, condição presente nesta Ordem, não sendo uma exigência entre diversas outras congregações. Há poucos momentos em que os jovens podem ou conseguem estar sozinhos, pois os compromissos da casa são compartilhados por todos igualmente. Até mesmo no momento de dormir não é possibilitado ficar só, visto que os jovens dormem em quartos coletivos (cinco alunos por quarto). Assim, o fato de estarem sempre juntos tende a catalisar possíveis desentendimentos, gerando discussões por vezes acirradas. Ao falar em “ter que engolir”, Fábio parece referir-se à necessidade de ele, e de todos os seminaristas, passarem por cima dos conflitos e suportarem as diferenças entre eles, para manterem a ordem institucional e serem bem vistos pelos formadores.

Os jovens entendem que a dificuldade na convivência é algo que de fato existe, mas alguns procuram fazer uso dos preceitos da vida franciscana, buscando ter o melhor convívio possível com seus colegas:

*Sempre tem algum problema de convivência. [...] Então são questões de ideologias, que nem sempre batem, mas é o que nós nos propomos a viver, viver em fraternidade, que é o que São Francisco vivia. Vendo as diferenças dos outros e construindo uma fraternidade universal, levando os outros a viverem assim também, apesar das diferenças (Guilherme).*

Sobre o choque de culturas, mencionado anteriormente, o jovem explica como este acontece:

*o choque de culturas, talvez, né, porque lá no Rio por exemplo, lá na minha família nós sempre tivemos o hábito de ter sempre abraços abundantes e beijos e aqui, parece que, a cultura é um pouco diferente. Então os abraços são mais comedidos e tal, o jeito de se comportar, o jeito de ver, assim... [...] então esse choque de culturas também é uma coisa que às vezes tem dificuldades. Uma atitude minha pode representar uma outra coisa, né, pra esse olhar, pra essa cultura (Fábio).*

A cada novo ano o seminário, em todas as etapas, recebe novas turmas compostas por jovens de cidades de todo o país, culminando com a junção de diferentes culturas, hábitos, costumes, sotaques e opiniões sobre diversos assuntos. Mesmo depois do tempo de adaptação entre eles, ainda assim, as diferenças vêm à tona e a dificuldade em manejá-las torna a convivência um tanto complicada para alguns. No trecho acima, Fábio busca defender sua cultura e os hábitos trazidos de sua família e seu estado, mas entende que os demais colegas, provenientes de culturas distintas da sua, nem sempre conseguem compreender ou lidar bem com suas atitudes, podendo ser mal interpretado. Sabendo desta condição, o jovem tem clareza de que precisa restringir alguns comportamentos seus, suprimindo um tanto do seu jeito de ser em prol da boa convivência.

A distância da família parece ser o ponto mais delicado para alguns, superando a questão da convivência:

*maior dificuldade eu acho que é a distância da família, que eu sinto e eles sentem também [...] eu vou superando com o tempo, conforme vai passando. Mas, que se toca nessa ferida, ela ainda dói um pouco, né (Giovani).*

*estar longe da sua família, eu acho que a maior dificuldade é essa, a distância da família (Maurício).*

Ao narrarem suas trajetórias socioprofissionais, alguns pesquisados enfatizaram um apego muito forte por suas famílias, considerando terem crescido em contato muito próximos com pais, irmãos e avós, sendo o caso, mais especificamente, dos jovens provenientes de pequenas cidades do interior catarinense. Quando

contaram sobre a decisão do ingresso no seminário, expuseram também a dificuldade no dia da partida, momento de choro e tristeza por parte de avós, mães e pais. Assim, pode-se compreender que o fato de considerarem a distância da família como uma das dificuldades do momento em que se encontram é decorrente desta relação tão próxima que foram construindo desde a infância com seus familiares.

No que tange ao fato de sentirem-se distanciados do que acontece na sociedade, algumas falas explicitam a compreensão que têm sobre isso:

*quando a gente tá aqui no seminário a gente meio que esquece um pouco do mundo, não tem muito contato com... por exemplo, se eu fosse ir pro mercado de trabalho hoje em dia, eu ficaria meio perdido, assim, seria como aterrisar novamente, assim. Então, aspecto negativo, quando eu volto pra minha cidade, ou quando eu vou pra uma outra cidade maior, eu sempre me sinto o cara mais diferente. Eu me desabitei a viver, mais ou menos, naquela grande massa, de me comportar com aquele grande povo... (Fábio).*

*a gente fica meio desatualizado, né, com as coisas do momento. Porque a gente vive num globinho aqui dentro, querendo ou não, mas a gente sabe as novidades do facebook, do msn, mas a gente não sabe as novidades, digamos assim, de música, a gente não sabe as novidades que tão saindo no jornal, o que saiu de cursinho novo. A gente acaba não pesquisando porque não é importante pro nosso meio, então a gente acaba se desatualizando (João).*

Os depoimentos acima expõem a sensação de estarem distantes e desatualizados do que acontece do outro lado do portão do seminário. Sentem-se em um mundo à parte, alienados dos acontecimentos externos à realidade em que se encontram, desinformados das mudanças ocorridas tão velozmente na atual sociedade. O fato de perceberem um abismo entre seu dia a dia e o que se processa “lá fora” parece gerar um desconforto nos jovens, podendo até dificultar a interação e o convívio com familiares e amigos quando voltam para suas cidades. Além disso, sentindo-se ignorantes diante de tantas novidades, as quais muitas vezes não compartilham, a insegurança vem atrelada à possibilidade de saírem do seminário, questão apontada por Fábio ao falar do quanto se sentiria “perdido” se tivesse que ingressar no mercado de trabalho.



A etapa escolar em que se encontram é caracterizada por exigências e, se não bastasse a dedicação acadêmica, aos jovens também se apresenta a necessidade de refletirem e decidirem sobre seguir ou não na Ordem Franciscana, questão inerente ao Aspirantado:

*E o terceiro ano está sendo, assim, uma luta... luta entre aspas, assim, luta diária, porque você tem que tá muito bem... não tem que estar muito bem, mas eu me cobro de estar muito bem decidido (Fábio).*

*tá sendo o ano, eu acho, terceiro ano, acho o ano mais difícil de todos, de tudo, digamos assim, que eu passei já dentro de um colégio. É o ano de escolhas, é o ano de Enem, é o ano daquele turbilhão de trabalhos [...] Aspirantado, é uma coisa muito fixa pra gente, uma coisa que eu acho que todos os alunos do terceiro ano sofrem com isso (João).*

*tá complicado porque esse ano a responsabilidade é maior porque é terceiro ano, tem que ser o exemplo da casa, né. Daí é complicado, os professores, os frades todos puxam a orelha “ô, tem que fazer as coisas mais certinhas”, essas coisas assim. E acho que esse também é complicado porque é o último ano de ensino médio, também, e eu vou ter que, um termo que vai, uma palavra que vai assustar, mas, eu tenho que decidir meu futuro (Márcio).*

Os trechos acima trazem dois aspectos importantes: a questão das exigências do estudo no seminário e as primeiras expressões dos jovens quanto à tomada de decisão sobre seguir, ou não, na Ordem. Sabe-se que a escolha pelo ingresso no seminário esteve relacionada, durante muito tempo, à condição de alunos de famílias de menor poder aquisitivo e, geralmente, do meio rural, poderem acessar um estudo de melhor qualidade, resultado este encontrado por Fernandes (2004) em sua pesquisa de doutorado. Pode-se pensar que este também tenha sido um dos motivos de alguns dos seminaristas deste estudo pelo ingresso ao seminário, embora não o tenham verbalizado. De fato, a rotina de estudos dos jovens pesquisados é intensa, com aulas de segunda a sábado, das 7h30 às 12h, além de aulas em algumas tardes e noites da semana. Contudo, as falas expostas também sinalizam a preocupação em terem que decidir pela continuidade, ou não, na vida religiosa, acarretando maior pressão sobre os jovens. É possível presumir que uma pergunta feita a si mesmos, continuamente, é: o terceiro ano está sendo o momento de preparação para processos seletivos em universidades ou a etapa obrigatória para o acesso ao Postulantado da Ordem Franciscana?

Alguns mais intensamente que outros, mas todos atravessam seus processos de escolha pela vida religiosa remoendo esta questão.

A vivência dos jovens no seminário também é marcada pelo dilema de lidar com a sexualidade. Dois pesquisados comentaram o que pensam e sentem sobre este assunto, o que parece representar outra dificuldade:

*A gente é seminarista, mas, mesmo assim, até o fim da nossa vida, a gente vai ter uma atração pelo sexo oposto, isso é normal, né. E eu tô num momento, digamos assim, de discernir esse momento que eu tô passando na minha vida. A juventude é o ápice, acho, os hormônios estão a mil, a gente tá com o corpo a toda, né (João).*

*...a sexualidade que nem sempre a gente tá preparado pra canalizar todo esse batalhão de hormônios que a gente tem, toda essa vontade e tal. Então isso seria uma coisa que às vezes tira o nosso foco, tira o meu foco, talvez (Fábio).*

E complementa trazendo uma experiência que teve há pouco tempo antes da entrevista:

*um orientador me convocou à sala e disse, assim, sobre a minha afetividade, mas que não tinha nada de errado, mas alguma coisa podia causar estranhamento neles, né. Porque eu sou meio carioca e essas coisas de ficar agarrando e abraçando todo mundo, é meio natural, porque eu aprendi isso com o pai, minha mãe, meus irmãos. E às vezes isso aqui pode se tornar uma outra coisa, dentro do nosso contexto, com nossos hormônios, nossas... aqui é uma casa de somente homens, mas não somente isso, mas é que essa afetividade pode estar vinculada a outros fatos da vida, né, relacionamento, relacionamento como um todo, não só sexualidade apenas (Fábio).*

A situação vivida por Fábio trouxe sofrimento ao jovem, conforme o trecho a seguir:

*...e tive uma noite a menos, assim, além de todas as outras que eu já tinha perdido [risos], mas essa foi pior porque tratava do meu pessoal. Não era nada acadêmico, porque acadêmico eu recupero, estudo, não tem problema, não era nada... nenhum conflito pessoal que tinha... dei uns tabefes em alguém...isso a gente conversa e acerta, era algo que tava dentro de mim, intrínseco. Então isso me causou uma tempestade,*

*assim, então isso...é.... perdi uma noite com isso, tentando tatear um horizonte, né (Fábio).*

A sexualidade ainda representa um tema tabu em pleno século XXI e, dentro do seminário, por mais que os formadores digam estar abertos a dialogar sobre isso, não é o que tem parecido. Um dos jovens, conforme já citado em momento anterior (página 98), expõe a sua inquietude diante do fato de que terão que fazer votos, entre eles o de castidade, mesmo estando o assunto bastante mal resolvido para estes jovens. Isso, pois, na realidade, este tema parece não poder ser tratado naquele espaço por haver uma real negação da sexualidade, tendo em vista que “as escolhas em relação a seus desejos sexuais não entram em discussão, já que são excluídos como regra inicial de pertinência” (KIYAN, 2005, p.15); ou seja, ao escolherem a vida religiosa, os sujeitos parecem necessitar de uma metamorfose no que tange à sexualidade, forçando-se (para estar naquele lugar) a serem assexuados. Além da experiência que a pesquisadora teve ao longo do ano de 2011 dentro desta instituição, onde vários jovens a procuravam para conversar acerca desta questão, Fernandes (2011) também aponta a crítica de seminaristas quanto à precariedade em suas formações quando os assuntos são relações humanas e afetivas. Depoimentos de jovens na pesquisa da autora associam os “escândalos” relacionados à sexualidade dos padres ao fato de a Igreja não estar tratando devidamente este tema no período formativo. Em pesquisas feitas em seminários católicos, Benelli (2002; 2010) investigou seminaristas pertencentes à etapa do estudo em Filosofia, os quais afirmaram que problemas de ordem sexual são enfrentados dentro da instituição. Segundo os pesquisados de Benelli (2010), há falta de habilidade dos formadores para lidar com este assunto e, em certos casos, até convivência por parte de alguns deles. Ainda relataram ao autor o surgimento de experiências homossexuais, iniciações sexuais, bem como situações de sedução e eventuais relacionamentos afetivos entre estudantes deste período.

As informações acima mostram dificuldades em âmbito sexual nas etapas já avançadas da formação sacerdotal, permitindo pensar a importância em melhor manejá-las nos períodos formativos iniciais, evitando problemas posteriores. Os jovens desta pesquisa que conseguiram se expressar sobre este assunto, parecem ter atuado como porta-vozes de um grupo que teme falar sobre sexualidade entre si e, muito menos, com seus formadores, principalmente pelo medo de serem desligados da instituição. Os trechos expostos evidenciam a situação

dramática que a questão, talvez não resolvida, da sexualidade gera no cotidiano dos seminaristas desta pesquisa.

Além das questões de convivência, estudos, distância da família, sensação de distanciamento da realidade e sexualidade, uma situação pela qual praticamente todos os pesquisados estão passando é a que denominam “crise vocacional”. Boff (1985) expõe que a palavra crise, na etimologia grega (*krisis*, *krinein*), refere-se à decisão num juízo e acrescenta que, de fato, toda superação de uma crise demanda tomada de decisão. O autor ainda ressalta o potencial de vitalizar existente na crise, pois através dela o sujeito se questiona radicalmente, sendo-lhe exigido decidir sobre sua vida, transformar-se. Sobre esta crise os jovens comentaram:

*E aqui, depois que a gente entra pro seminário, a gente começa a crescer um pouquinho e cada crise que a gente tem aqui, porque a gente tem algumas crises até, então a gente vai... cada crise a gente vai crescendo um pouquinho e vai descobrindo se é isso ou se não é, porque que é porque que não é (Fábio).*

*eu acho que acontece com todos os seminaristas, difícil, não tem como escapar. Porque você, que nem, só aconteceu isso aqui no terceiro ano, porque tu já sabe da rotina toda, fica chato, assim, dá uma vontade de sair, assim, do nada. Vem aquela coisa louca na cabeça, vontade de sair, daí tu fica pensando, fica triste, fica bem abalado, assim. Foi lá no começo do ano, abril, pouquinho antes de abril. Quase deu vontade de sair, assim, mas, com coragem, mas não... Tu fica pensando ‘vai passar, vai passar’ (Maurício).*

As vivências de crises parecem sem compreendidas por Maurício como algo inerente à escolha que estão fazendo, através da expressão “*não tem como escapar*”, as quais são relacionadas pelo jovem aos momentos em que a rotina tende a predominar. No início há muito a conhecer, descobrir, explorar dentro desta opção em processo. Contudo, quando surge o “*feijão com arroz do dia a dia*”, expressão declarada por João em outro contexto, os questionamentos pessoais vêm à tona, perturbando-os e fragilizando-os emocionalmente.

A fala abaixo expõe a crise vivida por outro seminarista, o qual procurou conversar com um dos formadores sobre o que estava sentindo:

*eu tive uma crise vocacional muito grande [...]eu liguei pra casa, muito desesperado e disse 'mãe, pelo amor de Deus, venha me buscar porque eu não aguento mais' [...] ela falou assim 'você vai conversar com o Frei' e eu disse 'mas eu tenho medo que ele me mande embora, porque tô dizendo que não quero mais ser frei'. E ela falou, falou e até que me convenceu. E aí eu fui falar com ele e ele falou 'você pode até achar ridículo o que eu vou te dizer, mas mergulha na crise, porque a crise é um momento que você vai se descobrir e descobrir tua vocação'. E de fato, eu achei horrível aquilo que ele me disse, porque eu tava péssimo, se eu pudesse eu acabava com aquilo naquele momento. [...] Mas eu já superei ela, com a graça de Deus e foi uma coisa que me marcou [...] não quero ter uma tão logo, né (Giovani).*

Os relatos acima mostram que as crises vocacionais parecem estar diretamente relacionadas à forma como a maioria dos jovens tem vivenciando o processo de escolha pela vida religiosa: com dúvidas, incertezas, inquietudes. Ao longo das entrevistas, alguns deles expuseram os questionamentos que se fazem, os quais tornam angustiante o momento em que se encontram. Esta informação permite pensar que os sujeitos deste estudo possuem as mesmas dificuldades encontradas pelos jovens que fazem outras escolhas profissionais, ou seja, ambos os grupos vivenciam inseguranças e temores diante do ato de escolher, embora haja especificidades entre eles. Qualquer escolha profissional demandará a renúncia de outras possibilidades, mas apenas a escolha pela vida religiosa exige que se façam votos de castidade, obediência e pobreza. Contudo, todos temem que suas escolhas possam ser equivocadas, assim como vivem a insegurança dos desafios que poderão encontrar na profissão escolhida (pois todas possuem obstáculos, inclusive o sacerdote).

*a gente tá em processo de escolha, então, a gente passa por muitos momentos na vida em que a gente se questiona: 'meu Deus, mas será que é isso? Eu larguei tudo lá na minha família, na minha casa tão cedo', que a gente chama de crise vocacional, né, em que você fica num momento em que você fica numa crise existencial: 'o que eu fiz, será que foi certo? O que que eu faço daqui pra frente?' E são momentos, assim, que eu não gosto de passar por eles, mas eu já passei, são inevitáveis (Giovani).*

*eu não tenho um futuro certo [...] Tenho vários sonhos, vários sonhos diferentes, esse é o problema, e um não pode tá junto com o outro. Esse é o grande problema [...] porque ainda não tô certo das minhas*

*escolhas, né. Mas eu me vejo, sei lá, muitas vezes fico me perguntando: 'ah, será o que que eu vou ser? Será que eu vou ser um padre, daqui a 10 anos, um frade? Vou ter uma família, vou trabalhar com o que se eu tiver uma família? Como eu vou sustentar ela? Se eu estiver na Igreja, onde que eu vou estar, o que eu vou estar fazendo?'* (Márcio).

A relação entre futuro e incertezas é debatida por Leccardi (2005), a qual tem se dedicado a compreender questões temporais articuladas à juventude. Para a autora, no atual momento da sociedade, o futuro tende a ser mais temido do que pretendido, pois as sensações de incerteza e insegurança têm sido constantes. Em estudos feitos na Itália, nos quais a pesquisadora participou, os jovens daquele país têm lidado com o futuro através da elaboração de projetos em curto ou curtíssimo prazo, assumindo o caráter de um “presente estendido” (p.45). O futuro, dentro deste contexto de mudanças e incertezas, os mobiliza a pensá-lo como algo fragmentado e duvidoso, estando sempre preparados para a imprevisibilidade.

Na fala acima, Márcio se mostra em um período de ampla insegurança e incerteza, questionando-se acerca de todas as possibilidades ao seu redor, compreendo seu futuro como algo enigmático, mas parecendo ter menor prontidão para lidar com a imprevisibilidade, diferenciando-se dos pesquisados por Leccardi.

*a gente convive com incertezas, [...] eu tenho muitas incertezas, mas a certeza mais próxima que eu tenho é que eu sou feliz e que se eu continuar eu quero continuar mas com muita vontade, com muito de desejo de ser frade. [...] quando eu acorde de manhã, então eu tenha vontade de acordar, que eu tenha vontade de fazer as minhas atividades. O medo que eu tenho é de um dia perder esse tesão, esse desejo* (Fábio).

Falar sobre suas dúvidas pareceu ter sido uma oportunidade para um desabafo, um espaço para dividir com alguém as várias possibilidades existentes dentro de cada um e, talvez, uma chance para repensar, afinal, qual o melhor caminho. Alguns seminaristas detalharam as ideias, carregadas de incertezas, que lhes rondam.

*nesse momento tem até uma crise porque eu penso assim: quando eu chegar aos meus 50 anos, por exemplo, né, então supõe-se que depois do 50 você vai ter uma quedinha, porque você vai ter seu ápice de produção e depois você vai engavetar porque assim é o normal todo mundo é. Mas eu tenho muito medo* [o jovem fala com ênfase a palavra

medo] ... *eu acho que eu teria esse mesmo medo lá fora ou aqui dentro, não é porque eu estou aqui dentro, nem porque eu vou ser frade ou eu tenha certeza de que isso não vai ser bom pra minha vida e, enfim. Não tenho certeza de mais nada, de quase mais nada hoje em dia. Assim, então eu tenho medo de quando eu chegar aos meus 50, eu não tenha vontade...eu não tenha, assim, o orgulho de ter vivido, assim, sabe, aquela dúvida se é realmente isso que a gente quer* (Fábio).

O excerto acima aponta a inquietude de Fábio no que se refere ao seu futuro, independente de seguir ou não na vida religiosa, permitindo-se questionar sobre sua vida quando estiver com 50 anos de idade, temendo não sentir orgulho do que terá vivido. Ao tratar deste temor, o jovem explicita o quanto suas reflexões sobre o futuro não estão associadas a possíveis decisões imediatistas, mas, ao contrário, pretende escolher cautelosamente os melhores passos a serem dados, a fim de que possa se sentir orgulhoso quando atingir a faixa etária por ele mencionada. Importa lembrar que a profundidade da reflexão de Fábio foi estimulada pela crise por ele exposta.

Quando acometidos pela crise, os jovens são envolvidos em várias alternativas para seus futuros, as quais oscilam nos pensamentos com tamanha rapidez. A mudança constante de possibilidades gera uma “bagunça”, conforme afirma o seminarista no fragmento a seguir:

*E é aquela coisa de escolha: será que eu quero ir pra frente ou não? Será que eu vou ou não... [...] um mês a gente tá muito fixo, final do ano já não tô mais no seminário, vou sair, mas no outro mês a gente já tá querendo ficar [...] O que que eu vou fazer? O que que eu vou... será que eu me identifico com alguma área de trabalho? A gente fica pensando como que seria... eu gosto muito de engenharia, outras partes, construção, artes também, penso muito em fazer artes cênicas [...] mas ao mesmo tempo eu gosto de estar com o povo, de lidar com o povo, eu gosto de ajudar eles quando estão em momentos difíceis, quando estão reivindicando alguma coisa e isso acho que é papel da Igreja. Por isso que eu me identifico às vezes com a Igreja e muitas vezes com o exterior, né. Então tá nessa situação, uma bagunça total* (João).

No depoimento de João a dificuldade em fazer a escolha definitiva se torna maior pelo fato de o jovem ter clareza e mencionar tudo o que lhe interessa, caracterizando-se por opções bastante variadas e distantes uma da outra, as quais vão desde a área de exatas até o próprio exercício do sacerdócio. Ao questionar-se sobre as possíveis

áreas com as quais se identificaria, o seminarista se propõe a remexer nos pontos mais doloridos de uma tomada de decisão: renunciar a várias alternativas, por apenas uma delas.

As crises expostas pelos jovens trazem aspectos pessoais, representando as especificidades de cada um e de suas trajetórias de vida até então. Entretanto, considerando a compreensão do ser humano a partir da articulação de aspectos psíquicos aos sociais, não se pode ignorar o peso da realidade contemporânea na edificação dos dilemas. Segundo Fernandes (2007), as inquietudes dos seminaristas não devem ser analisadas tendo origem nas próprias instituições religiosas, mas sempre contextualizadas: vivemos em sociedades complexas e atravessadas por crises de diversas ordens.

Considerando que os jovens deste estudo estão em processo de escolha pela vida religiosa dentro da Ordem Franciscana, importa destacar que o próprio São Francisco de Assis, tempos antes de seu processo de conversão, também passou por inquietudes e incertezas quanto ao percurso que daria à sua vida. Certamente se torna necessário reconhecer as devidas peculiaridades dos momentos históricos: ser atravessado por indecisões e preocupações hoje tem um caráter muito mais complexo do que na época de Francisco. No entanto, desconsiderando os séculos de diferença entre o santo e os seminaristas deste estudo, a angústia resultante de dúvidas quanto à própria vida é sempre atemporal.

As falas acima mencionadas neste subnúcleo apontam um momento difícil para os jovens. Os desafios em **manejar as diferenças** que se tornam gritantes em um espaço de convivência, a **falta da família**, além de **turbulências quanto à sexualidade, crises e dúvidas**, parecem tornar a vivência do processo de escolha pela vida religiosa um momento instável. A frequência com que expuseram os questionamentos feitos para si revela a **insegurança** tomando conta do dia a dia destes seminaristas, os quais precisam driblar estas dificuldades e cumprir todas as exigências e deveres que o Aspirantado lhes requer.

### 6.2.3 Núcleo 3 - Projetando o futuro

Este núcleo contempla os projetos de vida enunciados pelos seminaristas desta pesquisa. A exposição dos mesmos partiu do



questionamento sobre quais são seus objetivos futuros e como se veem daqui a dez anos.

Ao final da exposição do núcleo 2 verificou-se dúvidas e incertezas fazendo parte do processo de escolha pela vida religiosa para alguns jovens. Pelo fato de estarem envolvidos em questionamentos, seus projetos de futuro tendem a seguir o mesmo rumo: duvidosos. A dificuldade em pensar suas vidas daqui a dez anos foi exposta nos trechos abaixo:

*eu vejo meu sonho como um frei numa paróquia, sei lá, mas daí eu começo a pensar, pra ser frade, beleza, ainda tô nessa agitação de estudante, vou passar por outros estudos, sei lá, sempre na ativa. Daí eu fico pensando 'e depois, o que que vai ser de mim? Depois que tiver, vou ficar sempre fazendo a mesma coisa?'. Daí é complicado. [...] Também eu penso, sei lá, de ter uma família, um filho, sei lá, acho. Sonhos diferentes, né, sei lá. Cursando uma faculdade. Até eu penso em alguma que eu gosto como, por exemplo, engenharia florestal e jornalismo, eu gosto, mas na área esportiva daí. Também administração [...] Mas sei lá, eu sou bem na dúvida, eu tô bem na dúvida (Márcio).*

*10 anos...Uma coisa bem difícil de se prever, né. Eu coloquei aqui que é muito difícil. Às vezes eu gosto de me ver, são 10 anos, 10 anos, digamos assim, já dá pra mim concluir uma faculdade, já estar com um emprego bom e, com isso, eu me vejo com uma esposa, conseguindo a casa própria já, aquelas coisas já mais de praxe pra se viver bem e com a vontade de ter um filho. E às vezes eu me vejo também dando missa, palestra, animando grupo de jovens, fazendo outras coisas assim que a vida franciscana proporciona (João).*

Maurício falou brevemente sobre seu futuro, sem apresentar muitas pretensões ou entusiasmo. Apenas enunciou uma possibilidade, ainda solta, sem solidez, até mesmo por afirmar ainda não ter pensando sobre sua vida daqui a dez anos:

*Eu não parei pra pensar, assim, o que... se eu for frade, eu gostaria de trabalhar numa paróquia. Eu não gostaria de trabalhar em seminário, porque eu sei como é a dificuldade dos frades aguentar nós, fazer um monte de coisa. Se eu for frade, o objetivo meu é trabalhar numa paróquia. Daí se eu não for eu não sei, né [...] me vejo ajudando as pessoas [...] Talvez trazendo as pessoas mais para a Igreja... (Maurício).*

Considerar que a decisão sobre seguir todas as etapas formativas não depende apenas dos próprios seminaristas foi algo lembrado por dois pesquisados, os quais ressaltaram que parte desta definição compete aos formadores. Assim, apresentaram seus projetos, porém levando em conta o papel dos superiores quanto aos seus futuros. Nesse sentido, Fábio mencionou seu projeto de concluir os estudos obrigatórios, requisitar à Província Franciscana cursar a graduação em Letras, pensando em, posteriormente, atuar na formação de outros seminaristas. Por gostar da questão formativa, supõe-se trabalhando em seminários, e não pretenderia ser pároco ou vigário em alguma paróquia.

*Então, eu pretendo terminar os estudos, os estudos obrigatórios, assim, Filosofia, Teologia e tal, e eu gostaria, talvez, de trabalhar na formação com os outros seminários e tal [...] no Postulando, Noviciado, Filosofia, Teologia e eu gostaria também, tenho muita vontade, muito interesse pela área das Letras, então eu gostaria de cursar uma outra língua, né, francês, inglês, espanhol e... e até mesmo letras-português tá bom pra mim [...] Então seria isso, terminar os estudos obrigatórios, fazer o pedido pra Ordem, então, pra ingressar numa faculdade ou num outro curso de línguas e, enfim, esse seria o primeiríssimo plano, né (Fábio).*

Reconhecendo a responsabilidade dos superiores quanto ao seu futuro, Fábio trouxe um plano secundário, caso os formadores acreditem que ele não deva seguir nas etapas formativas.

*a certeza ela é 50% , 50% minha, 50% da Ordem [...] Um plano secundário, se eu não permanecesse, seria, terminando o ensino médio, cursar a faculdade de Letras e lecionar. Eu também gosto muito de, sempre gostei muito de ser professor e ... acho que é uma boa saída num sentido, assim, uma possibilidade. Mas é bem secundário, assim, gostaria muito de continuar (Fábio).*

Giovani traça seus projetos, porém aponta o lado negativo de fazer estes planos sabendo que podem não ser efetivados tendo em vista as decisões superiores.

*eles também decidem sobre as nossas vidas, né, isso que pode ser uma coisa um pouco desagradável, porque a gente escolhe, mas não depende só da gente (Giovani).*

Apesar da possível intervenção dos superiores, impedindo o seguimento na formação, Giovani anuncia seus projetos com disposição, brilho nos olhos e força nas palavras, demonstrando nitidamente sua vontade de ser um franciscano e trabalhar pela Igreja Católica.

*Então daqui a 10 anos eu acho, eu espero, se eu passar todos os momentos, sem reprovar em nada, que eu já vou ter terminado a Teologia, né, e se não, eu vou estar aguardando a Ordenação. Porque meus planos pro futuro são ser franciscano, ser frei e também ser padre, porque há essa possibilidade, né, de ser frei e de ser padre [...] Então eu me vejo, daqui 10 anos, assim nessa situação, se ainda não ordenado, aguardando a Ordenação e trabalhando junto com o povo mesmo, trabalhando em paróquia, animando as pessoas a ter... a encontrar esse sentido pra vida, que eu te falei, a encontrar dentro da Igreja junto com o povo, com a comunidade, junto de Deus (Giovani).*

O ânimo para fazer acontecer seu futuro se traduz, também, na cena imaginada pelo jovem e por ele narrada.

*até enquanto tava falando pra você daquela outra resposta, eu tava pensando, inconsciente, nisso. Eu me vi assim num altar, numa igreja, né, e celebrando uma missa com bastante gente, porque eu acho lindo missa com bastante gente, que o povo canta, que o povo reza, participa. Então eu acho que quando eu estiver lá eu vou tentar sempre animar o povo. E a cena que eu vejo é assim, fazendo o povo mesmo cantar, responder bem alegre, bem feliz, celebrar junto, né (Giovani).*

Giovani, diferentemente de todos os outros pesquisados, ao pensar suas pretensões futuras, inclui o que espera também para sua família e amigos, e não somente para si. O jovem ressalta:

*... com os meus pais vivos e saudáveis e, assim, ver os meus primos, da minha idade, e os meus amigos também da minha idade, assim, encaminhados na vida e felizes. Porque assim como eu já vou tá encaminhado, pra um caminho, né, tendo uma direção, que eu também possa ver eles assim, né. Não alguém perdido, porque é tão triste você encontrar alguém perdido. Então meus projetos são basicamente esses: estar como padre franciscano, como frei, trabalhando numa paróquia junto com o povo, junto com a comunidade, com os meus pais vivos... eu coloquei isso porque pra mim eles são de suma importância na minha vida (Giovani).*

Além de mencionar o que espera para familiares e amigos, o jovem menciona que os projetos expostos por ele traduzem o que seria sua realização pessoal, enfatizando o quanto deseja a concretização destes através de uma frase de São Francisco de Assis:

*Quando eu paro pra pensar nisso, às vezes, como eu vou estar com o povo celebrando, participando da vida, eu penso assim que é isso mesmo, sabe, uma frase que São Francisco diz: 'é isso que eu quero, é isso que eu procuro, é isso que eu desejo fazer de todo o meu coração'. Estando fazendo isso eu vou me sentir realizado (Giovani).*

A frase mencionada por Giovani também foi dita por Guilherme em uma das entrevistas, ao falar do que sentiu quando entrou no seminário. Este jovem, o qual se mostrou muito feliz e satisfeito com a instituição, teve certeza de que era isso que queria para sua vida, opinião que se reflete nos projetos deste jovem. A sua Ordenação Presbiteral já é pensada diariamente, conforme o trecho abaixo:

*Alguns acreditam que o momento da Ordenação não deve ser pensado com muito tempo antes, porém eu sonho quase todos os dias com o momento da minha Ordenação [...] eu tenho essa pretensão de ser padre, pra que eu possa dar uma formação, passar os meus conhecimentos de fé pras outras pessoas também [...] Então acredito que vai ser um momento bem celebrado, onde eles e eu vamos preparar muito bem. Mas eu sonho com esse momento, toda noite, sonho como vai se suceder esse momento, os cantos. Eu fico imaginando, assim, um local cheio de pessoas que estão ali pra se alegrar comigo desse momento e sabendo que eu vou servir a eles também (Guilherme).*

Seu projeto inclui responder à espera de seus conterrâneos que, segundo ele, aguardam a Ordenação de um “filho da terra”.

*Espero desse momento, daqui a 9 anos, seja um momento de orgulho para os munícipes de [sua cidade natal] e também seja um momento de grande preparação, assim. Imagino, assim, o Bispo muito humilde, né, naquele momento pra me ordenar, o momento pra comunidade de vários padres, de vários frades reunidos, né. Todo o povo, alegre, jubilando comigo desse momento. Imagino bandeirinhas, camisetas, tudo que ajuda a bem celebrar, também. Acredito que vai ser bem preparado, sim (Guilherme).*

O projeto de trabalhar para a Igreja baseia-se na intenção de ajudar as pessoas, contribuindo para a sociedade. O jovem entende seu papel, expresso no trecho abaixo:

*Então quero muito doar a minha vida pelo povo. Gosto muito de estar, assim, no meio das pessoas e de me comunicar com elas, de passar o que eu aprendi [...] E como sacerdote, como religioso, né, ser uma presença também na sociedade. Não aquela presença que tá todo dia na rua andando de batina, de hábito, mas aquela presença que tá tanto ajudando nas obras sociais, tanto na política, tanto na Igreja, levando as pessoas até Jesus Cristo através da Igreja também [...] Acredito que essa é uma das minhas missões futuras, que muitas vezes é criticada, né, por tentar ajudar as pessoas numa forma de se identificar com o pobre, né, ir ao encontro dessas pessoas que mais precisam, tentando levar elas pra Igreja também (Guilherme).*

Além de ser ativo na sociedade através de sua doação pessoal, Guilherme também projeta avançar nos estudos, fazendo Doutorado em Teologia Dogmática, o qual servirá para melhorar a formação concedida aos leigos.

*Acredito, assim, que vai me aproximar mais da Igreja, da qual eu faço parte, mas é um momento de estudo em que eu vou poder me especializar mais pra dar formação pro povo, também. Sendo doutor fica muito mais fácil, do que simplesmente um padre (Guilherme).*

Através do Doutorado pretendido, Guilherme não quer ficar parado. Acredita ser necessário se deslocar, ir ao encontro das pessoas, dedicar-se aos ensinamentos e à propagação da Palavra de Deus.

*Tenho a pretensão de andar pelas 40 paróquias da Província e, as 42, aliás, e ..onde ficam os padres do RJ, ES, SP, PR e SC. Então andar por estes estados pelas igrejas, dando formação para o povo através da liturgia, né, fazendo uma missa explicativa, quem sabe, mostrando todas as partes, mostrando como bem celebrar, os cantos que devem ser usados, que não devem ser usados [...] E fazer com que a Igreja esteja cada vez mais cheia de pessoas que, verdadeiramente, se doem pela causa do Reino, como já disse (Guilherme).*

Interessante mencionar que a vontade de percorrer diferentes paróquias nos diversos estados brasileiros, exposta por Guilherme, vai ao encontro do caráter itinerante de São Francisco de Assis. O santo foi

um pregador caminheiro que, sem interesse de ter seguidores, buscava ajudar pessoas em suas mais diversas necessidades. O jovem seminarista almeja, assim como Francisco, deslocar-se até as pessoas e dedicar-se a elas, demonstrando alinhamento a um dos valores da Ordem Franciscana: serviço ao próximo.

Da mesma forma que Guilherme, Tadeu almeja aprofundar seus estudos de canto e idealizar, junto com outros frades, um Instituto de Música Sacra no Brasil.

*daqui a 10 anos nós vamos estar no período de preparação pra Ordenação Presbiteral [...] passando a Ordenação, tudo, eu pretendo estar me preparando pra fazer o pedido formal ao Definitório, ao Ministro Provincial, para eu fazer, como eu já disse, para eu fazer meus estudos de canto[...] Então, a minha pretensão é ir para Roma que é onde nós temos o...onde tem o Pontífice Instituto de Música Sacra, lá no Vaticano, né...o Papa, os Cardeais é tudo lá, muito próximo e lá tem o curso de canto gregoriano e talvez nós pensemos, não sei se isso já está sendo pensado, mas se não foi eu vou tentar pensar junto com os outros frades músicos da Província, nós pensarmos em montar um instituto de música sacra, Instituto Franciscano de Música Sacra, sabe. Porque aí eu vou poder unir aquilo que eu já te falei, de levar os sentimentos bons pra humanidade cantando e levar tudo que há de bom, através do Evangelho, para as pessoas, pelo sacerdócio, entende. Então daqui a 10 anos pretendo estar assim também. Depois que eu voltar pro Brasil, eu vou trabalhar nesse instituto e vou tentar passar para os outros o que eu aprendi (Tadeu).*

O seminarista entende a importância do canto na religiosidade como forma de fazer com que as pessoas se aproximem mais de Deus. Comenta que, diferentemente dos atuais padres cantores, em alta na mídia, não pretende trabalhar no palco, mas no altar.

*O meu serviço não vai ser em cima dos palcos, meu serviço vai ser em cima do altar, do presbitério. Eu vou exercer o meu ministério e através da música eu vou levar as pessoas a entrar num contato maior...eu vou... eu pretendo levar as pessoas a um contato maior com o mistério que é celebrado. Porque querendo ou não, a música, nas nossas liturgias, a música nas nossas celebrações eucarísticas, tem um papel muito importante (Tadeu).*

Menciona, também, o propósito de voltar a sua cidade natal e fazer shows beneficentes, oportunizando que seus conterrâneos

conheçam mais os franciscanos, além de angariar fundos para obras sociais no município.

*...eu pretendo fazer um show só com cânticos franciscanos em [sua cidade natal], porque [sua cidade natal] não tem paróquia franciscana. Então eu sendo franciscano em [sua cidade natal] vai ser um diferencial porque não é muito... o povo não conhece muito. Então pretendo fazer esse show e fazer um show de natal [...] E, eu pretendo fazer esse dois, levantando fundos pra projetos sociais, entende. Pode ser, por exemplo, lá em [sua cidade natal] tem o lar do bom velhinho, que é um lar muito pobre, e o lar dos irmãos de rua. Não sei se até lá eles vão estar melhor de situação ou já vão ter fechado, né, nós não sabemos, mas se eles tiverem na situação que eles estão, se fosse hoje, eu arrecadaria fundos pra eles (Tadeu).*

Almeida e Magalhães (2011) destacam que a construção de projetos, assim como o ato de escolher, nunca é realizada de forma vaga e isolada, mas perpassada por aspectos de ordem social, econômica, política e também familiar, sendo necessário atentar para todos estes determinantes a fim de que o projeto realmente condiga com a pretensão do sujeito. Mas e quando o sujeito parece não saber exatamente o que quer, como elaborar um projeto? Este é o caso de alguns dos seminaristas deste estudo, os quais se mostram com muitas dúvidas, incertezas e inseguranças sobre o que realmente pretendem para seus futuros. Elaborar um projeto nestas condições torna-se um verdadeiro dilema para o jovem, pois o coloca frente a frente com o desconhecimento de si e a angústia de ter que efetivar uma escolha.

Por outro lado, alguns jovens narraram seus projetos de forma clara e objetiva, mesmo cientes das intempéries que a vida pode trazer. Além do projeto de consolidarem-se como sacerdotes, a menção ao interesse em seguir outros estudos corrobora com constatações de outras pesquisas (Fernandes, 2004; Senem, 2011). A tese de Fernandes (2004) objetivou analisar as motivações de moças e rapazes inseridos na vida religiosa, acessando suas trajetórias familiares e religiosas e suas representações sobre a Igreja Católica. A autora averiguou a pretensão dos rapazes em, enquanto sacerdotes, aprofundarem seus estudos através de pós-graduações nas áreas de Teologia e Filosofia (cursos em que os sacerdotes são graduados), bem como Letras, Psicologia, Pedagogia, entre outros. O trabalho de Senem (2011) teve como propósito compreender a identidade cultural dos candidatos à vida religiosa

franciscana, conhecendo os motivos que levaram os pesquisados a ingressar e permanecer na instituição. Em seus resultados, o estudo foi mencionado como fator de permanência no estabelecimento religioso, alguns para ter uma formação de qualidade no ensino médio, outros para obter formação de nível superior.

Além do interesse em estudar, alguns projetos apontaram para o desejo de fazer uso de seu papel enquanto sacerdote e de seus conhecimentos a fim de auxiliar as pessoas, doando-se pelo povo, atuando na política e em obras sociais. No senso comum, a figura de um padre remete à ideia de autoridade, status, representando alguém a quem se pode recorrer e que acolherá qualquer pessoa, indistintamente. Kiyam (2005, p.102) entende que ser sacerdote denota “...respeitabilidade e sabedoria. A simples presença repentina de um sacerdote paramentado em determinado ambiente tem o poder de alterar a configuração das relações que ali ocorriam até então”. Espera-se que um padre esteja à disposição para ouvir o desabafo de uma pessoa, suas dores emocionais mais profundas, seus erros mais pesados e difíceis de serem assumidos, além de, nas situações de perdas de entes queridos, sua presença transmitir consolo, amparo e certa esperança em encontrar sentidos para a vida. Seu prestígio permite intervenção também em nível macrossocial, mobilizando autoridades e políticos para que atuem em prol de uma população. Assim, à pessoa de um sacerdote é atrelada a ideia de altruísmo, doação de si e preocupação social.

O propósito de ajudar as pessoas também foi encontrado em outras pesquisas. O ato de servir foi mencionado no estudo de Fernandes (2004) em um sentido amplo, referindo-se à atuação social, ao repasse de ensinamentos religiosos ou na ajuda material. Segundo o estudo desta autora, mesmo que rapazes e moças já adentrem os seminários ou conventos com o intuito de se disponibilizar ao próximo, os institutos religiosos enfatizam amplamente esta ideia. Nos dados de Senem (2011), a intenção de auxiliar ao próximo foi pontuada como motivadora para ingressar e, também, para permanecer na vida religiosa, em especial na Ordem Franciscana visto que seu fundador, São Francisco de Assis, é referência enquanto santo que se dedicou aos pobres e doentes. Na pesquisa deste autor, houve menção por parte de alguns jovens pelo interesse em seguir profissões na área da saúde, antes de entrar para o seminário. Entretanto, ao conhecerem o ideal franciscano de atender aos necessitados, tendo a chance de serem missionários, acreditaram poder ajudar mais através da vida religiosa.



As informações apresentadas neste núcleo trazem jovens com diferentes projeções para o futuro, bem como distintas firmezas quanto ao que querem. Dois deles expuseram duas **possibilidades totalmente contraditórias, no caso, ter família e ser padre ou frade**, sinalizando prevalência das dúvidas e o futuro ainda não bem planejado. Embora alguns reconheçam que a decisão sobre o futuro na Ordem Franciscana depende também dos superiores e as dúvidas façam parte de suas vidas, **grande parte dos pesquisados apontou um delineamento para o futuro**. Mencionaram a **vontade de serem padres** dentro desta instituição, apontando, inclusive, em que área teriam preferência em trabalhar, bem como o interesse em **continuar os estudos** após a Ordenação Presbiteral, além **contribuir socialmente** através da função de sacerdote.

## 7 REFLEXÕES FINAIS

*Na ciência, a gente só lida com coisas faladas e escritas,  
hipóteses, teorias, modelos que a nossa razão inventou.  
A vida, ela mesma, fica um pouco mais além  
das coisas que falamos sobre ela.*  
(Rubem Alves)

Esta dissertação teve por propósito compreender as implicações das trajetórias de jovens em seus processos de escolha pela vida religiosa, incluindo a busca por conhecer suas trajetórias, entender como estão vivenciando o processo de escolha pela vida religiosa e investigar seus projetos de futuro.

Embora os núcleos de significação tenham sido apresentados separadamente, para melhor serem analisados, constata-se a existência de uma interligação entre seus conteúdos, mostrando que a trajetória de vida de uma pessoa não acontece aleatoriamente, desconectando passado, presente e futuro. Ao contrário, existe uma relação temporal e, através dela, neste estudo conseguiu-se compreender as trajetórias dos jovens pesquisados e a suas ligações com o processo de escolha pela vida religiosa. Atentando para a articulação entre os núcleos foi possível olhar as trajetórias de vida dos seminaristas de forma ampla, abrangendo o passado de cada um, a situação presente e as perspectivas futuras apontadas por eles.

No que diz respeito ao primeiro núcleo de significação, intitulado “*revisitando o passado*”, apontou-se para a presença e participação dos jovens dentro da igreja de suas comunidades desde crianças, atuando e contribuindo com as atividades religiosas de maneiras distintas: fazendo leituras nas missas, cantando nas celebrações, ajudando os sacerdotes enquanto coroinhas, rezando o terço junto com suas comunidades. Além destas ações, houve também a contribuição com a instituição por meio de auxílios às festas religiosas, seja nos momentos de preparação ou de festividades. Nesse sentido, pode-se pensar que o contexto religioso, desde muito cedo, já lhes representava um espaço habitual, onde se sentiam familiarizados com todos os ritos e acontecimentos relativos à religiosidade. Assim, o contato atual com a vida religiosa, dentro do seminário, parece não ser tão distante ou estranho para os pesquisados.

Destaca-se, também neste primeiro núcleo, a importância atribuída às famílias dos jovens como intermediárias entre eles e a aproximação à igreja. Os relatos continuamente trazem menções a estas pessoas e suas iniciativas de levar seus filhos/ netos para o espaço religioso, ensinando e incentivando a apreciarem e praticarem a religião. Os achados da pesquisa apontam para o que Vincent de Gaulejac, citado por Soares (1997), entende sobre as “heranças familiares”, as quais são entendidas como legados transmitidos de geração em geração, referentes a valores, ideologias, princípios. Pode-se pensar que os jovens deste estudo trazem em suas histórias as heranças deixadas por seus familiares, em especial quanto à relevância das práticas e vivências religiosas. O caso de Tadeu exemplifica a questão das heranças familiares, já que sua bisavó materna tinha intensa proximidade com o contexto da igreja (era conhecida como “dona da igreja”), deixando esta herança à filha, avó de Tadeu, a qual também repassou à filha, mãe do jovem. Este, por seu turno, desde a infância vem assumindo os preceitos herdados através das diversas atuações na igreja, culminando com o momento presente, no qual vive o processo de escolha pela vida religiosa.

Este primeiro núcleo também é marcado pela importância que os jovens atribuíram a algumas pessoas com maior especificidade. Conforme os pesquisados, estes sujeitos representam referências para suas vidas, fontes de inspiração e motivação para seguirem os mesmo passos. Familiares foram os mais mencionados, porém pessoas do convívio social dos jovens também foram colocadas nesta condição, entre elas, um prefeito, sacerdotes, uma senhora frequentadora da igreja. As trajetórias dos jovens estão assinaladas pela presença e representação destas pessoas em suas vidas, contribuindo em suas construções identitárias e em suas ações no mundo ao buscarem “ser como” e “fazer como” elas. Embora tenha sido um caso isolado dentre os pesquisados, João mencionou o avô materno como figura de referência para sua vida por ter demarcado claramente o propósito de “não ser como” e “não fazer como” seu pai; ou seja, retoma-se a relação entre identidade e diferença, trazida por Woodward (2004): ao ser e fazer como o avô, quer não ser e não fazer como o pai.

Escolher pelo ingresso no seminário parece ter sido um momento marcante nas trajetórias dos jovens. Os motivos que os levaram a efetuar esta escolha foram diversificados, contudo detêm pontos em comum: em primeiro lugar, a base religiosa que todos expuseram desde a infância, a

qual imprime um valor importante em suas vidas; em segundo lugar, vivências específicas relacionadas à Igreja Católica e interferência familiar, de maneiras e intensidades diferentes. Considerando as perspectivas da Psicossociologia, as escolhas destes jovens podem ser pensadas como resultados das situações complexas e contraditórias em que se encontravam no momento da decisão, bem como produto de aspectos psíquicos e sociais componentes de suas trajetórias de vida.

No segundo núcleo, denominado “*vivendo o presente*”, mostrou-se que os jovens reconheceram mudanças pessoais em decorrência do ingresso ao seminário, representando-lhes amadurecimento, desenvolvimento pessoal e consideraram como um aspecto positivo o fato de estarem no seminário. Ao declararem suas opiniões sobre ser seminarista e ser franciscano, alguns deles pareciam reproduzir o discurso institucional, tendo em vista o uso de algumas expressões geralmente utilizadas pelos frades em sermões e discursos à sociedade. Essa constatação pode ser justificada como uma forma encontrada por estes seminaristas de afirmarem para si, e para os outros, que estão identificados e “adaptados” à Ordem Franciscana. Parecendo, ou não, com os discursos institucionais, as concepções sobre ser seminarista e ser franciscano tendem a nortear a construção da identidade destes jovens, os quais buscam ser e fazer conforme declararam em suas opiniões.

As críticas apontadas por alguns pesquisados tocam em pontos delicados da Igreja Católica em sua relação com a juventude e sinalizam o distanciamento cada vez maior entre ambos; este afastamento é retratado por dados do censo de 2010 (IBGE, 2012), os quais mostram a perda de fiéis por parte da Igreja Católica, destacando-se a diminuição de jovens que se dizem pertencentes a esta religião. Tal informação foi comprovada por meio do declínio de 3% no número de jovens católicos na faixa dos 15 aos 29 anos, os quais representam atualmente o total de 17,6%. Embora a Igreja Católica procure aproximar-se da juventude por meio da mídia, das comunidades religiosas de natureza carismática e da realização de eventos de grandes proporções, como a Jornada Mundial da Juventude (a qual ocorrerá em julho de 2013, no Rio de Janeiro, com a presença do Papa Francisco), ainda assim parece não gerar os efeitos esperados, conforme as pesquisas do censo 2010 demonstraram.

As dificuldades apontadas pelos sujeitos dentro do seminário, dentre as quais se destacaram a convivência, a distância da família, as exigências acadêmicas e o manejo na questão da sexualidade,

representam o “sentir na pele” o desafio que a vida religiosa lhes apresenta, sendo este apenas o momento inicial de enfrentamento das mesmas. Caso realmente confirmem esta escolha, estes obstáculos precisarão ser transpassados constantemente, agregados a outros que certamente virão e lhes demandarão maturidade. O Aspirantado, etapa da formação franciscana em que se encontram os jovens desta pesquisa, é o momento adequado para experimentarem o que a vida religiosa pode lhes oferecer e exigir, sendo considerado pelos formadores como *período de discernimento*, colocando-os em questionamentos sobre o que realmente almejam para suas vidas. Os achados da pesquisa mostram tais dificuldades representando um peso significativo para alguns pesquisados, em especial para aqueles que enfatizaram o momento de dúvidas e inseguranças quanto à vida presente e futura, sendo que para outros o desafio parece os estimular e acentuar a convicção em prosseguir na vida religiosa.

As chamadas “crises vocacionais” foram mencionadas pela maioria dos pesquisados como algo praticamente inerente ao processo de escolha pela vida religiosa, ou seja, em algum momento da vida no seminário dúvidas e questionamentos sobre esta opção virão à tona. Embora não seja um momento fácil, alguns conseguem vivenciá-las como uma oportunidade de profunda reflexão e crescimento, outros sentem muita dificuldade em enfrentá-las, demonstrando não saberem lidar com tais situações. O fato é que as crises vivenciadas pelos seminaristas são exatamente as mesmas pelas quais os jovens fora do seminário passam ao se depararem com suas escolhas profissionais; afinal, o processo de escolha dos sujeitos deste estudo, embora não seja por eles assim nomeado, é também o da opção por uma profissão. Optar pelo curso errado, não gostar da profissão, arrepender-se depois de concluída a formação são temores enfrentados por jovens inseridos, ou não, no seminário, e que tornam a decisão um momento angustiante. O fato de os pesquisados expressarem suas incertezas não nega o interesse pela carreira de sacerdote, mas denota também gostarem de outras possibilidades, ponto crucial em qualquer situação de escolha: renunciar a outras opções em detrimento de uma única.

No terceiro núcleo, “*projetando o futuro*”, foram expostas as maneiras como os seminaristas estudados projetam seus futuros. Pedindo que manifestassem como pretendiam suas vidas daqui a dez anos, observou-se projetos estruturados de formas bem distintas. Considerando que alguns se declararam incertos e tomados por dúvidas,

suas projeções não poderiam seguir outro rumo, culminando com mais de um projeto e denunciando a falta de clareza sobre o que realmente pretendem. Por outro lado, outros pesquisados expuseram pretensões bastante consistentes, inclusive mencionando a sequência de ações a serem futuramente feitas no intuito de consolidar seus planos. O objetivo principal da maioria deles é efetivamente tornarem-se padres dentro da Ordem Franciscana e, sob esta identidade profissional, almejam dedicar-se à sociedade, ajudando pessoas através da Igreja Católica, além da intenção de aprofundar estudos em determinadas áreas. Conforme Boff (1985, p.76), “a igreja e a vida religiosa sempre foram sensíveis aos problemas do povo”, mostrando que os projetos expostos, de abraçar causas sociais, remontam o percurso histórico da Igreja Católica no mundo e ainda sensibilizam jovens identificados com as dificuldades da sociedade.

A estruturação desta pesquisa exigiu um constante olhar sobre o todo e as partes, ora debruçando-se sobre cada sujeito, ora dedicando-se a compreensão de todos conjuntamente. Na síntese destes olhares, e tomando a Psicologia Social e Psicossociologia como aportes teóricos, foi possível compreender que **as implicações das trajetórias dos jovens em seus processos de escolha pela vida religiosa são a forma como estão escolhendo viver hoje, fundamentados nas experiências e vivências familiares e sociais junto ao contexto religioso. Tais experiências, ocorridas desde a tenra infância da maior parte dos pesquisados, repercutiram na maneira por eles escolhida para, no presente, atuarem socialmente diante das complexidades e contradições de suas vidas.** Por meio de uma metáfora, pode-se pensar que suas trajetórias pregressas lhes concederam uma espécie de “bagagem religiosa”, ou seja, um acúmulo de experiências e representações acerca do universo religioso e, hoje, fazer uso desta “bagagem” é o meio por eles escolhido para se posicionarem no mundo, sendo seminaristas, atores na continuidade de seus trajetos. A opção que estão experimentando, inevitavelmente, traz em si as articulações psíquicas e sociais de suas trajetórias, permitindo compreender que **seus processos de escolha não estão isentos dos percursos por eles realizados** e, de fato, nenhuma trajetória é isenta do passado. Independentemente desta opção em andamento lhes conduzir ao sacerdócio, projeto já edificado por alguns jovens, esta é a forma como estão escolhendo ser e atuar no mundo, sempre produtos e produtores do contexto em que estão inseridos.

O desenvolvimento deste estudo fomentou a reflexão sobre a importância de a psicologia dedicar mais atenção ao público aqui investigado, seja através de outros estudos ou por meio da prática profissional. No caso de outras pesquisas, sugerem-se investigações acerca de temas que vieram à tona ao longo da construção desta dissertação, porém, tendo em vista os objetivos aqui estabelecidos e a necessidade de manter o foco nos mesmos, não foi possível aprofundá-los. Alguns possíveis temas de pesquisas a serem feitas:

- investigar se a vida religiosa é, ou não, compreendida como uma escolha profissional por parte dos seminaristas;
- compreender como seminaristas de etapas mais avançadas (prestes a se ordenar, por exemplo) vivenciam seus processos de escolha pela vida religiosa, e quais são seus projetos de vida (comparando com os achados do presente estudo);
- pesquisar sacerdotes já ordenados há pelo menos cinco anos, buscando conhecer a forma como estão concebendo a vida sacerdotal, os desafios e as possibilidades nela encontrados;
- investigar as concepções de seminaristas quanto aos atravessadores institucionais nos seminários da Ordem Franciscana, tais como relações de poder, relacionamentos entre formadores e seminaristas, discursos propostos e práticas vigentes, entre outros.

Embora o tema deste estudo tenha sido escolhido com muito carinho, interesse e todo trabalho desenvolvido com empenho e dedicação, culminando com outros possíveis temas para estudo, importa apontar, também, suas limitações. Uma delas foi a escassez de materiais que versassem sobre o tema escolha pela vida religiosa, aspecto que ficou claro já nas buscas em bancos de dados. Essa falta, de certa forma, impediu um maior enriquecimento teórico sobre o assunto, deixando lacunas em algumas partes do trabalho. Outro ponto que sinaliza limitação do estudo diz respeito ao uso da técnica da trajetória socioprofissional, instrumento que se propõe a abordar as vivências familiares, sociais e profissionais dos sujeitos; contudo, estas últimas não foram contempladas neste estudo pelo fato de que os jovens aqui pesquisados não terem tido, até o momento da pesquisa, uma vida laboral. Pode-se pensar que o mais apropriado na condição deste estudo seria chamar o instrumento de técnica da trajetória “socioeducacional”, porém, para respeitar a nomenclatura e o propósito original da técnica, utilizou-se o termo profissional. Convém justificar que a escolha pela técnica, mesmo sabendo de sua limitação, estava atrelada à riqueza de

informações por ela proporcionada e à oportunidade de os sujeitos repensarem suas trajetórias e se sentirem donos e autores de suas histórias de vida.

Quanto à prática psicológica junto ao público pesquisado, a experiência da pesquisadora ao longo do ano de 2011 contribuiu para a constatação de serem os seminários religiosos espaços ricos e muito pouco explorados para a atuação da psicologia. Além disso, os achados desta pesquisa mostraram que os pesquisados não estão imunes a inseguranças, dúvidas e medos quanto ao futuro e, estando em processo de escolha e de idas e vindas identitárias, necessitam serem ouvidos e amparados em suas dificuldades. Uma forma de promover saúde mental para seminaristas é através da orientação profissional (OP), a qual, pautada em seus fundamentos, tem condições de auxiliar estes jovens a refletirem sobre si, suas características pessoais, pensando seus processos de escolha de forma ampla e contextualizada. É importante que conheçam as peculiaridades da vida religiosa, as possibilidades que esta lhes concederá, bem como as renúncias que lhes demandará, afinal, “é também um compromisso da OP o atingimento mais abrangente do indivíduo, ajudando-o a abrir a consciência para o seu futuro e, muito mais amplo do que possa parecer, para seu papel profissional” (LISBOA, 2000, p.20). Durante o trabalho junto aos seminaristas, no ano de 2011, ficou evidente o quanto a presença de um profissional externo à equipe dos frades formadores, desvinculado das regras da Ordem, representa aos jovens a possibilidade de um espaço para serem ouvidos com maior distanciamento das questões religiosas. Embora os formadores continuamente lhes digam sobre a abertura para conversas, relatos de vários seminaristas mostraram não se sentirem à vontade para falar sobre determinados assuntos, visto que, entre eles, há um temor muito grande de serem convidados a se retirar da instituição caso façam ou demonstrem algo que possa não ir ao encontro dos valores institucionais. Na experiência da pesquisadora, houve pelo menos três ou quatro jovens, ao longo do primeiro semestre, buscando conversar exatamente sobre seus processos de escolha, expondo suas dúvidas e inseguranças quanto a seguir, ou não, na vida religiosa. Para estes, abordar tal questão com os frades poderia “manchar” sua imagem e ser motivo para um desligamento da instituição. Assim, constata-se o quão relevante se torna a prática da orientação profissional neste contexto, oportunizando aos jovens dividirem suas angústias e refletirem amplamente acerca de seus processos de escolha.



Além da questão da escolha propriamente dita pela vida religiosa, a psicologia tem condições de se fazer presente em outras situações do percurso formativo de seminaristas. A própria Igreja Católica vem reconhecendo sua importância junto aos seminaristas, entendendo que a dimensão humana precisa ser cuidadosamente olhada, e não apenas o âmbito espiritual. Em 13 de junho de 2008, a Igreja Católica, após aprovação e autorização do Papa Bento XVI para publicação, anunciou um documento intitulado “Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio” (ORIENTAÇÕES, 2012), o qual aponta as contribuições da psicologia junto ao discernimento e formação de seminaristas. O documento assinala a relevância da psicologia por considerá-la um recurso necessário para diagnósticos de problemas psíquicos em candidatos à vida religiosa, bem como na indicação de terapias quando assim for preciso. Aponta, também, ser significativa para que o seminarista obtenha um maior conhecimento de si, suas potencialidades e vulnerabilidades, cabendo ao especialista nesta área a concessão de informações sobre suas dificuldades e as consequências destas para sua vida e o futuro exercício do sacerdócio.

As sugestões de novos estudos relacionados ao universo da vida religiosa, atreladas às possíveis práticas profissionais em seminários e institutos de formação religiosa, fortalecem a psicologia no que dela se espera enquanto ciência e profissão, estando sempre comprometida com o ser humano, nos mais variados contextos.

A realização desta pesquisa, por meio dos instrumentos escolhidos, foi ao mesmo tempo desafiadora e muito satisfatória. O desafio esteve em propor aos pesquisados a realização da técnica da trajetória socioprofissional sem saber se estariam confortáveis e disponíveis em desenvolvê-la. Entretanto, os retornos concedidos pelos seminaristas ao final do momento em que conversávamos sobre suas trajetórias, revelaram a importância desta técnica, trazendo benefícios ao pesquisador, na riqueza de informações expostas e na proximidade mantida com o pesquisado, e ao pesquisado, na oportunidade de pensarem suas vidas, imergirem em sentimentos e reflexões, possibilitando sentirem-se autores e responsáveis por suas vidas. Talvez não seja aqui espaço “técnica e cientificamente” correto para trazer falas dos pesquisados, mas quebrando protocolos, considera-se interessante apontar alguns exemplos do que expuseram sobre a experiência de construir suas trajetórias socioprofissionais:

*eu achei muito interessante porque eu fiquei sabendo de coisas que eu não imaginava que pudessem ter acontecido na minha família [...] ...principalmente no que diz respeito aos meus avós, eu descobri muita coisa deles e que são coisas novas, assim, e que mexem com a gente, porque isso tudo é uma carga que a gente vem recebendo dos pais, dos avós e coisas que eu não sabia que eu completei em mim, sobre mim, né. Porque parte de mim também são eles, né, acho que um pouquinho de cada um aqui, que foi dando, dando até juntar aqui [apontou para si]. E pra mim foi fundamental porque eu valorizo, como te disse, a família, como o dom mais precioso de Deus, ao lado da vida, é claro, mas eu não teria minha vida se não fosse a minha família. **Então descobrir isso deles é também descobrir quem eu sou, né** (Giovani).*

*essa questão de voltar lá, e pensar e refletir, acabou até me dando um instrumento... sendo um **instrumento para minha reflexão**, assim, eu poderia ter feito diferente algumas outras coisas (Fábio).*

As reflexões aqui expostas são resultantes de alguns olhares, mas não os únicos possíveis. Certamente, outras compreensões podem ser feitas à luz de outras bases teóricas, demonstrando o caráter aberto e despretensioso do estudo nas ciências humanas. Portanto, as respostas concedidas à pergunta desta pesquisa não são absolutas e talvez nem suficientes, pois o processo de pesquisar parece abrir mais portas do que fechá-las. E, de fato, esse é um dos motivos mais prazerosos de ser pesquisadora: ser constantemente ávida por novos conhecimentos!

## REFERÊNCIAS

- A fraternidade OFM em números. 2012. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=5911>>. Acesso em: 08 abr. 2012.
- AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.26, n.2, p. 222-245, jun. 2006 a.
- AGUIAR, W. M. J. de. A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. **Psicologia da educação**, São Paulo, n.23, dez. 2006 b. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752006000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14 ago. 2012.
- AGUIAR, W.M.J. de; BOCK, A. M.B.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M. G.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2009. p.163-178.
- ALMEIDA, M.E.G.G. de; MAGALHÃES, A. S. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v.12, n.2, dez. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902011000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jul. 2012.
- AMATUZZI, M.M. O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.17, n.1, p. 15-30, 2000.
- ARAÚJO, A.M.; GAULEJAC, V.de. Introducción. In: ARAÚJO, A.M. (compiladora). **Sociología Clínica**. Una epistemología para la acción. Editorial Psicolibros Universitario, 2011. p. 7-11.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENELLI, S.J.; COSTA-ROSA, A. da. A produção da subjetividade no contexto institucional de um seminário católico. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.9, n.2, ago.2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2002000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000200003)>. Acesso em: 24 mai. 2012.

BENELLI, S. Percurso institucional do seminarista diocesano rumo ao sacerdócio. **Revista de Psicologia da Unesp**, Assis, v.9, n.10, 2010. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view/182/232>>. Acesso em: 26 mai. 2012.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERNARDES, A. G.; HOENISCH, J. C. D. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: GUARESCHI, N. M. de F.; BRUSCHI, M. E. (Orgs.). **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.p. 95-126.

BOCK, S.D. **Orientação profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica**. 2001. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_. **Orientação Profissional: A abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2002.

BOFF, L. **A vida segundo o espírito**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional - a estratégia clínica**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional da Saúde. **Resolução nº 196**, de 16 de outubro de 1996. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/deliberacoes/resolucoes.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

CAMARGO, C. **As vicissitudes da escolha da vocação religiosa:** estudo da identidade ocupacional de pastores presbiterianos brasileiros. 2003. 151 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CARRETEIRO, T. C.; FREIRE, L. de L. De mãe para filha: a transmissão familiar em questão. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2006. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652006000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652006000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 nov. 2012.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina:** um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. Identidade. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social:** o homem em movimento. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011. p. 58-75.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 9, p. 29-37, 2007. Edição Especial 1.

DAHER, R. **Apresentação.** 2012. Disponível em:  
<[http://www.franciscanos.org.br/n/?page\\_id=776](http://www.franciscanos.org.br/n/?page_id=776)>. Acesso em: 24 mar. 2012.

DECRETO *Perfectae Caritatis* – Sobre a conveniente renovação da vida religiosa. 2013. Disponível em:  
<[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_perfectae-caritatis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html)>. Acesso em: 17 mai. 2013.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ENRIQUEZ, E. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: LÉVY, A. et al. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.27-44.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERNANDES, S. R. A. "Ser padre pra ser santo"; "ser freira pra servir" - a construção social da vocação religiosa. Uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro. 2004. 372f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. Impasses da vida religiosa em contexto multicultural - interpelações sociológicas sobre demandas de identidade. **Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria**, Santa Cruz, v.10, n.18, p. 679-701, dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Jovens religiosos e o catolicismo: escolhas, desafios e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

\_\_\_\_\_. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.26, n.3, dez. 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922011000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 mai. 2012.

FRANÇA, L.H.F.P.; SOARES, D.H.P. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.29, n.4, p.738-751,dez. 2009.

GAULEJAC, V. de. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. **Cronos**, Natal, v.5/6, n.1/2, p.59-77, 2004/2005.

\_\_\_\_\_. **Qui est je? Sociologie clinique du sujet**. 2009. Disponível em: <<http://sociologies.revues.org/index3362.html>>. Acesso em: 19 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. El sujeto entre el inconsciente y los determinismos sociales. In: ARAÚJO, A.M. (compiladora). **Sociología Clínica**. Una epistemología para la acción. Editorial Psicolibros Universitario, 2011. p.27-36.

GIUSEPPE Francesco di Bernardone ou São Francisco de Assis. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/SaoFrsis.html>>. Acesso em: 19 ago. 2012.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.79-108.

GREBERT, L.; DANGIOLILLO, C. La resignificación del diálogo como herramienta epistemológica – reencuentro intergeneracional y acontecimiento. In: ARAÚJO, A.M. (compiladora). **Sociología Clínica**. Una epistemología para la acción. Editorial Psicolibros Universitario, 2011. p.155- 165.

GREENBERG, J. Escolhas. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.42, n.77, p.215-232, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HUFF JÚNIOR, A.E. Protestantismo, Modernização e Estado Leigo: Luteranos confessionais entre a ortodoxia e a laicidade nos inícios da era

Vargas. **Revista de Estudos da Religião**, PUC-SP, São Paulo, ano 8, p. 1-26, 2008.

IBGE. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 2012. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1)>. Acesso em: 22 out. 2012.

KIYAN, A.M.M. **A identidade do sacerdote católico**: um estudo sobre o celibato e a política de identidade da Igreja Católica. 2005. 189f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

KORMAN DIB, S.; CASTRO, L. R. de. O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.13, n.1, 2010. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpst/v13n1/v13n1a02.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

KRAWULSKI, E. A orientação profissional e o significado do trabalho. **Revista da ABOP**, Porto Alegre, v.2, n.1, p.5-19, 1998.

\_\_\_\_\_. et. al. Re-orientação profissional, orientação e o processo de escolha: notas sobre experiências vividas. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n.28, p.81-99, 2000.

\_\_\_\_\_. **Construção da identidade profissional do psicólogo**: vivendo as “metamorfoses do caminho” no exercício cotidiano do trabalho. 2004. 206f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

KÜLKAMP, C. **Como se forma o frade menor**. 2012. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/n/?p=4994>>. Acesso em: 08 abr. 2012.

LISBOA, M.D. **Orientação vocacional/ ocupacional**: projeto profissional e compromisso com o eixo social. 1995. 226f. Dissertação



(Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. A formação de orientadores profissionais: um compromisso social multiplicador. In: LISBOA, M. D.; SOARES, D.H.P. **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. São Paulo: Summus, 2000. p. 11-23.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, Revista de sociologia da USP, São Paulo, v.17, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a03v17n2.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2011.

MAHEIRIE, K.; PRETTO, Z. O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Niterói, v.19, n.2, dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200014&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 18 ago. 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NASCIUTTI, J. C. R. **Reflexões sobre o espaço da Psicossociologia**. 1996. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/20723223/57128-Texto-Reflexoes-Espaco-Psicossociologia>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

NOÉ, S.V. A vocação sublime: da relação entre religião e sublimação na definição da vocação religiosa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n.1, p.165 -182, 2010.

OLAZA,M. De investigación, vivencias y transformaciones... de transformaciones, vivencias e investigación. In: ARAÚJO, A.M. (compiladora). **Sociología Clínica**. Una epistemología para la acción. Editorial Psicolibros Universitario, 2011. p.175-186.

ORIENTAÇÕES para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20080628\\_orientamenti\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20080628_orientamenti_po.html). Acesso em: 03 dez. 2012.

PAIVA, G. J. de et al . Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 441-446, 2009.

PAULA, J. R. M. de. **Identidade Psicossocial do Clero Católico Contemporâneo**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. p.14-43.

RAITZ, T. R. **Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina**. 2003. 371f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

REY, F.L.G. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SANTOS, B. de S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996. p. 135-157.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis: Vozes, 1997.

SENE, C.J. **A identidade cultural dos candidatos à vida religiosa franciscana: um estudo de caso**. 2011. 74f. Monografia (Especialização em Antropologia), Universidade Sagrado Coração, Bauru, 2011.

SILVA, T.T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002.

SOARES, D. H. P.; SESTREN, G. A trajetória socioprofissional. In: LIMA, M.; BARROS, D. (Orgs.). **Orientação profissional: teoria e técnica**. vol. 3. São Paulo: Vetor, 2007, p. 81-96.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. P. **Choix professionnel**: projet des parents – projet des adolescents. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Louis Pasteur, Strasbourg, França, 1996. Publicada pelas Editions du Septentrion, em 1997.

SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. **Revista do programa de estudos pós-graduados. Psicologia da Educação**. PUC. São Paulo, v. 10, n. 11, p. 193-215, 2000.

TAKEUTI, N.M. Apresentação. **Cronos**, Natal, v. 5/6, n.1/2, p.15-18, 2004/2005.

UVALDO, M.C.C.; SILVA, F.F. Escola e escolha profissional – um olhar sobre a construção de projetos profissionais. In: LEVENFUS, R.S.; SOARES, D.H.P. & cols. **Orientação Vocacional Ocupacional**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 31-38.

VELHO, G. Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 13-37.

\_\_\_\_\_. Memória, identidade e projeto. In: VELHO, G. **Projeto e Metamorfose** – Antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.97-105.

VERIGUINE, N. R. et al. O método de pesquisa trajetórias no trabalho e processos identitários. In: **I Jornada Internacional de práticas clínicas no campo social**. ANAIS I Editora da Universidade de Maringá, 2010. v.1.

WEISZ, C.B. Sociología Clínica: ¿un desafío alternativo a la visión Hipermóderna? In: ARAÚJO, A.M. (compiladora). **Sociología Clínica**. Una epistemología para la acción. Editorial Psicolibros Universitario, 2011. p.117-125.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 7-72.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. T. V. (Orgs.). **Itinerários da pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: sumário: estruturação. Rio de Janeiro, 2002 a.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**: Informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002 b.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2012 a.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: resumos: redação e apresentação. Rio de Janeiro, 2012 b.

Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. 2012.  
Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/>>. Acesso em: mai.-dez. 2011.

## APÊNDICES

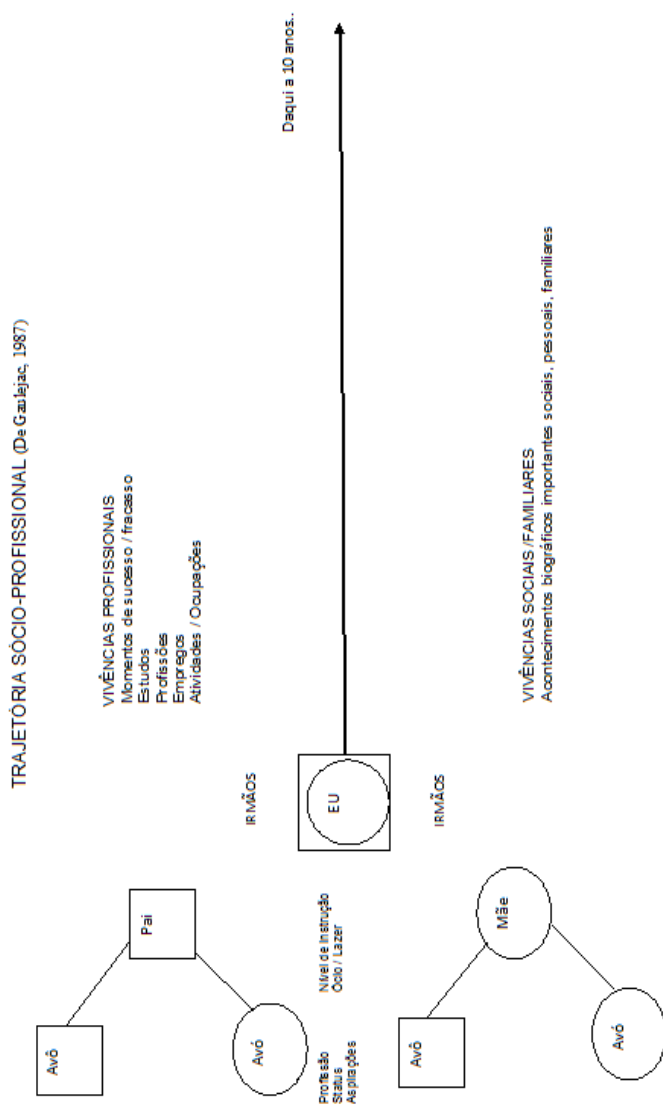
**APÊNDICE A – Tabela com referências de teses consultadas**

<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>	<b>DADOS DA TESE</b>
CAMARGO, Calvino	2003	<p>“As vicissitudes da escolha da vocação religiosa: estudo da identidade ocupacional de pastores presbiterianos brasileiros”</p> <p>Universidade de São Paulo</p> <p>Instituto de Psicologia</p> <p>Orientador: Yvette Piha Lehmann</p>
KIYAN, Ana Maria Mezzarana	2005	<p>“A identidade do sacerdote católico - Um estudo sobre o celibato e a política de identidade da Igreja Católica”</p> <p>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo</p> <p>Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia</p> <p>Orientador: Antonio da Costa Ciampa</p>
PAULA, José Rogerio Machado de	2006	<p>“Identidade Psicossocial do Clero Católico Contemporâneo”</p> <p>Universidade de São Paulo</p> <p>Instituto de Psicologia</p> <p>Orientador: Geraldo José de Paiva</p>

FERNANDES, Sílvia Regina Alves	2004	"Ser padre pra ser santo"; "ser freira pra servir" - a construção social da vocação religiosa. Uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro  Universidade Estadual do Rio de Janeiro  Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  Orientadora: Cecília Loreto Mariz
-----------------------------------	------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



## APÊNDICE B - Modelo da trajetória socioprofissional



## **APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. Descreva sua vida antes de entrar no seminário.
2. Descreva sua vida escolar antes de entrar no seminário (como era o desempenho, o que mais gostava de estudar, o que não gostava, como era a relação com a escola, etc).
3. Quais eram suas atividades de lazer?
4. Quais eram suas atividades sociais (grupos e locais que participava em sua cidade/ comunidade)?
5. O que significava para você participar destas atividades sociais?
6. Houve pessoas que você admirava e acreditava serem exemplos a seguir? Quem eram e por que as admirava?
7. O que lhe estimulou a optar pelo ingresso ao seminário?
8. Como foi a tomada de decisão pelo ingresso ao seminário? (família, comunidade, amigos...)?
9. Por que você optou por ingressar na Ordem Franciscana e não em outra Congregação?
10. O que você esperava ao entrar no seminário?
11. Qual visão você tinha do seminário antes de entrar?
12. Você pensou em seguir outros caminhos (profissionais) antes de querer entrar para o seminário? Caso a resposta seja afirmativa, qual (is)? O que fez com que não seguisse a(s) outra(s) possibilidade(s)?
13. Como foi sua entrada no seminário?
14. Para você, o que significa ser seminarista?
15. Para você, o que significa ser um franciscano (independente da ordenação ou não)?
16. Como é o cotidiano no seminário?
17. Quais as dificuldades encontradas ao longo de sua trajetória no seminário?
18. Quais os aspectos positivos e negativos de ser um seminarista?
19. Quais são seus objetivos futuros e como você se vê daqui a 10 anos?

## APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Michela da Rocha Iop, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e estou realizando uma pesquisa acerca da escolha de jovens pelo ingresso à vida religiosa, sob a orientação da Prof. Dra. Dulce Helena Penna Soares.

Esta pesquisa almeja compreender quais as possíveis implicações das trajetórias de vida destes jovens, nos âmbitos social e profissional, na escolha que estão fazendo pela vida religiosa. Para realizá-la, utilizarei entrevista e a técnica da trajetória socioprofissional, as quais buscarão acessar informações relacionadas às trajetórias de vida e à escolha pela vida religiosa efetuada pelos jovens em questão. Para melhor compreender o conteúdo das entrevistas, utilizarei gravador e ressalto que esta pesquisa não trará nenhum tipo de desconforto ou risco.

Caso esteja de acordo em participar, garanto que sua identidade estará em sigilo e suas informações terão cunho confidencial, sendo somente utilizadas nesta pesquisa.

Destaco que sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e você tem o direito de manifestar-se caso não queira prosseguir participando, sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Se tiver alguma dúvida com relação à pesquisa ou não quiser mais ter suas informações utilizadas, favor entrar em contato pelo telefone (47) 9981-7831.

**Assinaturas:**

**Data:**     /     /

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Pesquisadora responsável: \_\_\_\_\_

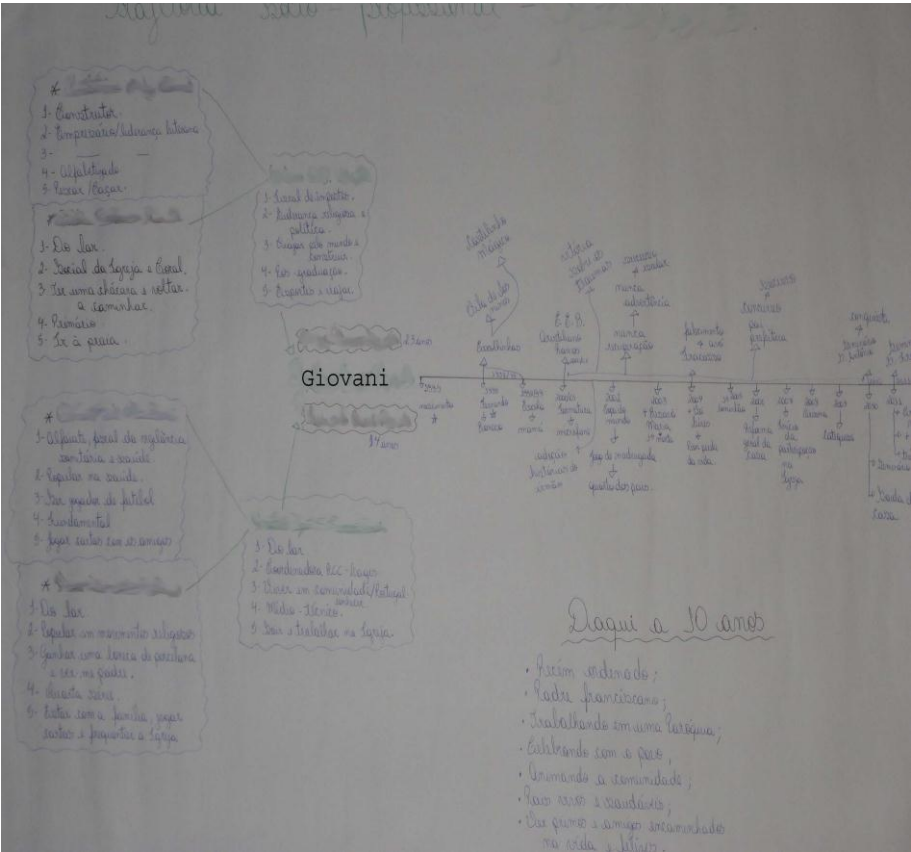
Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) da carteira de identidade n.º \_\_\_\_\_ responsável por \_\_\_\_\_, autorizo sua participação neste estudo, tendo ficado esclarecido pela pesquisadora sua finalidade.

Eu, \_\_\_\_\_, fui esclarecido sobre a pesquisa acima explicitada e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

**ANEXO A - Trajetórias socioprofissionais construídas por alguns  
pesquisados**



Trajecória socioprofissional de Giovani



## Trajecória socioprofissional de João

